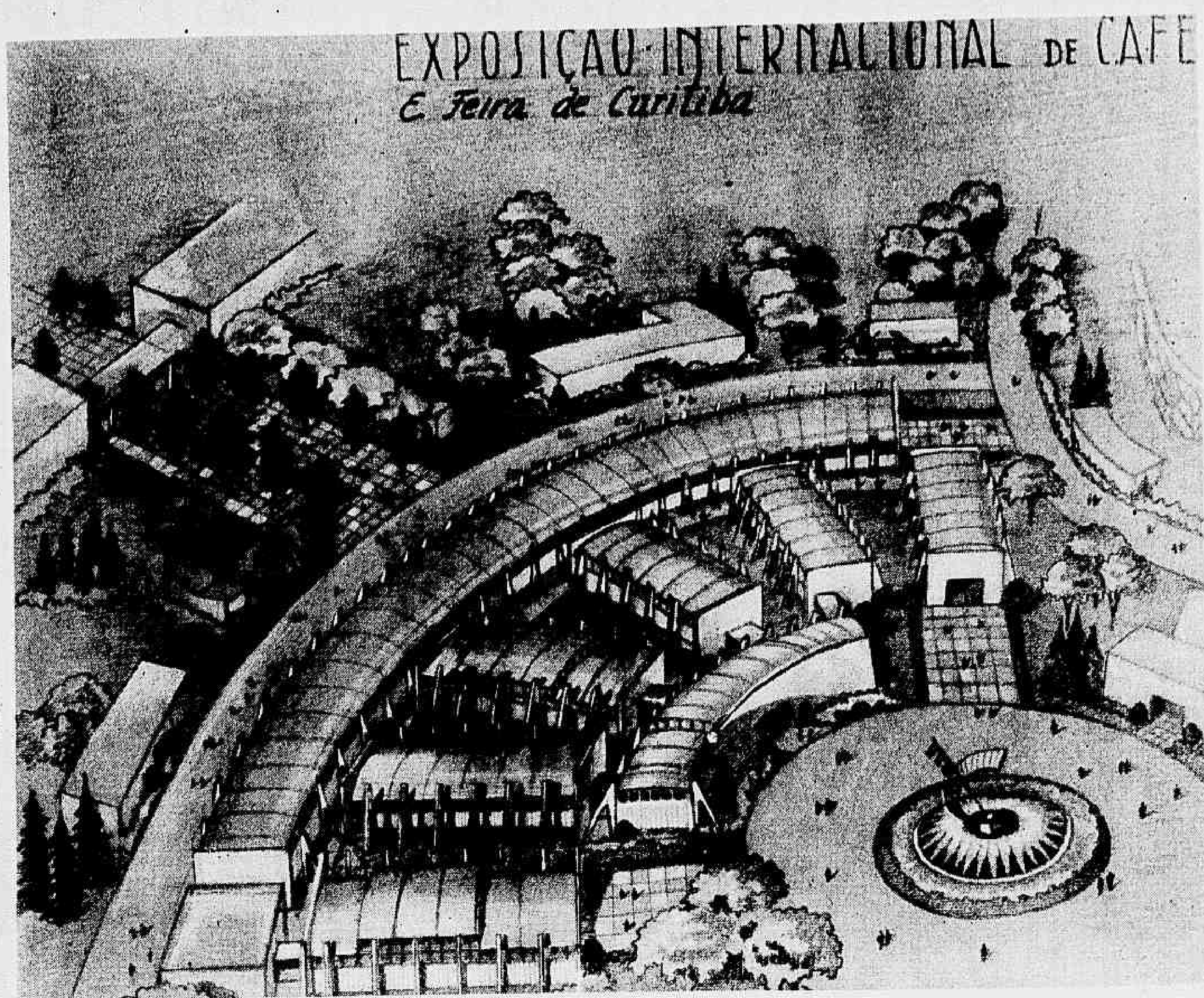
REVISTA DA SEMANA

1 2-1-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil





UM DOS CONJUNTOS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

1853—1953
PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ

•

CURITIBA VOS ESPERA!

VISITE A CIDADE SORRISO, DE 19 DE DEZEMBRO A 19 DE MARÇO, QUANDO ELA APRESENTARÁ AO MUNDO

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ e A FEIRA DE CURITIBA

UM MONUMENTO AO PRODUTO MÁXIMO DO BRASIL, "O CAFÉ" E EMPOLGANTE PARADA DAS FÔRÇAS ECONÔMICAS DA NAÇÃO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE GRANDIOSIDADE E ENCANTAMENTO. UM MUNDO DE DIVERSÕES E ATRAÇÕES VOS ACOLHERÁ!



VISTA PANORÂMICA DE CURITIBA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 1 ★ 2-1-54

SUMÁRIO

Os donos da rua 8/11
Os candidatos terão de bater às portas dos turunas 13/15
O rei Pedro assinou um cheque sem fundos 16/18
Só os ricos podem dever 20/21
A profissão de carrasco também tem os seus espinhos 26/27
Como vejo Jânio Quadros 28/29
Depois da barreira do som a muralha do calor 30/31
Tem 126 anos a velha mais velhinha do Brasil 36/37
Não soprem os mobilés de Mr. Calder 40/41
Estourou a guerra civil na UDN 47/49
Em 1953 o Teatro (no Brasil) estêve péssimo e ótimo 52/53
Por êsse mundo de Deus 4/6
O Brasil Fora da Barra 7
O cacimbão de Soure 19
Semana Literária 24/25
Semana em revista 54/55
Semana política 56/57
Último flash 58

CAPA
Esther Williams (MGM)
Kodacromo MGM

Redator-Chefe: Joel Silveira
Assistente: Hélio Abreu
Paginação: Victor Tapajós
Desenhos: Alberto Lima
Publicidade: J. M. Costa Júnior

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito
Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15. Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

PASSEIO

JOEL SILVEIRA

O poeta Schmidt nos põe num carro grande e lustroso (fretado à razão de 10 dólares a hora) e nos leva pelos campos da Virgínia. Viagem de matar, confôrto branco e monótono: a estrada se estirando em duas sólidas retas de cimento e, dos lados, a paisagem invariável do campo bem cuidado, com os seus irrepreensíveis retângulos e seus minúsculos bosques arrumados como buquês. O sol já não é o do inverno, mas também ainda não é o da primavera — e o da primavera só o teremos no dia exato, na hora exata, porque assim vem sendo desde que êste país, após a guerra da Secessão, entrou definitivamente na ordem e se transformou numa formidável linha de montagem.

Não há imprevistos nesta viagem que demora horas. É como se estivéssemos correndo por entre muros de cartões postais. Boceja-se com fartura. A bôca do poeta se escancara como um túnel, vem de suas entranhas soturnos gemidos de fastio. E quando o cansaço do descanso chega ao extremo (já estamos todos naquela postura derreada que entrefecha os olhos e entreabre as pernas), um de nós chega ao desfrute cívico de lamentar, em tom auri-verde, a ausência dos imprevistos e tormentos tão comuns nos bravos e ínvios e por vêzes ferozes caminhos brasílicos: uma ponte quebrada, um atêrro de emergência, e os buracos! magníficos, redondos, profundos, quase sempre encapuzados numa sombra ou encolhidos, matreiros, sob a copa alcoviteira de uma jaqueira de dois séculos. Mas aqui não cantam os sabiás, e já que nos metemos nesse branco dominical, brancos e vazios começamos e vazios e brancos seremos até o fim — e lá vamos, de «pulmann» macio por estradas de platina cravejada de «drug-stores», mastigando o «chiclet» sem gôsto de uma desidratada peregrinação. E já o poeta imergiu, volumoso e ungido, na sua periódica beatitude, que é o outro lado de sua rua humana, e, olhos fechados e lábios trêmulos, deve estar cochichando com os seus santos.

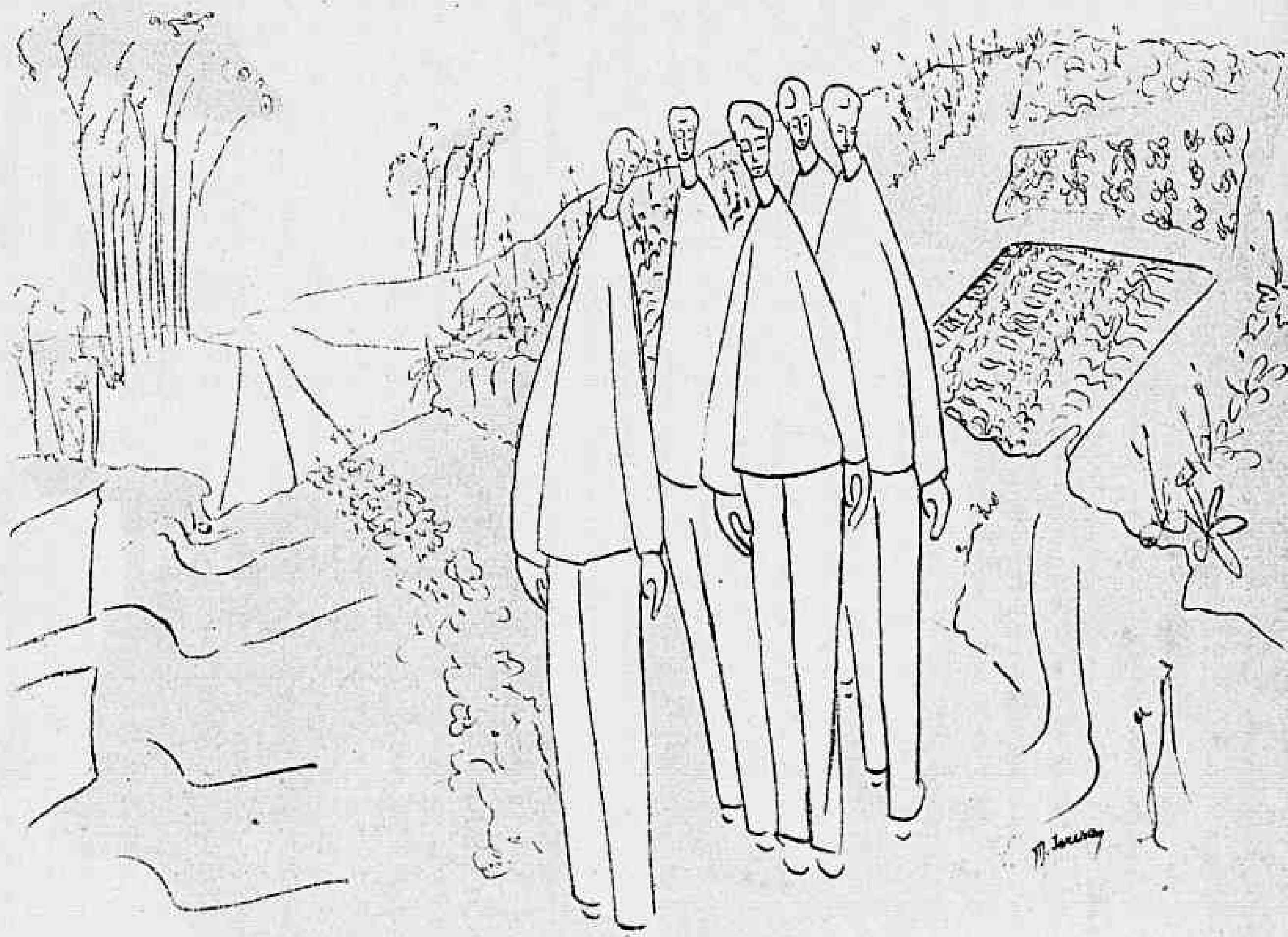
★

Oh! torpor das coisas fartas e certas e exatas. O bom e preciso funcionamento de tudo — do motor do carro, que ronrona como um gato sadio, dos indicadores da estrada, que resumem em símbolos tôda a complicada geografia, a simetria das begônias, lembrando um depósito de granadas — tudo isso, perfeito e limpo, começa por nos entorpecer as pernas, é como uma mão morna que nos pega os pes, nos alcança as coxas, aperta gostosa naquele lugar e, finalmente, abraça com fôrça o coração, que repentinamente fica como um pombo aflito se batendo na palma que aperta, aperta... Será Richmond uma esperança de luz, amor, «whisky and soda», quiçá música e mulheres? Com o que nos resta de ôlho, fitamos à frente, na espectativa da aurora que poderá surgir de uma hora para a outra, libertando-nos da indecente mão que nos alisa e calca. Mas, nas portas da cidade, o «chauffeur» freia, violento, e quase nos esborrachamos de encontro ao domingo, que aqui não é uma data na folhinha, mas um paredão.

Era domingo, Richmond trancava-se por dentro com o jeito egoísta e ciumento de um cinto da castidade. Não há ninguém nas ruas, embora o poeta, de volta dos páramos, afirmasse ter entrevisto, num relance, dois fantasmas numa esquina, de tricórnio e espada fina. As portas herméticas nos agridem com o seu terrível olhar de velhas; e até as bandeiras estão quietas, porque também o vento deixou a linha de montagem e foi vadiar pelos campos.

Penetramos na cidade deserta com o cuidado e o sobressalto alerta de conquistadores: somos exatamente cinco cavalos de Tróia. Um de nós sugere abandonarmos a viatura para um «raid» de reconhecimento; confabula-se; opina-se; receia-se; decide-se: e lá seguem os cinco equinos na caça de uma porta aberta, de uma voz, de um galho que mexa, da morte mesma, mas que seja já! Aquilo ali na esquina próxima não é um boteco aceso, é um fanal: a êle nos atiramos, as ferraduras gregas martelando o asfalto, e logo envolvemos o taverneiro num tumulto, e cada um grita por uma ambrósia, um nétar, qualquer bebida dos deuses, embriagadora e fulminante. Mas quando a algarávia cessa, cada um tem à sua frente um copo comprido e bojudo onde palpita, freme e borbulha a coalhada branca e pura de uma formidável e desconhecida vaca virginiana.

Bebemos dois goles cada; morremos em seguida. Enterrados ali mesmo, nossas cruzes branquejam agora sob o sol, mas já não são cruzes, mas pequenos postes de mármore onde se pregaram sinais de trânsito. Na do poeta — eu soube no céu, por alguém que chegou depois de nós — colaram o anúncio colorido e meigo de um refrigerante, no qual se vê gentil donzela adormecida sôbre o vergel florido e tendo ao lado, já pela metade, uma garrafinha da citada perfumaria.



Ilustrou MARIA TEREZA



Por êsse Mundo de Deus

QUEM OLHA para Valerie Pertwee pensa logo que se trata de uma destas glamorosas descobertas do cinema italiano brotando «oomph» por todos os poros. Mas não é... Valerie é inglêsa e casada com o escritor Michael Pertwee. Trabalha atualmente no papel de uma mundana no filme italiano «Madalena», após terminar sua parte num filme inglês, interpretando uma jovem irlandesa na comédia «O'Leary Night».

"PING-PONG"

A revista «Point de Vue» apresenta em seu último número uma rápida entrevista «ping-pong» com dez celebridades francesas. Perguntas e respostas feitas ao escritor Paul Léautaud, de noventa anos:

— Onde gostaria de viver?

— Onde estivesse ainda mais isolado do que agora estou.

— Seu personagem favorito?

— Talleyrand.

— Que qualidade prefere na mulher?

— Não lhe reconheço qualidades.

— E no homem?

— A franqueza, o desinterêsse.

— Em que idade viu pela primeira vez um cadáver e qual foi sua reação?

— 30 anos. Comicidade e repulsa.

— Gostaria de ter um trabalho manual?

— Arrumo minha casa e lavo minha roupa branca.

— Em que época teria preferido viver?

— No tempo de Voltaire e Diderot.

— O herói de romance de sua preferência?

— Candide. O sobrinho de Rameau. Brotteaux d'Illetes, dos «Dieux ont soif».

— Ama a vida perigosa?

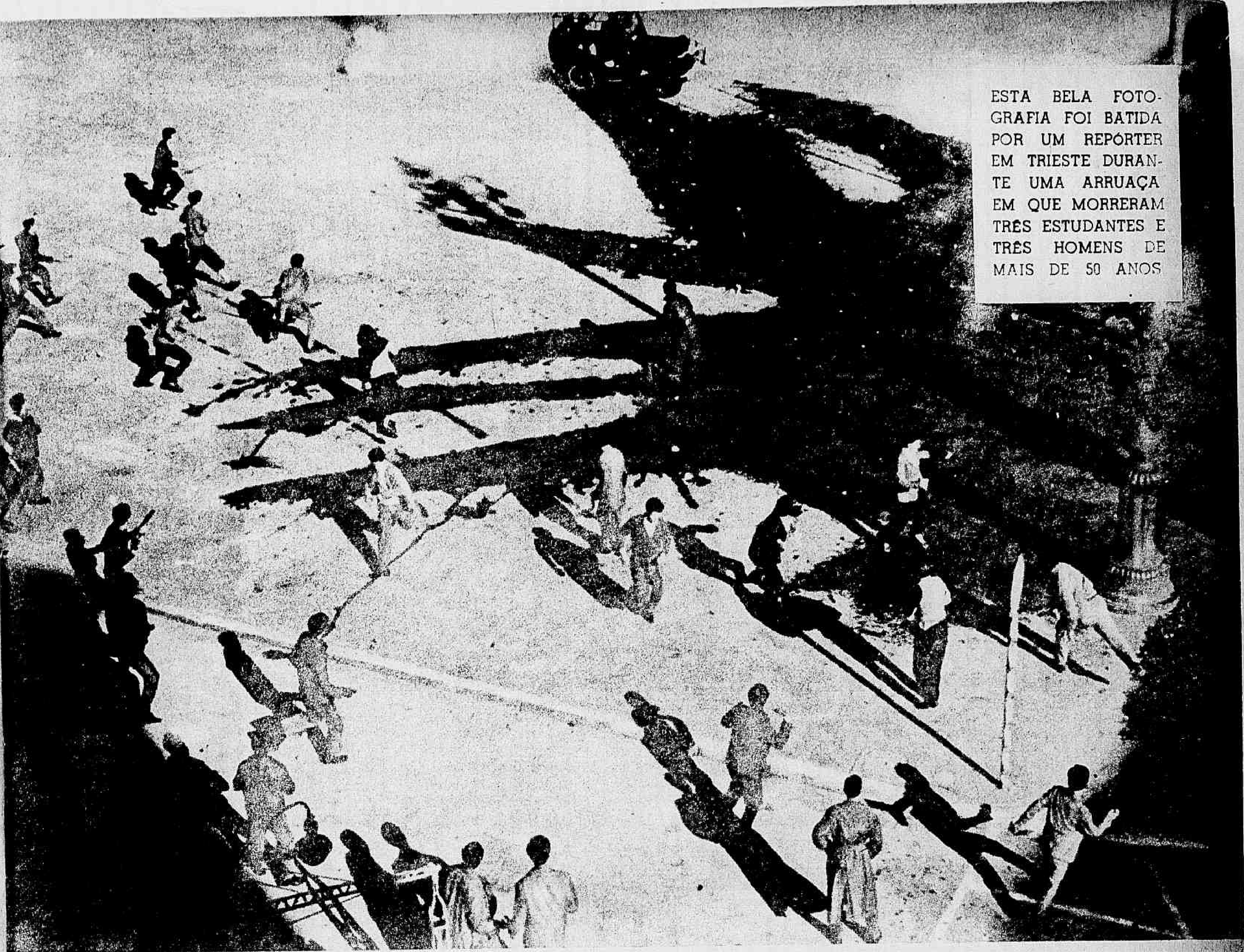
— Não.

— Que pensa da amizade?

— Meus amigos são mais meus amigos do que eu dêles... Sou uma natureza ruim.



GINA LOLLOBRIGIDA, a «maior» na opinião do organizador desta página.



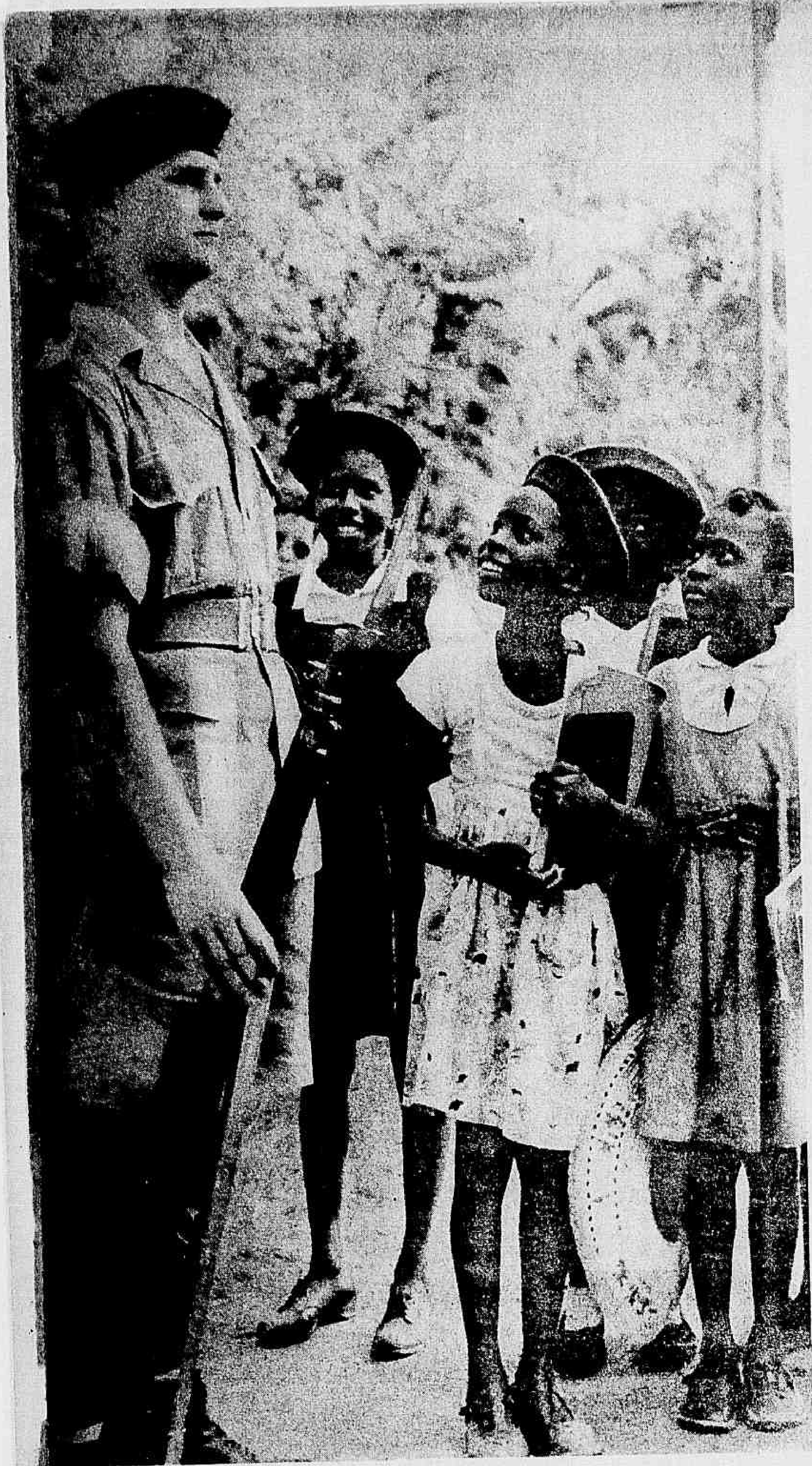
ESTA BELA FOTOGRAFIA FOI BATIDA POR UM REPÓRTER EM TRIESTE DURANTE UMA ARRUAÇA EM QUE MORRERAM TRÊS ESTUDANTES E TRÊS HOMENS DE MAIS DE 50 ANOS

UM FILME SÔBRE HITLER FINALMENTE LIBERADO



● Êste filme foi liberado pelo serviço de contrôle de filmes alemães, quando havia sido proibido pela Secretaria de Estado. Graças às proibições e discussões que produziu para a sua exibição pública, a película teve assim, a sua melhor publicidade. Foi exibido em dez casas de espetáculo em Hamburgo. O título alemão do filme é «Cinco minutos após o meio-dia». Na foto da direita vê-se um flagrante da primeira discussão provocada pela fita: dois alemães, diante dos cartazes de um teatro, travam acalorados debates. Na foto da esquerda aparecem, em pessoa, os dois personagens principais de «Cinco minutos após o meio-dia: Adolph Hitler e Eva Braun.





A CARICATURA DA SEMANA



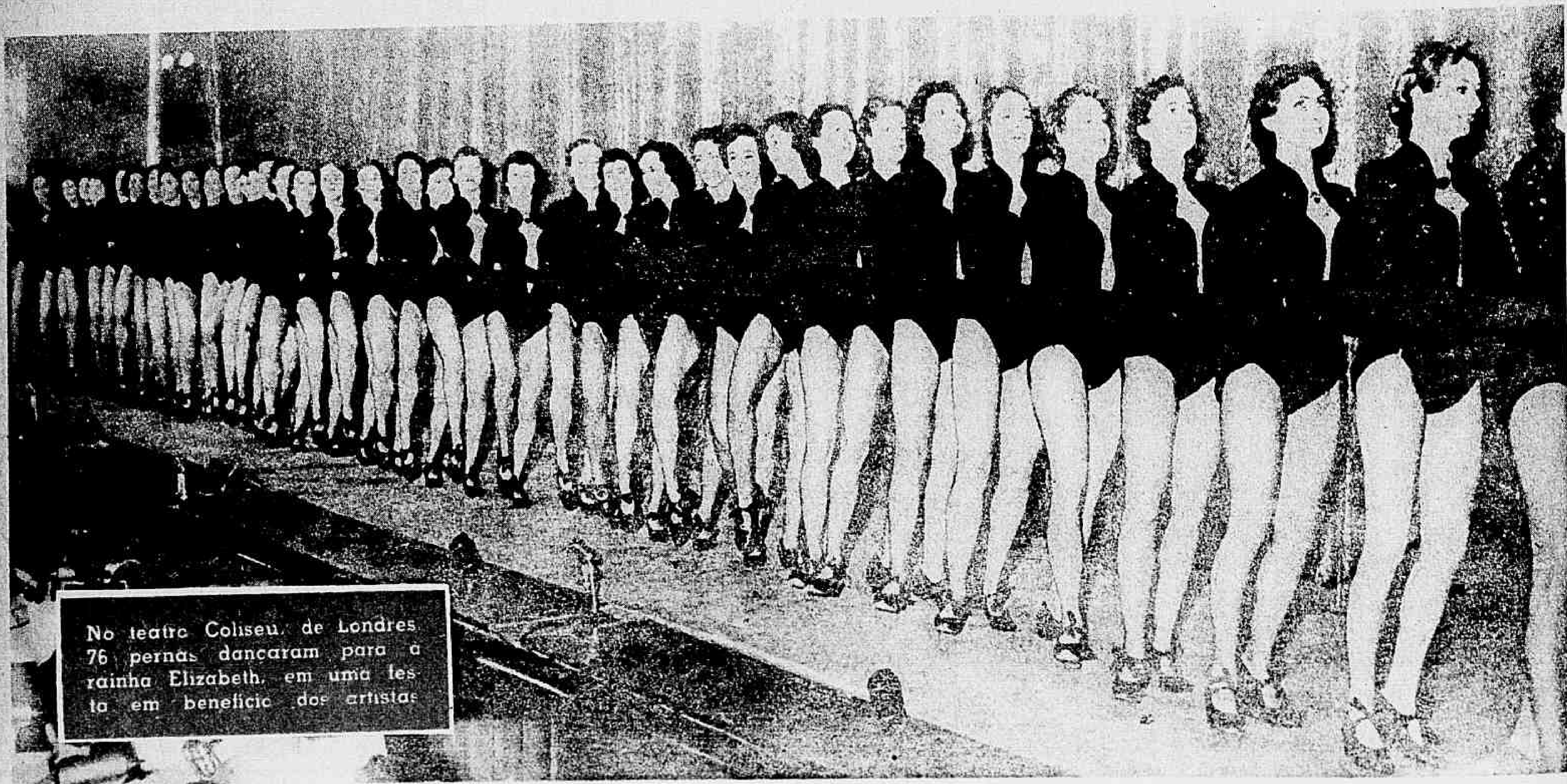
— Quer me dar sua mão: sempre gosto de ler um pouco antes de dormir.

● Três pretinhas da Guiana inglêsa «gozando» um soldado de sua Majestade Britânica.

Por êsse *Mundo* de Deus

● Recuperando o equilíbrio nervoso, perdido quando filmava nos Estados Unidos, Vivien Leigh voltou ao palco, em Londres, onde está apresentando atualmente, com o marido, a peça «The Sleeping Princess», de autoria de Terence Ratingam.





No teatro Coliseu, de Londres, 76 pernas dançaram para a rainha Elizabeth, em uma festa em benefício dos artistas.

O BRASIL FORA DA

● Sob o título «A Aventura Impossível», Alain Gheerbrant narra os horrores e lutas por que passou e como teve que enfrentar a morte e o desespêro, muitas vêzes, em sua expedição pelo rio Amazonas até a Sierra Parima, que separa a Venezuela do Brasil. A publicação é feita, em série, numa revista inglêsa. Na foto, Alain e Pierre Gaisseau.





● A seção de crítica dos programas de televisão, numa revista inglêsa, referindo-se à BBC, disse que para saírem do ramerrão de todo dia, sempre com as mesmas caras e as mesmas piadas, apresentaram «Braziliana», programa no qual um grupo de cantores e dançarinos brasileiros demonstraram o ritmo exótico e de sangue quente do samba. Termina o comentarista dizendo que embora as espôsas tenham reprovado, aos maridos agradou bastante. Quanto às crianças... bem, já deviam estar na cama, àquela hora.



● Um semanário suíço — «L'Illustré» — apresenta uma reportagem sôbre a dança no Brasil, fazendo longa apreciação a respeito da mescla de raças que constitui o povo. Além disto, informa que o carnaval no Rio de Janeiro é uma festa que dura semanas; menciona o fato de uma expedição ter fotografado uma audição de Mozart, em plena floresta Amazônica; e comenta a ausência de hipocrisia, em nossa sensualidade. Termina apontando o Brasil como o mundo do futuro, em ebulição, cheio de euforia, de alegria de viver e consciente desta alegria.



CEMITERIO DE VIVOS

As ruas do Rio são dominadas violentamente pelas rodas dos veículos. A vida humana sofre constantes ameaças: os indivíduos locomovem-se sob a pressão do perigo. Ninguém sabe de que lado a morte vai atacar.

OS DONOS DA RUA

AUTOMÓVEIS, ÔNIBUS, CAMINHÕES E LOTAÇÕES DOMINAM O ASFALTO, E ÀS VÊZES MESMO A CALÇADA ★ RODAS GIRANDO A 60 E 80 QUILÔMETROS NA ÂNSIA DE CEIFAR VIDAS ★ A VERTIGEM DA VELOCIDADE PARA O TÚMULO ★ HOMENS VIOLENTOS E SEM EDUCAÇÃO DOMINAM O TRÁFEGO DO RIO ★ UM TESTE DE INTELIGÊNCIA PARA OS MOTORISTAS PROFISSIONAIS.

Reportagem de LEON ELIACHAR  **Fotos de FERREIRA A. MIRANDA**



O ÔNIBUS
Imponente e autoritário, êle abre caminho com o seu volume. Suas duas toneladas de pêso destroem a lei do tráfego. E' também um deformador de temperamentos, pois imprime aos seus condutores, um complexo de superioridade.

SEMPRE começa assim: uma freiada brusca, um baque surdo, um corpo caindo e um veículo que desaparece, perdendo-se na confusão do trânsito. Curiosos se aproximam, baixam a cabeça para ver um infeliz que se contorce de dor, no asfalto quente e úmido de sangue. Ninguém viu o número da licença do carro. Ninguém sabe quem é o culpado. Ninguém quer saber. Quando a Assistência chega, a multidão se afasta para dar passagem à maca. Dois enfermeiros fazem mecânicamente o serviço diário, trazem ataduras, transportam o corpo para dentro do carro branco. A sereia apita, o motor ronca fortemente, e um vácuo domina a cabeça inquieta dos que ficaram. E' bem provável que a vítima morra antes de chegar ao Pronto Socorro. E a confirmação vem no dia seguinte, sem o menor destaque, na coluna de ocorrências dos jornais.

O PEDESTRE, ÊSSE DESCONHECIDO

Oito, nove, dez vêzes por dia o fato se repete. O que significa que cêrca de 300 pessoas por mês perdem a vida por atropelamento. 150.000 veículos deslizam soberanos pelas ruas, ameaçando constantemente a segurança dos seus 2 milhões de habitantes. E' talvez um dos únicos absurdos em que a minoria vence esmagadoramente a maioria. O pedestre do Rio anda sempre sobressaltado, entre o ranger dos pneus, o roncar dos motores e o ruído impertinente das businas. E que é que se faz em seu favor? Faixas de Segurança, Sinais Luminosos, Guardas de Trânsito. Mas nada disso é respeitado, quando se está dentro de uma caixa de aço com o pé no acelerador.

O PASSAGEIRO, ÊSSE SACRIFICADO

Dentro de um ônibus ou dentro de um lotação, o indivíduo não tem também a menor segurança. Tem de estar sujeito aos maus tratos dos choferes e dos trocadores, geralmente sujeitos imbecis, brutalizados pela própria profissão, e que dominam pela estupidez qualquer situação. A falta de confôrto é patente: janelas sem vidros, bancos incômodos, campainhas que não funcionam, portas que não fecham. Sem contar na irresponsabilidade dos donos das emprêsas, que põe nas ruas veículos completamente condenados pela insegurança que oferecem. Não são raros os casos de ônibus incendiarem-se em plena rua, vítimas de curto-circuito que poderiam ser evitados; lotações espatifarem-se de encontro a um poste por falta de freio; caminhões entrarem casa a dentro por partir-se a barra da direção, inteiramente gasta. Além da imprudência dos choferes, verdadeiros loucos homicidas.

OS TÁXIS

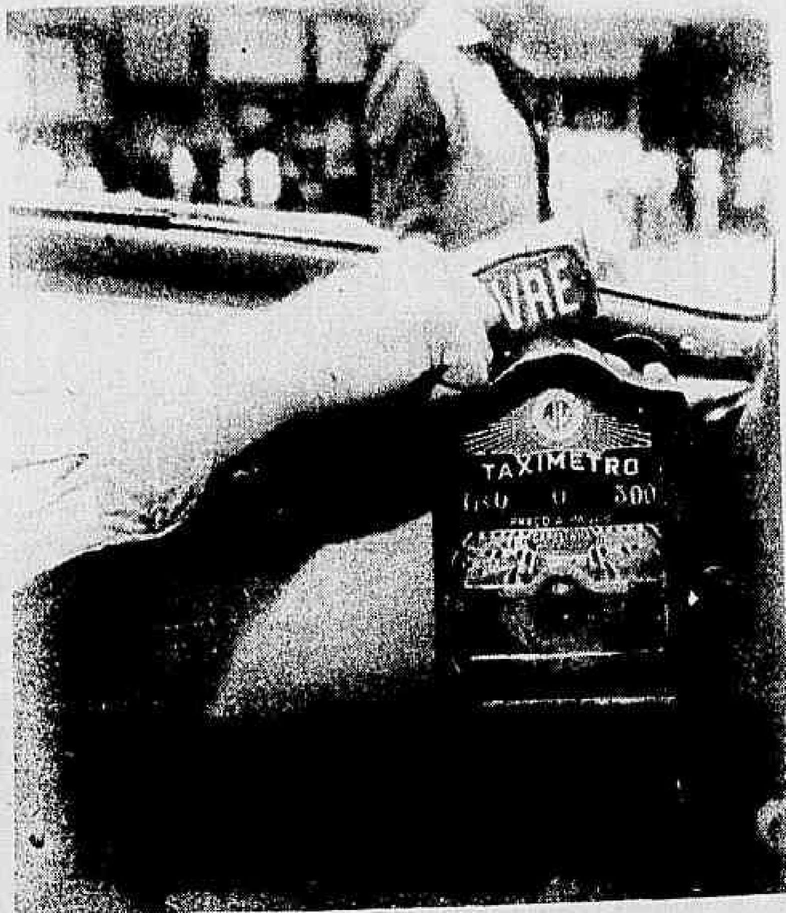
Em dia de chuva, os táxis são os donos da praça. Exigem quanto querem, só vão para onde querem. A maioria passa com o carro vasio e com a bandeirinha arreada. Não querem atender ninguém. E' uma vingança muda contra os passageiros que se molham na beira das calçadas, fazendo sinais e gestos para o ar. Tudo em vão. Os choferes passam frios, irredutíveis na sua pose de proprietários da situação.

Em dia de sol, fazem manobras no meio da rua, impedindo o trânsito, param em locais proibidos para receber passageiros, sem se importarem com quem esteja atrás. E não admitem a mais leve observação, porque o seu vocabulário de palavrões está sempre em dia para ser pôsto em prática. Entram em ruas contra a mão para economizar tempo e gasolina, porque tudo é lucro. Nunca têm trôco para dar ao passageiro que é obrigado a dar de gorjeta 10 ou 15 cruzeiros além do que marca o taxímetro.



OS DONOS DA RUA







O LOTAÇÃO

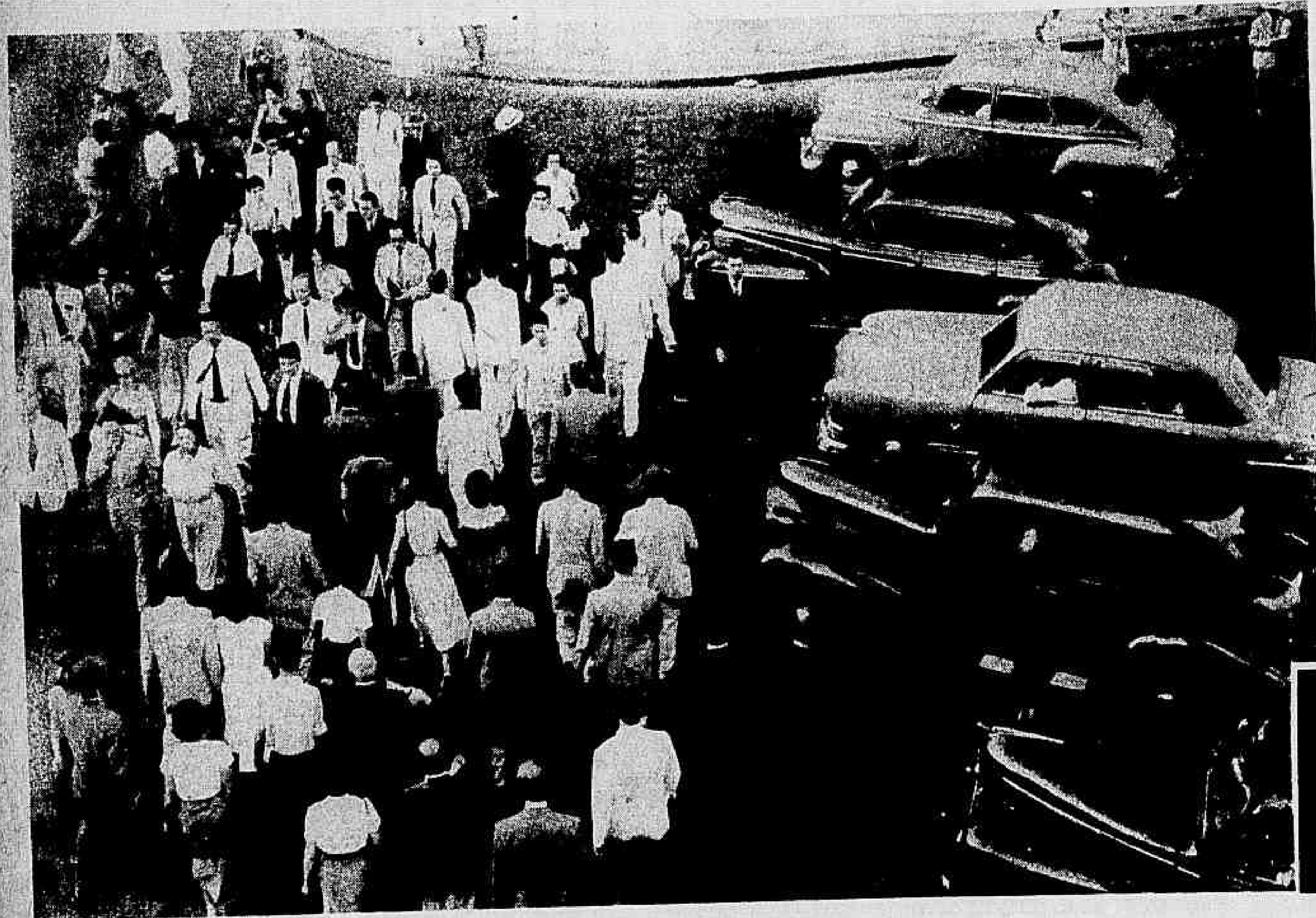
Veloz, ágil, audacioso, violento, êle corta a rua da cidade em tôdas as direções. No volante, há uma figura de forma humana, com dois braços, duas pernas e uma cabeça sem cérebro.

O TÁXI

Quando a bandeirinha desce começa a carnificina. A máquina de matar arremete, furibunda e cega, mandíbulas abertas, voraz e selvagem. São os inconscientes donos da rua; e do trôco.

O CAMINHÃO

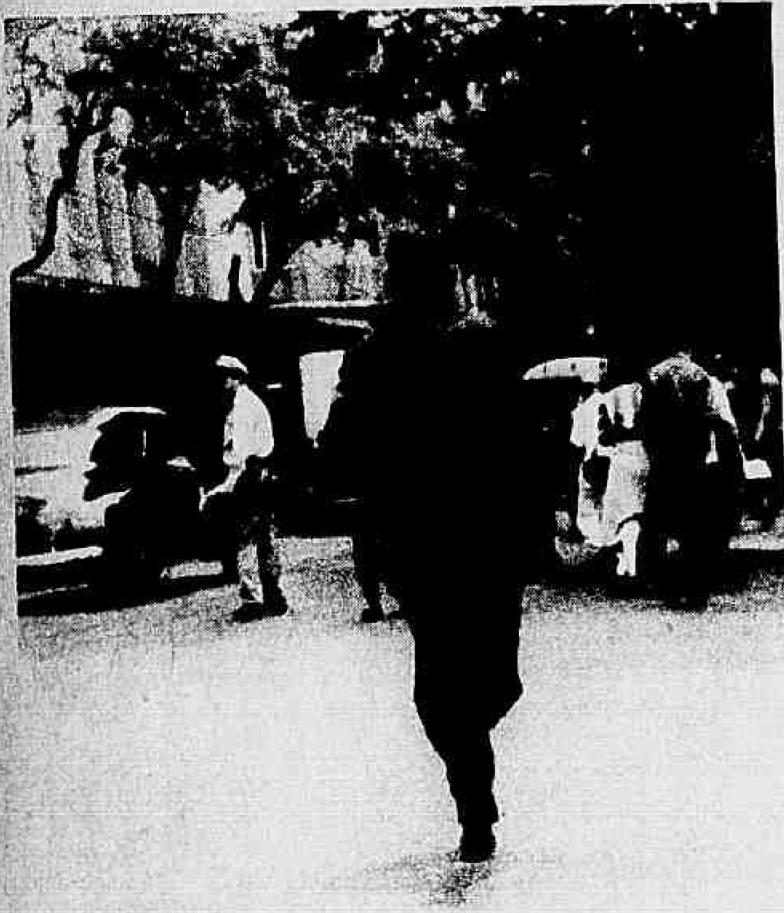
O caminhão está para o ônibus assim como o «gangster» de Chicago está para o pistoleiro de Caxias. A pontaria é a mesma. Acertam sempre e na sua faina sanguinária devoram até muros.



Repare bem: 99,9% dos desastres são provocados por veículos dirigidos por profissionais. Quando v. parar para olhar um desastre, um choque de veículos, verifique bem a côr da chapa: ou é vermelha ou é branca. Infalível. Porque o profissional tem obrigação a cumprir, tem hora marcada para apanhar o ministro ou o deputado, ou tem que voltar ao «ponto» para esperar outro passageiro. Velocidade, imprudência, coragem, audácia, apertam o seu pé no acelerador. Os cruzamentos são meros acidentes; a sua rua é sempre a preferencial, os sinais luminosos estão sempre marcando verde, as taxas do asfalto são mera formalidade, os pedestres são pequenos pontinhos pretos que sabem saltar na devida hora. O importante mesmo é não perder tempo e não gastar freio. E êsse negócio de fazer a mudança das marchas dá muito trabalho e escangalha os nervos. E quando há uma colisão o «outro» é sempre o culpado. **(Cont. na pág. 50)**

ABRIU O SINAL:

Saída única, a todo risco. Os carros estão todos alinhados, indóceis, como se fôssem cavalos a disputar o Grande Prêmio Brasil. Não respeitam nada, a não ser a luzinha verde. Êles têm uma missão urgente a cumprir: M A T A R.







OS INQUILINOS DA RUA

O pedestre é uma vítima permanente do tráfego. A faixa de segurança, os sinais luminosos, os guardas de trânsito são meras formalidades que os proprietários da rua desconhecem completamente. O pedestre anda sempre assustado, atravessa a rua correndo para chegar ao outro lado. Mas nem sempre chega.

APESAR DE TÔDAS AS ADVERTÊNCIAS, NO RIO DE JANEIRO TODOS OS CAMINHOS LEVAM AO DESASTRE.

A venda

ALMANAQUE
EU SEI TUDO
PARA 1954

PROCURE NAS BANCAS DE JORNAIS E LEVE PARA CASA O MAIS COMPLETO RETRATO DO ANO

★

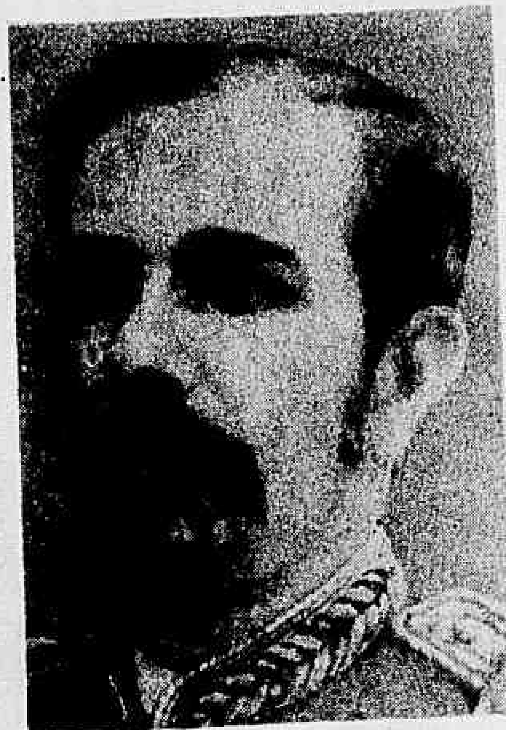
CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO.

★

O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS



Puxe pelo CÉREBRO



NOSSA COLUNA DE TESTES

1 Êste militar foi quem proclamou a República. Quem é êle:
— Floriano Peixoto?
— Deodoro da Fonseca?
— Duque de Caxias?

2 Antes de a Cristandade possuir o seu Natal em louvor a Cristo, já os romanos do paganismo realizavam uma festa igual, em homenagem a quem:
— Ao deus Júpiter?
— Ao seu Imperador?
— Ou não havia nenhuma Festa de Natal?

3 Que vem a ser «consoada»:
— Ceia do Natal?
— Esquecimento de ofensas?
— Pão dos Judeus?

4 Que significa o nome «Damião»:
— Bravo?
— Aquêle que é do Senhor?
— Popular?

5 De quem é esta sentença: «O historiador não deve ter nem pátria nem rei»:
— Almeida Garrett?
— Rocha Pombo?
— Suetônio?

6 Em qual destas datas correu o primeiro trem do nordeste:
— 9 de outubro de 1868?
— 8 de fevereiro de 1858?
— 20 de janeiro de 1840?

7 Qual é a tradução do nome indígena «Itatiaia»:
— Grande vista?
— Serra dos ventos fortes?
— Pedras das águas saudáveis?

8 Em que cidade Carlos Gomes escreveu a música da ópera «O Escravo»:
— Milão?
— Paraíba do Sul?
— Belém?

9 Em que é a mina de ouro de Nova Lima, Minas Gerais, a mais famosa do mundo:
— Em profundidade?
— Em produção?
— Em aparelhamento?

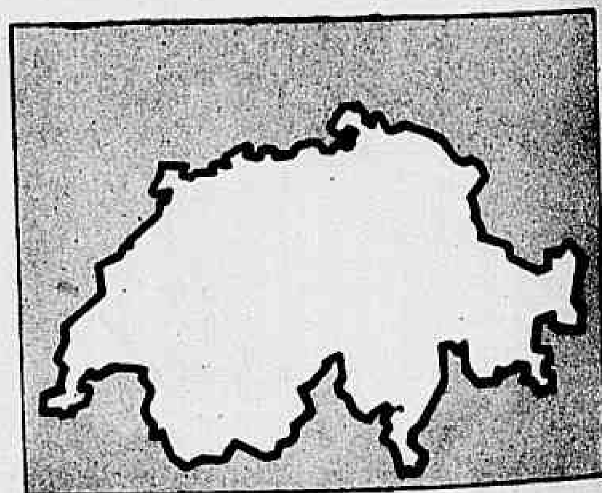
10 A que povo se atribui a descoberta do vidro:
— Ao alemão?
— Ao fenício?
— Ao índio da América do Norte?

11 O navegador Marco Polo era:
— Português?
— Espanhol?
— Veneziano?

12 Quem foi que encontrou a famosa «Pedra da Roseta», no Egito:
— O sábio Champolion?
— Bouchard, oficial de Napoleão?
— O próprio Napoleão Bonaparte?

13 Quem possui maior número de glóbulos vermelhos no sangue:
— O homem?
— A mulher?
— Ou há igualdade?

14 Qual é o maior dos roedores:
— A capivara?
— A paca?
— A lebre?

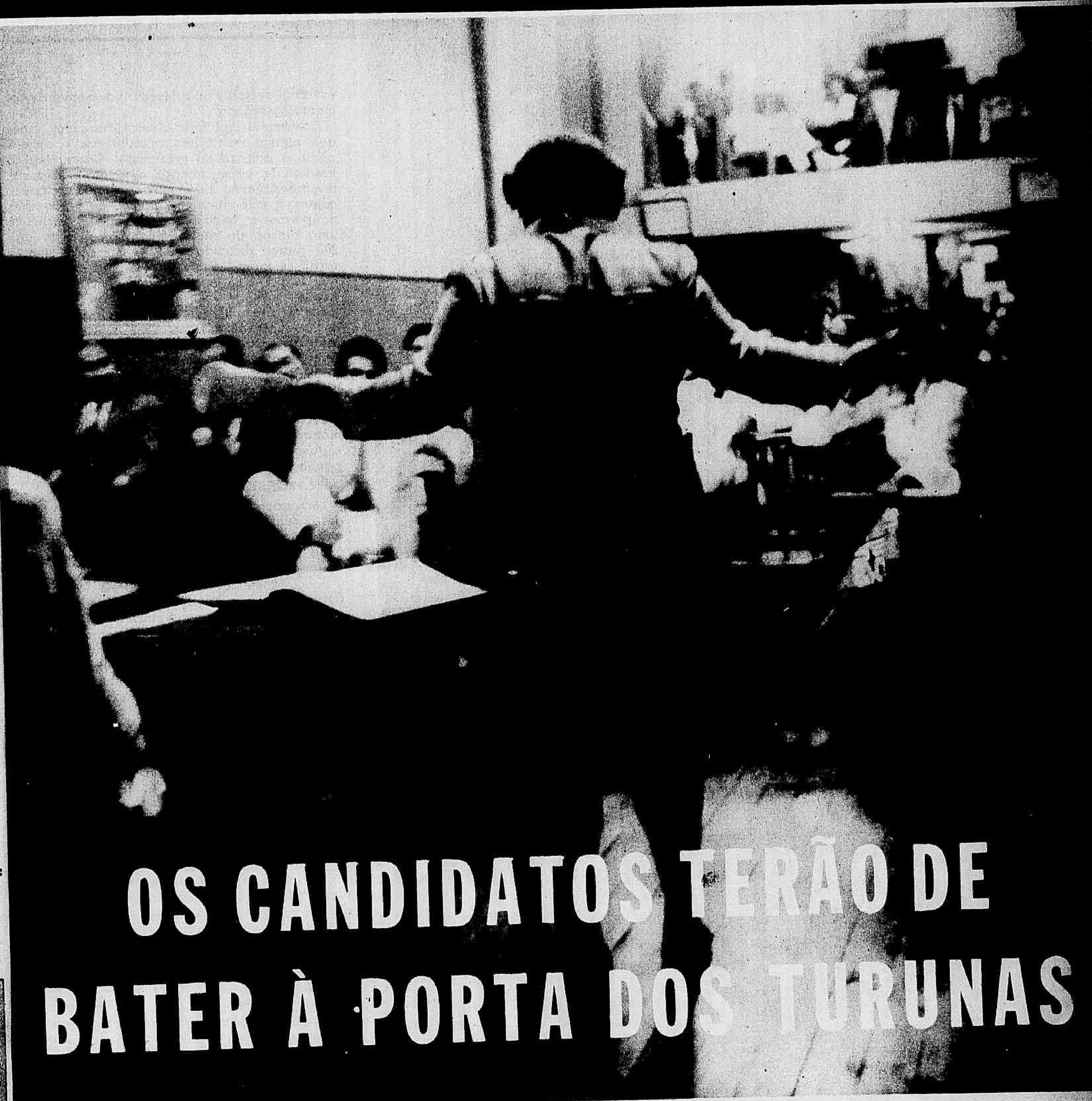


15 O primeiro país do mundo a impor aos seus habitantes a vacinação contra a varíola foi o do mapa acima. Qual é êle:
— Inglaterra?
— Alemanha?
— Suíça?

(Respostas na pág. 54)

Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

Vão sindicalizar-se os cabos eleitorais



OS CANDIDATOS TERÃO DE BATER À PORTA DOS TURUNAS

Em autêntica pose de Salvadora, d. Margarida clamou violentamente contra o imediatismo dos candidatos que se aproveitam da Associação como um trampolim para o voto.

A NOVA CLASSE SE ARREGIMENTA CONTRA ALGUMAS PRAGAS ELEITORAIS, COMO PROMESSAS DE EMPRÊGO QUE NÃO SE CUMPREM E PERDA DE MEMÓRIA DOS CANDIDATOS VITORIOSOS ★ SE VOCÊ TEM PRESTÍGIO, ARRANJE VINTE ELEITORES E VÁ BUSCAR O SEU DIPLOMA DE "CABO ELEITORAL".

Reportagem de CARLOS ALBERTO TENÓNIO — **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

A senhora que parece ter saído diretamente de uma caixa de bananada para o clube dos Turunas de Monte Alegre, à primeira informação da mesa sôbre o saldo da sociedade (exatamente 148 cruzeiros e 60 centavos) levantou-se como uma quadrilátero e pediu a narração dos gastos.

Houve sussuros desencontrados e prevaleceu os que acreditavam inteiramente na probidade do tesoureiro e relatório do presidente, achando desnecessário, porque extensa, a relação dos gastos e haveres.

Mas dona Margarida continuou firmando o dedo roliço contra a mesa, com uma pontaria de 38 carga dupla, e os seus componentes sentiram-se incomodados com tamanha insistência.

A explicação de que lhe seria mostrada, mais tarde, se quisesse e requeresse, a lista que indicava os caminhos por onde o dinheiro se

OS CANDIDATOS



O rápido mestre da Copanorte largou o «gostosão» nos arredores da Lapa e subiu a escadaria dos Turunas com uma reivindicação em cada bôlso do «zuarte».



Como se pode concluir, o cavalheiro desinteressou-se da derramada peroração do secretário-geral, para ensaiar uma armada investida sôbre a dama fantasiada de bandeira.

esvaíra, deixou dona Margarida momentâneamente sossegada.

Com muita agilidade o secretário-geral, antes que algum aventureiro aproveitasse o ensejo, pediu a palavra ao presidente. Desenrolou as laudas de papel almaço e, muito sorridente, leu a desfrutável discurseira. Falando um pouco contra a imprensa e o rádio, que não lhes pouparam a criação da sociedade, inclusive uma alusão da rádio Mayrink Veiga de que 200 contos recebidos pela Associação evaporaram-se inexplicàvelmente em três meses (fato que relatou com uma elegante ponta de ironia), exaltou a figura «dêsse famoso personagem da tradição nacional, que tem um trabalho político-social junto às massas», leu o telegrama de altas personalidades acusando recebimento da comunicação oficial de que se fundara a sociedade, engrossando a voz na resposta dos srs. Lourival Fontes e Ademar de Barros, a quem chamou «grande brasileiro». Dos telegramas, o secretário Renato Rocha foi aos políticos, chamando-os de «carcomidos», sempre dispostos a esquecerem seus cabos eleitorais, após as campanhas.

D. MARGARIDA DE DEDO EM RISTE

Terminado o primeiro discurso do secretário-geral Renato Rocha (que fêz outros oh!, muitos outros, durante a noitada) veio um descanso, onde foram servidos guaranás, cervejas e águas-minerais, durante 15 minutos.

Pouco antes, o sr. Pereira Reis (diretor do Departamento de Divulgação do Estado do Rio), que entrara com os seus cacoetes e sua cabeleira de poeta em férias paranasianas acompanhado do sr. Góes de Campos (ambos turiferários da politicalha fluminense), impressionado com um fotógrafo no recinto, e acreditando que não fôra documentada a sua presença, evadiu-se lèpidamente pela escadinha de madeira, satisfeito e sussurrante.

Passados os refrescantes 15 minutos, a Mesa, por ordem de inscrição, entregou a palavra à dona Margarida (Figueiredo Pereira), que já passara para a primeira fila de cadeiras, e começou:

— Eu, matrícula 48, sócia fundadora nº 81, quero que meus amigos compreendam que não está aqui a pessoa física, mas a associada. Eu estou aqui é pra falar.

E resolveu apreciar incoerências nos Estatutos. Chamou a atenção de que havia candidatos na diretoria, alguém concluiu que aliás exageradamente e apontou seis.

Dona Margarida atenuou:

— Eu só conheço três. Entre êles eu tenho dois amigos que são candidatos. E falo porque devo falar. Não é direito. E falo com isenção porque (e foi num crescendo) eu mesma, esta que aqui está, Margarida Figueiredo, matrícula 48, sou cabo eleitoral do nosso amigo Renato Rocha. Sou pelo direito.

O secretário-geral informa:

— «Eu sou candidato de candidato a vereador». E sorri muito.

Investe em seguida contra os alguns diretores, afirmando que indo à sede diàriamente só conhecera como diretores três dêles. Pediu, então, que a Diretoria fôsse destituída até a segunda assembléia, quando seriam escolhidos nova diretoria, à excessão dos membros.

Ou porque no plenário havia uma sequiosa tendência de iliminar-se os diretores, ou porque estavam todos muito cansados (uma vez que o presidente da mesa, como critério de votação, mandou que permanecessem sentados os que concordavam com dona Margarida) o certo é que a assembléia teria deliberado que ficavam destituídos 25 diretores da Associação dos Cabos Eleitorais.

Mas como os debates vieram demonstrar que as opiniões divergiam quanto ao preenchimento das vagas, se por votação, indicação da assembléia ou indicação da Mesa, às 23,30, quando encerraram-se os trabalhos ninguém sabia exatamente se os 25 cavalheiros eram ainda diretores ou simples associados.

Encerrando sua trovejante oração, d. Margarida admirou-se da Associação com 28 diretores homens e nenhum dêles fôra «entupir» a

TERÃO DE BATER A PORTA DOS TURUNAS

bôca dos jornalistas com o Estatuto, o que seria profundamente antidigestivo, como se vai concluir mais tarde.

Oportunidade semelhante não perderia o secretário-geral que entrou no pé do discurso de d. Margarida, abriu a bôca e dali escapuliram algumas palavras num rápido improviso, onde o sr. Renato Rocha demonstrou possuir um brilhante jôgo de pernas. E anunciou o associado Edinel Tavares, a quem apresentou como «o homem que faz a espiqueiragem oficial desta casa».

ESPIQUEIRAGEM

Com a cabeleira esticada de gomalina e puxando a camisa pelos punhos o rapaz transmitiu, meio desastrado sem o microfone, que já contribuíra largamente para a Associação em programa da Marinha Mercante, achando conveniente, então, que os cabos lhe dessem verba para montar outro programa (Brasil em Marcha) dirigido aos órgãos sindicais e trabalhadores em geral, o que evidentemente aumentaria a clientela eleitoral dos associados.

VOLTA O SECRETÁRIO

Pela ordem (informou o presidente da Mesa) está inscrito o sr. Renato Rocha. Com agilidade de um bailarino de gafieira o secretário-geral consumiu o espaço entre o plenário e a Mesa, enquanto procurava nos bolsos o discurso nº 3, e, entre achá-lo e dizê-lo, a professôra Nêda (componente da mesa) levantou o dedo pedindo para ir lá fora. Caminhada que o presidente Edmundo Guimarães avaliou matemàticamente em dois minutos; e suspendeu, por êsse tempo, a sessão.

Ah! mas o secretário é homem que não se aperta e enquanto a professôra não volta êle decora a peça.

DISCURSO Nº 3

O discurso constava de três partes, a saber:

I) — Idéia, fecundação e gestação da sociedade. Nascimento, primeiros passos e dificuldades iniciais. Foi convidado a participar das reuniões, em abril, no alvorecer da Associação, que se realizavam na residência de Rômulo Augusto Ferreira Lima, atualmente diretor-social, ocasião em que todos verificavam compungidos os sacrifícios a que se impunham os familiares de Ferreira Lima.

II) — Crescimento e circunvoluções nos arrabaldes e sertão da cidade, convocando companheiros arredios, concentração de fôrças e necessidade de uma sede, com o flagrante progresso da sociedade. Daí (continua o orador) transferiram-se aquêles valentes homens, dentre os quais eu me incluía modestamente («Não apoiado»... gemeu a assistência), para uma alfaiataria onde o tesourinha de ouro da Praça Tiradentes cedeu um cantinho de sua sala para a sociedade funcionar. O «Tesourinha de Ouro» é o 1º tesoureiro João dos Santos Silva.

III) — Atualidade. Progresso extraordinário da Associação, lançamento da candidatura da professôra Nêda à vereança, talvez realização da idéia do «homem da espiqueiragem» que consiste em transformar a Associação em sindicato, votos, muitos votos de louvor a quase-todos os presentes, novamente políticos carcomidos, e Tenho Dito.

IDE E PREGAI...

O último orador foi um desconhecido, que desejava ùnicamente dizer que seu «cartão de visita em qualquer lugar, nos salões mais requintados, nos palácios, nos gabinetes ou nas ruas, meu galardão é dizer: Senhores, eu sou um motorista!» E conclamar os cabos eleitorais com frase do Mestre dos mestres: «Ide e pregai, meus amigos!»

TALVEZ GREVE

Antes do encerramento da 1ª Assembléia Ordinária da Associação dos Cabos Eleitorais (realizada às 20,30 horas do dia 11 de novembro de 1953, na sede do clube carnavalesco Turunas do Monte Alegre) fica-se sabendo que os pontas-de-lança do voto estão cansados do esquecimento de «políticos carcomidos» após as campanhas; resolveram grupar-se numa associação de classe porque «Unidos seremos fortes para a grandeza de nossa pátria»; e ao se reagruparem em sindicato podem, em dia de mau-humor, organizar uma greve e não haverá mais políticos na cidade.

FAMOSO PERSONAGEM

Sabe-se, também, muita coisa útil, por exemplo:

1) — A Associação reúne em seu corpo social todos os que, de certa forma, dispõem de prestígio eleitoral em seus bairros, sindicatos, fábricas, etc., com o objetivo de emprestar novas diretrizes ao trabalho político-social do famoso personagem que é detalhe necessário, por tradição nacional, nas eleições do Brasil e que é o cabo eleitoral, sempre lembrado pelos políticos antes das eleições, mas dêles esquecidos após o pleito.

MISSÕES DO CABO ELEITORAL

2º) — A A.C.E.D.F. é uma sociedade fundade em 23 de maio de 1953, tem número ilimitado de sócios e seu tempo de duração é indeterminado, tem registro sob o nº 2845 no livro A II no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas e, segundo os seus Estatutos, no Art. 2º, tem por fim:

a) Atualizar, dignificando-as, as atividades peculiares do Cabo Eleitoral, cuja nobre missão deve ser a de orientador político-social da coletividade.

b) Amparar os interêsses coletivos de seus associados sem distinção de côr, credo político ou religião.

e) Pleitear, junto aos poderes competentes, melhoramentos para os municípios, bairros, vilas, distritos, reconhecidos de utilidade pública, notadamente: água, esgôto, calçamento, escolas, iluminação, etc., para o bem-estar do povo.

f) Instalar departamentos femininos onde a mulher nos possa prestar melhor a sua colaboração, dentro dêste Estatuto.

h) Esta Associação levará em conta os méritos já comprovados dos candidatos aos cargos eletivos de representação popular e dará preferência, em caso de igualdade de condições, àqueles que mais tiverem-na prestigiado.

j) Quando o Presidente ou qualquer Membro-Diretor desta entidade se candidatar a um cargo eletivo de representação popular, terá de licenciar-se imediatamente do cargo ou mandato que exercer sem prejuízo do apoio que lhe prestará esta entidade.



Com um recente ataque de gôta, o cidadão que vemos acima, teve de comparecer de alpargatas e meias listradas.

PRÓ-LABORE DO DIA

Art. 28 — A Associação pagará pró-labore aos seus diretores, quantia determinada pela diretoria.

Art. 31 — O dia 23 de maio será festejado anualmente como o DIA DO CABO ELEITORAL.

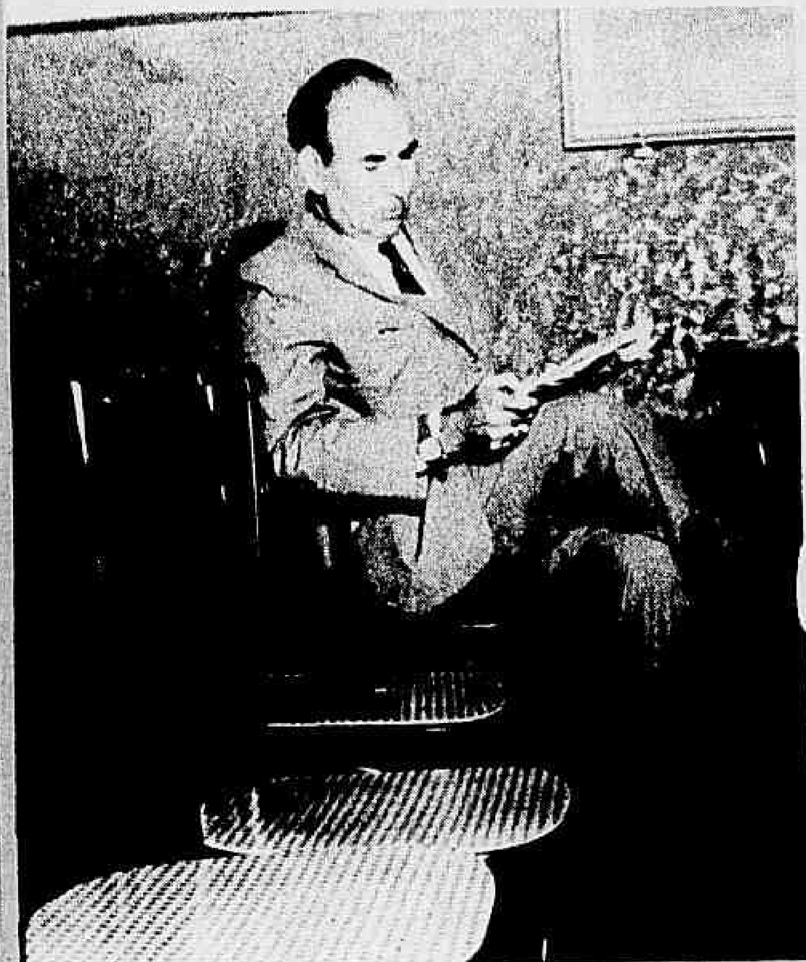
Art. 33 — Em todos os bairros serão instalados os setores da Associação com cargos de Delegados Adoc.

Art. 35 — Ficam obrigados os Diretores da A.C.E.D.F. a comparecerem pessoalmente a todo e qualquer ato de inauguração promovido por esta Associação, principalmente a instalação nos bairros, Distritos ou qualquer outra localidade de seus setores.

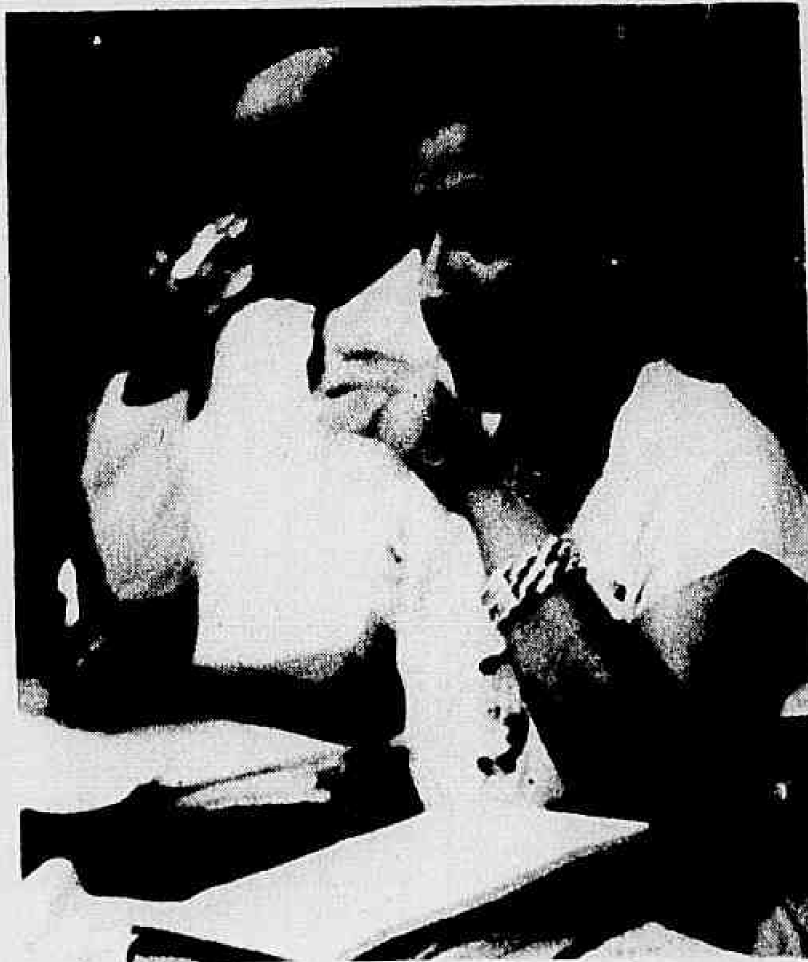
A BANDEIRA

Art. 36 — Esta sociedade só poderá ser dissolvida quando seu quadro social baixar no mínimo de 50 (cinqüenta) associados.

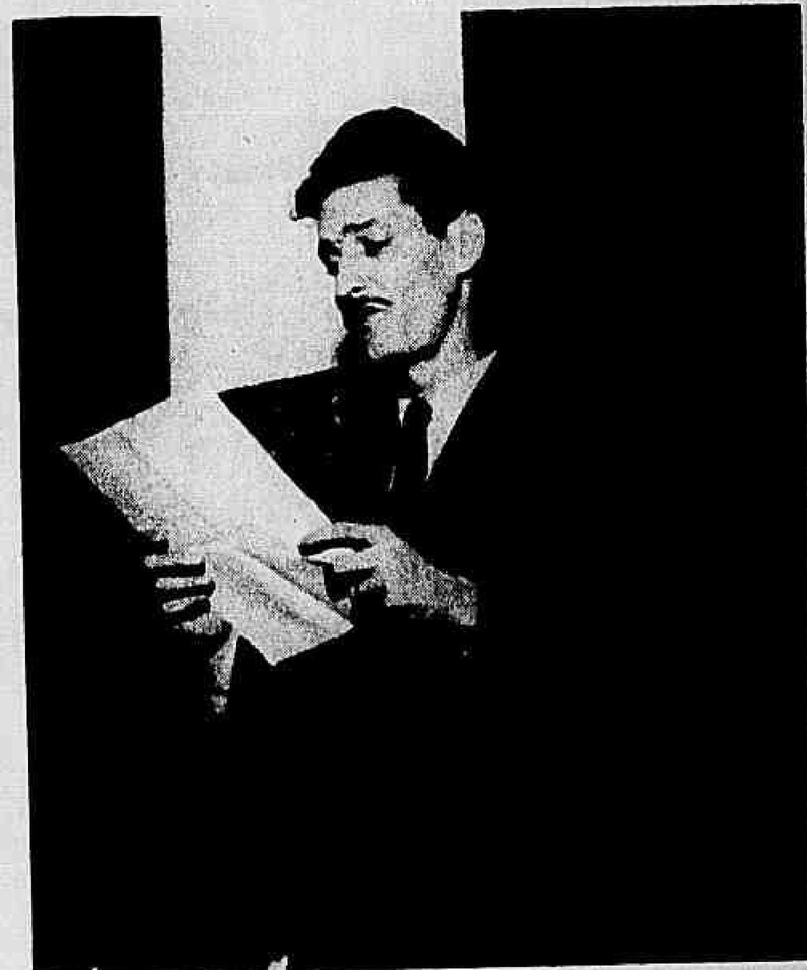
(Cont. na pág. 50)



Os jornais começaram a publicar os nomes dos primeiros candidatos; e logo os «cabos-eleitorais tomam nota dêles para as 1ªs. diligências.



A professôra Nêda ingeriu, enquanto anotava (não se sabe bem o quê) vários litros de água mineral. Logo depois pediu para «ir lá fora».



Renato Rocha, uma enorme vocação de bailarino a serviço (não muito) dos políticos «não carcomidos e dos verdadeiros patriotas».

...DESGRAÇA COMEÇOU QUANDO TITO VENCEU MIHAILOVICH...



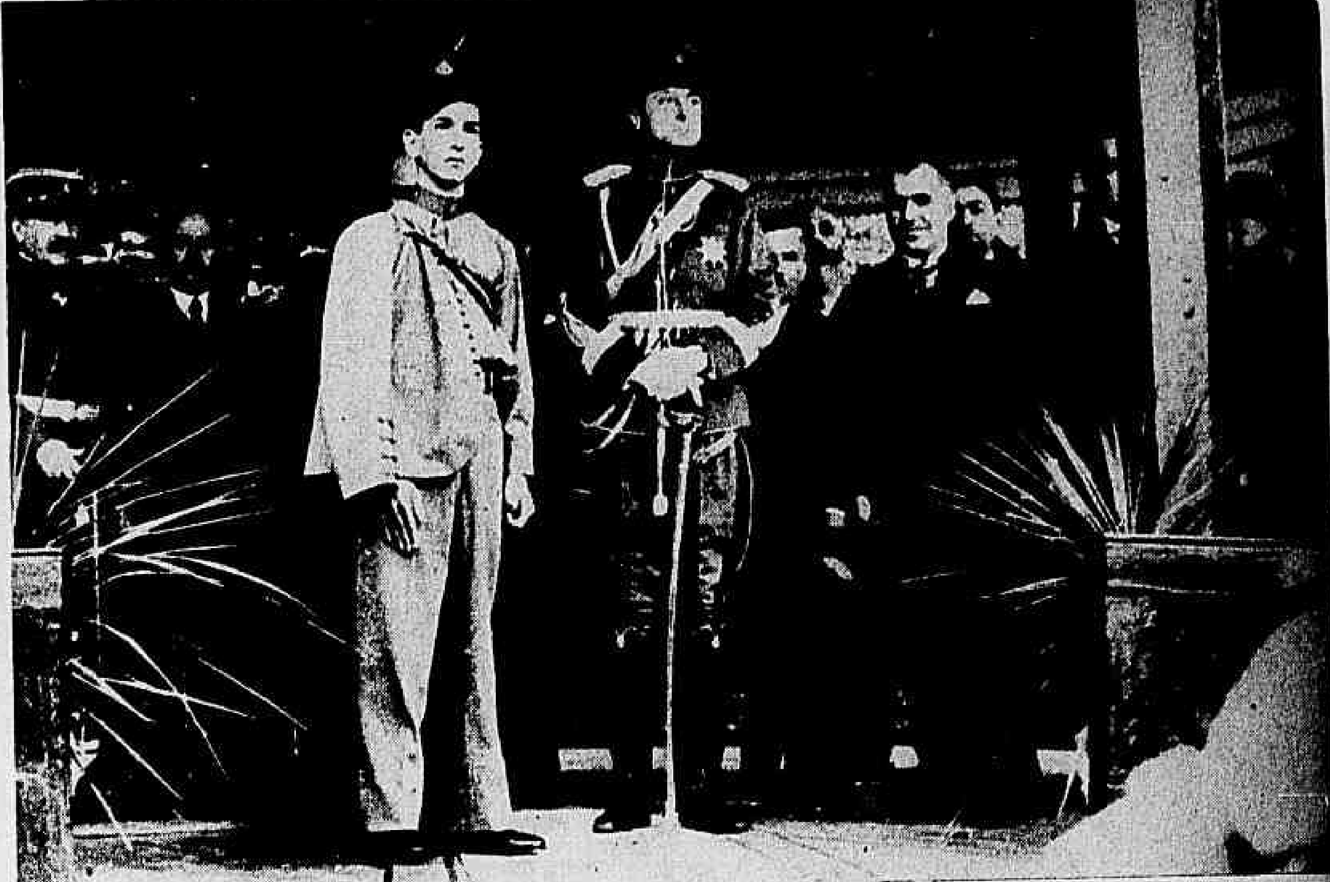
Até outubro do ano de 1952 tudo ia indo muito bem e na mais santa harmonia. Aqui vemos Pedro e sua linda mulher assistindo a um elegante desfile de modelos nos luxuosos salões de Jacques Fath. Ela está observando algo, enquanto êle sorri afetuosamente.

O EX-REI PEDRO ASSINOU UM CHEQUE SEM FUNDOS

E JÁ NA SEMANA SEGUINTE OS CREDORES INVADIAM O APARTAMENTO DA AVENIDA GEORGE V E SEQUESTRAVAM AS JÓIAS E OS TRAJES (INCLUSIVE AS PEÇAS ÍNTIMAS) DA EX-RAINHA ALEXANDRA ★ DE LUXO EM LUXO E DE DÍVIDA EM DÍVIDA, OS EX-SOBERANOS IUGOSLAVOS ACABAM AGORA NUM DIVÓRCIO QUE A NOBREZA ESPERANÇOSA TENTA EM VÃO EVITAR ★ E ALEXANDRA, AGORA, AMEAÇA SUICIDAR-SE.



O príncipe herdeiro acompanha os funerais de seu pai Alexandre, assassinado em Marselha, na França. Sua mãe está a seu lado coberta de luto. Esta fotografia foi tomada na cidade de Belgrado, no ano de 1934.



O jovem Pedro é então o rei. O oficial que vemos ao seu lado é seu tio, o príncipe regente, Paul, quando assistiam a uma parada militar em Belgrado, em 1936. Cinco anos depois, Pedro derruba o regente.

Embora isolado no mágico castelo de uma vida que a crônica tornou maravilhosa, também os reis estão sujeitos aos dramas e contingências da gente comum. E é isso o que acaba de acontecer com a ex-Família Real da Iugoslávia. Alexandra e Pedro, ex-soberanos da hoje República Popular do marechal Tito, considerado o casal mais feliz de todos os descoroados da Europa atual, estão concluindo os trâmites para a separação em juízo.

Essa decisão, que, por ser inesperada, está causando sensação no velho mundo, partiu diretamente de Pedro. E quando a ex-rainha soube dessa pretensão do marido, tentou abrir os pulsos, em busca do suicídio. E minutos depois, ao ser socorrida pelo médico que lhe enfaixava as feridas, ela dizia dramàticamente: «Amo o rei e ninguém pode impedir-me de amá-lo».

O SEQUESTRO DOS BENS

Quando tomou conhecimento, pouco depois, do ocorrido, o ex-rei Pedro reagiu friamente, dizendo: «E' a quarta vez que minha mulher tenta o suicídio. Quatro vêzes já procurou atirar-se de uma janela ou de asfixiar-se com gás». E acrescentou que «eram coisas sem maior importância».

Enquanto o real marido procura levar avante a idéia do divórcio, Alexandra, por sua vez, espera que a lei lhe dê tôda a razão diante dos fatos e dos antecedentes.

Tudo começou no verão passado. A fim de fazer face a certas despesas da mulher, Pedro assinara um cheque contra o «Chase Bank of New York». Como o seu depósito ali não era suficiente para cobrir a quantia, os credores alarmados compareceram aos tribunais de Paris, a fim de exigir o sequestro dos bens reais. Certo dia de julho último, compareceram inesperadamente os credores à porta do ex-soberano, que residia na Avenida George V. Nessa ocasião, Pedro encontrava-se na Espanha e Alexandra em Veneza. Penetrando na residência, encontraram os móveis que não puderam levar por que pertenciam ao proprietário. Vasculharam os guarda-roupas. Na dependência do soberano nada havia que valesse como penhor — apenas um par de meias, enquanto no vestiário da rainha depararam os credores com valiosas peças, que recolheram imediatamente.

Entretanto, sabedora do que acontecia, Alexandra imediatamente voou de Veneza a Paris a fim sustar o sequestro. Achava aquilo um ultrage e, nesse sentido, recorreu ao govêrno francês, alegando que o casamento de soberanos iugoslavos é realizado com separação de bens, não cabendo a ela arcar com as dívidas do seu cônjuge. Respondeu o govêrno que não havia mais realeza na Iugoslávia e portanto teriam os ex-soberanos que submeter-se à lei comum. Tal escândalo fêz com que Pedro tomasse a decisão do divórcio. E, amargurado, revelou que aquela dívida fôra feita exatamente para cobrir despesas de Alexandra.

A MUDANÇA DE POLÍTICA

O dinheiro fôra o começo de tudo. Pedro tinha vinte anos quando contraiu matrimônio com Alexandra, então de 23 anos, em 1943, no Cairo. Mas o ex-soberano era um homem a quem a guerra exigia resgates. Em 1941, fugira de Belgrado, quando se aproximavam os alemães, levando consigo duas malas, dois ternos e as jóias da coroa. Churchill, acolheu-o em Londres como um amigo e aliado, pondo à sua disposição nas vizinhanças da capital, um castelo, vários automóveis, um avião pessoal e um séquito composto de quatro coronéis, três secretários, vinte e oito valetes e uma guarda pessoal. Para o público, Alexandra e Pedro eram o casal mais feliz dêste mundo.

Tudo, porém, começou a mudar daí para diante, quando a Inglaterra começou a mostrar simpatias pelo guerrilheiro Tito, preterindo o marechal da monarquia, Mihailovich. Tito concedera uma indenização de 25.000 esterlinos por ano para pagamento dos bens dos soberanos na Iugoslávia. Por sua vez, as subvenções do govêrno inglês ao casal foi sendo reduzida.

Atualmente, as rendas de Pedro, em moeda brasileira, são de apenas trinta mil cruzeiros por mês, e o casal já ganhou a fama, oposta, de o menos feliz do mundo. No guarda-roupa da rainha, os credores encontraram um casaco de visão, uma mantilha de «breitzshwants», uma capa de pele de rapôsa, 28 vestidos, 22 pares de meias e 10 peças de roupa de praia. Realmente era pouco para uma rainha, mas muita coisa para a espôsa de um pequeno proprietário como é hoje Pedro da Iugoslávia, que perdeu um reino de 250.00 quilômetros quadrados por uma vilazinha de poucos hectares, fora da pátria.

CARREIRA SEM FUTURO

Obrigados a deixar a Inglaterra, começaram as dificuldades para a dupla real. Foram para a França em 1950, comprando um castelo em Sant Choud, por 45 milhões de francos. Mas o negócio resultara numa «chantage» e Pedro perdeu os sete milhões que dera de sinal aos falsos vendedores. A seguir, para conservar o amor de Alexandra, que não queria perder o antigo trem de vida, Pedro ligou-se a uma firma americana, «Roy de Groot», tormando-se agente de publicidade. Foi um negócio sem futuro: o ex-soberano não tinha jeito para a função. Resolveu mudar de planos, indo em procura de uma provável fortuna paterna em tôrno da qual tinha feito planos anos atrás, em Londres, com seus coronéis ajudantes.

Alexandre da Iugoslávia, seu pai, era homem econômico e cada ano colocava num banco da Suíça cêrca de 50 milhões de liras. Os de-



A objetiva surpreende a princesa Alexandra, espôsa do ex-monarca Pedro, da Iugoslávia. Como todos sabemos, a princesa intransigente se opõe ao divórcio e já uma vez tentou suicidar-se seccionando o pulso.



Pedro, filho dos ex-soberanos desavindos, numa fotografia tirada no verão do ano de 1948, em casa da mãe de Alexandra, em Veneza, quando o casal ainda era feliz. Mas brigaram por questão de dinheiro.



Em julho de 1949 o rei e sua mulher fizeram uma primeira visita à cidade de Veneza. Foi como interminável lua de mel. Na segunda visita, porém, surgiu sério desentendimento e tudo virou amargo fel.

pósitos eram feitos sob um número que só êle sabia, e não sob o nome do monarca. Jamais alguém ficou sabendo dêsse número, segrêdo que Alexandre levou para o túmulo, quando foi morto em 9 de outubro de 1934 em Marselha, por assassinos da Croacia.

Onde se encontra a vultosa quantia? O Banco Nacional da Suíça alega que tal dinheiro não passou jamais por suas caixa-fortes. Desconhecendo a fórmula, Pedro desistiu da procura. O casal separou-se e Alexandra foi residir em Veneza. Nunca falaram entretanto, em divórcio, até que ocorreu o escândalo do confisco dos bens em Paris. Mas os partidários de Pedro, que reprovam a atitude da rainha, por se encontrar longe do marido, ainda esperam uma mudança na política iugoslava com a volta da monarquia. Reprovam a ex-rainha por suas extravagâncias, e, por não ter a mais tempo iniciado a educação do filho do casal, o jovem Alexandre, que, com 5 anos encontra-se internado num colégio da Suíça.

AMOR OU INTERÊSSE?

Últimamente, porém, Alexandra resolveu mudar de atitude para com o marido, sabedora da decisão dêste de divorciar-se. Ameaçou de matar-se caso o assunto fôsse levado avante, disse que jamais pretenderia deixá-lo, passou a evitar as festas e os «parties». Decidiu-se um encontro, levado a efeito num castelo a beira mar entre Biarritz e São Sebastião, em setembro último. O encontro, que ocorreu perto do meio-dia, foi frio e sem entusiasmo. Alexandra, de rosto pálido, envergava um chapéu vermelho escuro. Derramou lágrimas no primeiro instante do encontro, e logo que os advogados se retiraram da sala abraçou o marido.

Mas não houve a reconciliação esperada, e tudo se resumiu em tratarem ambos da situação do filho. Mais tarde o ex-soberano retomou o caminho da Espanha e Alexandra regressou a Paris. Será por amor ou simples interêsse a insistência de Alexandra em continuar com o marido? Um divórcio comprometeria a causa da provável restauração da monarquia iugoslava, como pretendem partidários de Pedro. Por outro lado, ainda há os que alimentam a esperança de se descobrir o número mágico que porá nas mãos do ex-rei a fabulosa fortuna de seu pai.









Nestas fotos vemos o príncipe Pedro, da Iugoslávia, em vários momentos de sua infância: sua mãe, a rainha Marie, aconchegando-o ao seio; aos 4 anos de idade, nos jardins do palácio Real de Bucarest; aos cinco anos, vestido à ocidental, a brincar no parque do palácio, com uma corça, e, finalmente, com oito primaveras, já possuía o herdeiro da coroa, o seu «hobby»: fotografia. O fotografado é seu irmão caçula, Tomyslav.

O CACIMBÃO DE SOURE

RENATO DE ALENCAR

DESDE que o Ceará nasceu para a civilização, nos começos do século XVII, uma tragédia o perseguiu: a crise dágua de superfície. Ou correm os rios com a violência das «águas de monte», ou são chupados pelo mata-borrão das areias e se encantam no seio da terra. Por isso, onde há uma ipueira o homem é remediado; se há uma cacimba, é rico; quando possui um cacimbão, é milionário. A pequenina e pitoresca cidade de Soure, rebatizada pelo IBGE com o nome indígena de Caucaia, de etimologia discutida e forçada, está a doze quilômetros de Fortaleza. Já é mais do que centenária. Dentre suas benemerências possuía um cacimbão na rua Coronel Correia, cujas águas eram abençoadas pelo povo. Em 1877, na mais tremenda sêca de quantas afligiram o Estado, o cacimbão de Soure era o alívio de centenas de flagelados que desciam do sertão adusto em busca das praias do mar. Poço de aspecto bíblico, era uma samaritana a matar a sêde de todos que se acercavam de sua muralha de proteção circular, feita de tijolos e argamassa. O cacimbão de Soure viu diversas gerações a se abastecer em sua fonte perene. E ela gostava de admirar, refletido nas águas serenas, o rosto moreno das cearenses praianas, quando desciam os baldes para a colheita cotidiana. Em volta, a grama e os muçambês vicejavam, batiam asas de borboletas, e os galos ciscavam chamando a prole para algum manjar descoberto. Pássaros desciam dos coqueiros para bebericar nas poças efêmeras. Era tudo tão alegre! Muitos casamentos se consolidaram à beira do cacimbão. Muitas novidades chegavam até ao fundo do poço acolhedor e amigo, e o cacimbão sabia de muitos segredos...

Uma noite, porém, a 20 de março de 1948, com estrondos que pareciam gemidos, desabou o secular cacimbão. Todo mundo foi ver. As paredes internas, corroídas pela erosão das águas e sem refôrço de cimento e pedra, cederam irremediàvelmente e tudo foi abaixo. No dia seguinte, as autoridades foram examiná-lo. A meninada enxameava na sua alacridade irresponsável e feliz a rir do desastre, na inconsciência própria da idade. Na fisionomia dos adultos também não se notava qualquer consternação. Muitos estavam até satisfeitos a pilheriar. Só o velho José Simões tinha lágrimas nos olhos. Êle revia as cenas de socorro do cacimbão, e sabia, através da história local, de que é profundo cultor, o papel que o poço abençoado prestara a multidões de conterrâneos, durante a sua longa existência benfazeja. Quando os empregados da Prefeitura chegaram com seus utensílios e ferramentas para acabar de destruí-lo, José Simões não conteve a emoção. Chorou. Era como se estivesse a assistir ao entêrro de um amigo, de um irmão. Aquela cratera tinha a semelhança de um túmulo. Era como uma chaga aberta no coração de Soure. Em lugar de destruí-lo, deviam ressuscitá-lo para benefício do povo. Mas não quiseram ouvir a voz da tradição, os gritos da alma do poço moribundo. E tudo foi aterrado, desaparecendo, deploràvelmente, um dos marcos históricos da modesta cidadezinha de Soure, a doze quilômetros ao norte de Fortaleza.



ENTREVISTA "PING-PONG"



JOSÉ DE BARROS MARTINS: Já editou obras completas de Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida e mandou traduzir (e publicar) todo o Maupassant. Editor sem «partis-pris», seus editados são da esquerda, direito e respectivas meias.



P. — Os escritores no Brasil já podem viver dos seus livros?
R. — Alguns já vivem, como Érico Veríssimo, Jorge Amado, etc.



P. — Costuma ler o que edita?
R. — Não!



P. — Qual o maior «abacaxi» que já editou?
R. — Difícil dizer. Foram tantos que dariam para fazer diversas saladas de fruta.

Para o editor JOSÉ DE BARROS MARTINS

SÓ OS RICOS PODEM DEVER

Texto de MARITA LIMA

NUMA rápida visita a São Paulo, pingpongueamos o Dr. José de Barros Martins, um editor de livros, dono de uma das mais discutidas elegâncias pessoais. Mas isto não vem ao caso. O fato, entretanto, é que não conhecendo suficientemente o homem, tivemos que começar por aí nossas pesquisas:

P — Quem é o senhor?

R. — Já fui diretor do Departamento de Cultura. Portanto, intelectual por decreto. Também já fui candidato a deputado, mas o povo me repudiou, no que demonstrou grande sabedoria, porque assim não perdeu um grande editor.

P. — E se fôsse deputado agora, que planos teria?

R. — Tenho, realmente, grandes planos a êste respeito. Penso que se deveria formar na Câmara um "team" de aspirantes, tal como no futebol. Com seu jornalzinho oficial, seu direito de importar "Cadillacs", seus discursinhos, etc. Uma "Câmara de Deputados Sloper". De vez em quando haveria férias coletivas para os titulares e os suplentes entrariam em campo.

P. — O senhor tem um "Cadillac"?

R. — Não. Nunca passei do "Ford" e do "Chevrolet".

P. — Qual foi o primeiro livro que editou?

R. — Foi em 1940, o livro de um pintor alemão, Rugendas, que estava esgotado havia cem anos. Chama-se "Viagem ao Brasil".

P. — De que livro lançado pela Editôra Martins gostou mais?

R. — Ainda não achei o livro perfeito, gràficamente.

P. — E qual o maior "abacaxi"?

R. — Ora, é difícil de dizer! Foram tantos, que dariam para fazer diversas saladas de frutas.

PERGUNTAS E RESPOSTAS EM TÔRNO DE LIVROS, EDIÇÕES, AUTORES, VIDA CARA, MORTE, "CADILACS", DIVÓRCIO E "ABACAXIS" LITERÁRIOS.

P. — Que acha do plano Aranha?

R. — Para o editor não trouxe modificação alguma.

P. — Como o senhor vai participar dos festivais do IV Centenário?

R. — Nós, editores, já estamos fazendo um movimento muito grande, que inclui mais de cinqüenta obras.

P. — O senhor é a favor do divórcio?

R. — Antes de mais nada, sou católico. E exatamente como católico é que sou a favor do divórcio. Não posso admitir que os católicos se prevaleçam de leis civis para o cumprimento de um preceito religioso. Para êles o problema não existe porque, inclusive, existindo o divórcio, teriam oportunidade de confirmar sua fé, não lançando mão dêle. Mas os outros, ateus, espíritas, etc., devem poder utilizá-lo à vontade.

P. — Que acha de nossa situação financeira?

R. — É engraçada. As coisas chegaram a um ponto, com os juros bancários tão caros, que hoje em dia o pobre não pode mais dever. Tem que pagar o que deve. Só mesmo os ricos podem dever.

P. — Acha que a situação dos autores, no Brasil, vai melhorar?

R. — Êles não têm problema algum. Ou por outra, não mais do que nos outros países.

P. — Mas têm meios para viver sòmente de seus livros?

R. — Alguns já fazem isto, como Jorge Amado e Érico Veríssimo, por exemplo. Se não vivem, em maior número, de seus livros, é porque não escrevem mais.

P. — O que assegura o sucesso de um livro?

R. — O título é muito importante. Uma vez, um título estrangeiro, "Intrusos" — bastante inexpressivo, aliás — foi traduzido para "O Solar das Almas Perdidas", o que fêz com que o livro causasse um enorme sucesso. Entre os nossos, os autores mais hábeis para batizar suas obras são Érico Veríssimo: "Olhai os Lírios do Campo"; e Jorge Amado: "Seara Vermelha".

P. — Se o senhor não fôsse editor, o que seria?

R. — Advogado. Então, fundaria o "Pronto Socorro Judiciário". Trata-se de uma instituição que atenderia, ininterruptamente dia e noite, a todos que quisessem cometer o homicídio perfeito. Teria o nome de "Ao Leão Forense".

P. — Sediado onde?

R. — No Rio, mas com filiais em tôdas capitais do Brasil. Aqui os crimes são praticados ainda com objetos relegados a museus: revólver, faca, etc. Nós, ao contrário, havíamos de sugerir processos mais civilizados, com grande emprêgo da psicanálise. A sugestão, por exemplo.

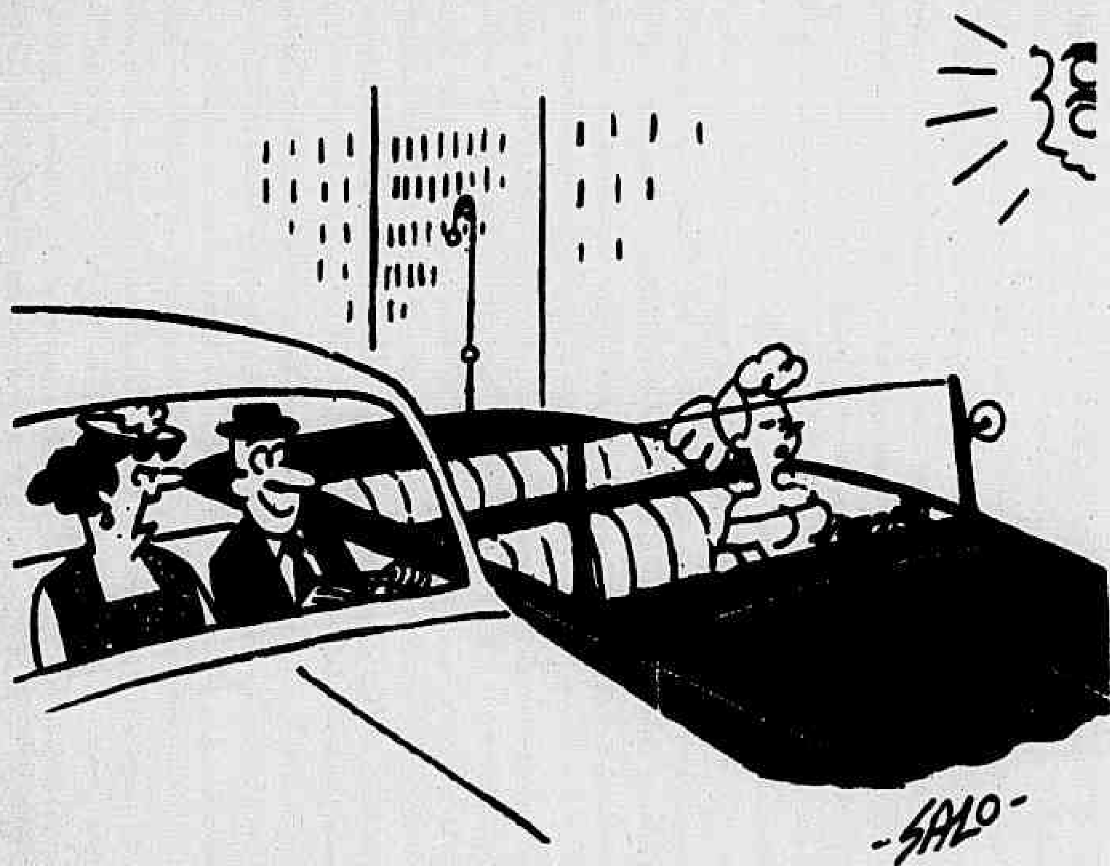
P. — Em sua opinião, atualmente, qual o maior fator de mortalidade, no mundo?

R. — Câncer, coração e avião.

(Note-se que o nosso entrevistado é paulista, portanto, não anda de lotação no Rio de Janeiro. Assim, fica desculpado o seu lapso).

P. — Costuma ler o que edita?

R. — Não. Tenho uma equipe de provadores, a fim de evitar surprêsas desagradáveis. Quando êles aprovam um livro, eu o edito, mas mesmo assim, não o leio nunca para poder continuar confiando nos provadores.



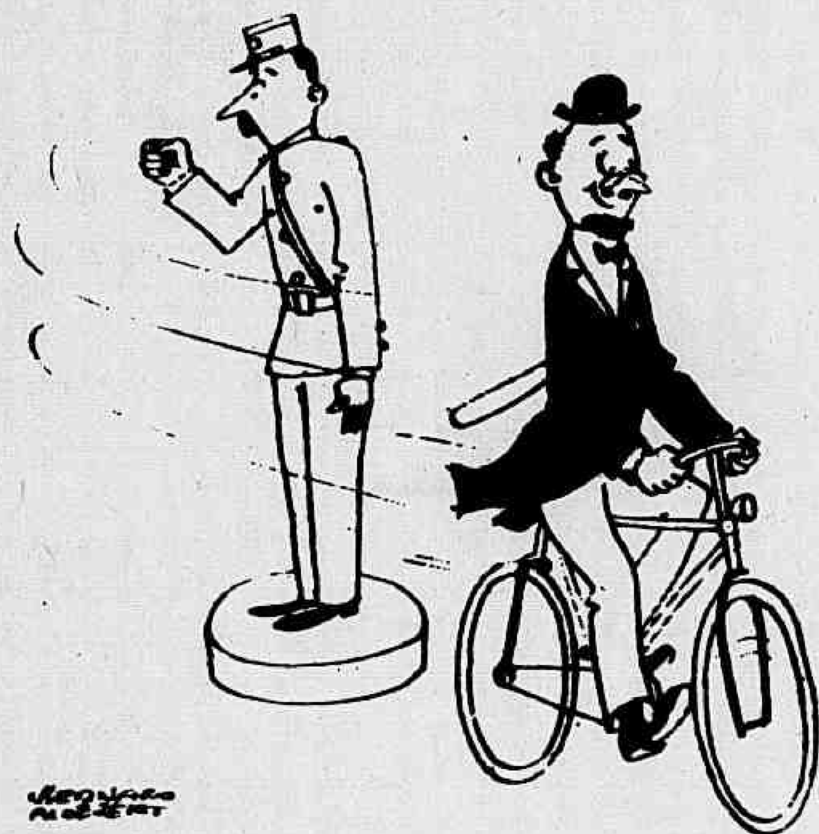
— João, pare de acelerar!



— Eu não podia continuar a levá-la a passeios, com o que ganho . Resolvi casar-me.

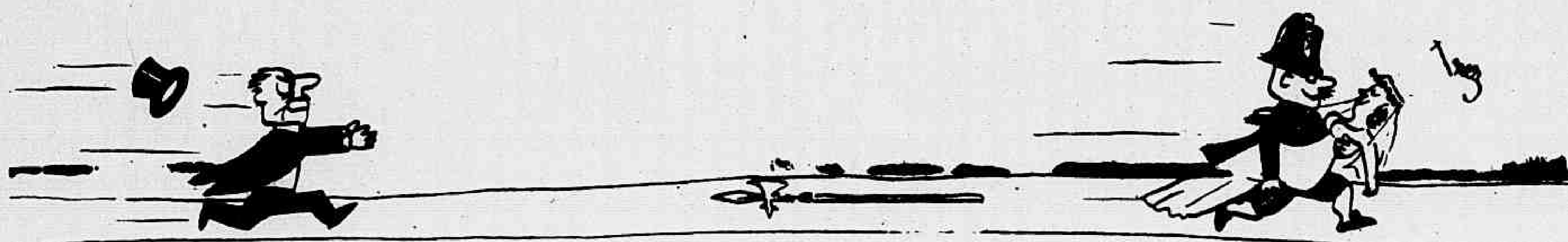
O RISO DOS OUTROS





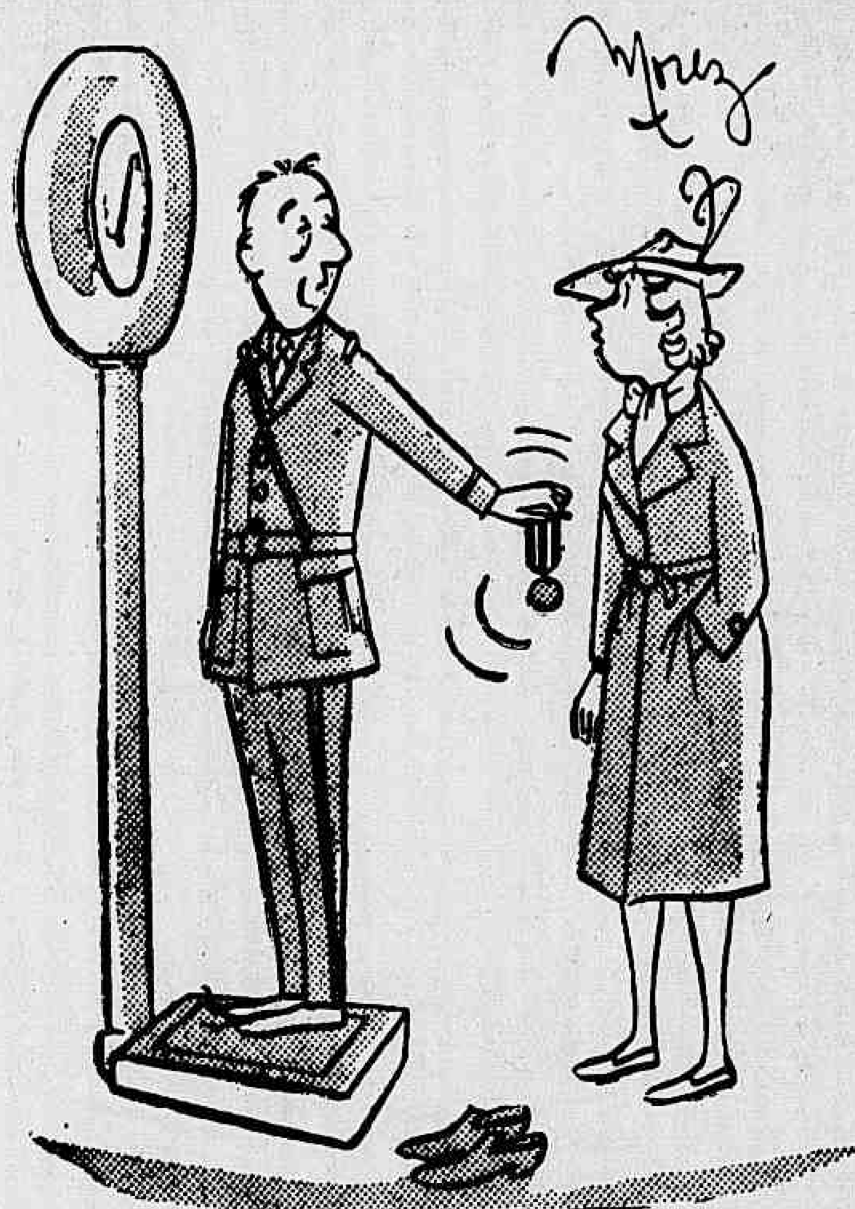


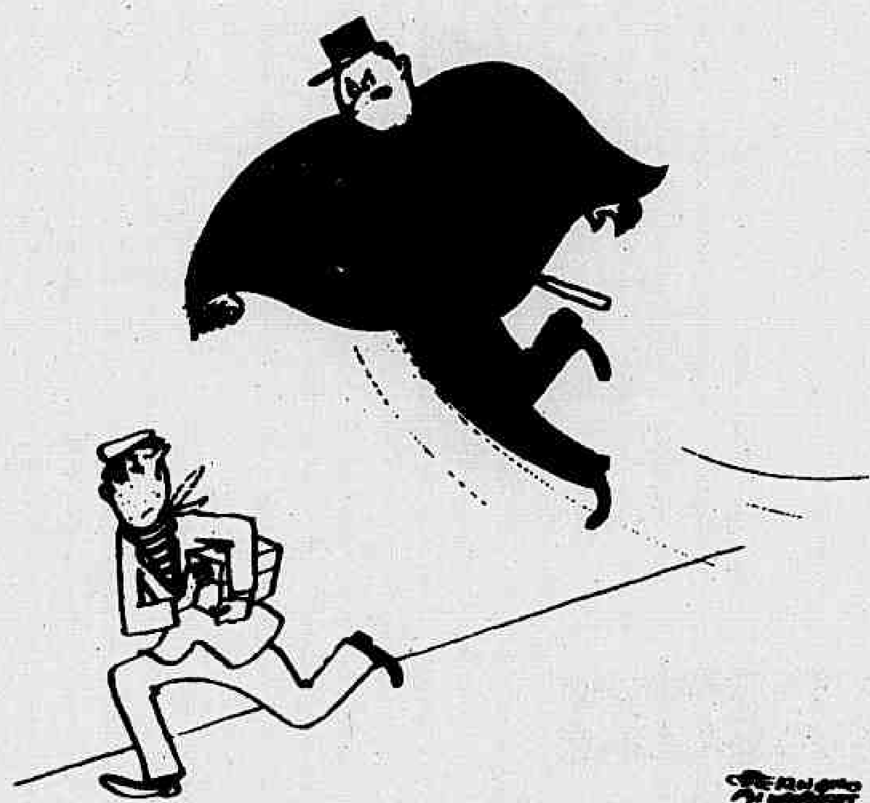
— E dizer que tudo começou por um «fiu-fiu» de admiração!





— Por que o senhor conserva o meu busto sôbre a lareira, doutor?









— A mim não acontecerá ser abandonada no altar pelo noivo.



— Parece que o nosso sistema funcionou demais.



Semana LITERÁRIA



FUNDADORES DA A.B.D.E.

A Associação Brasileira de Escritores, como se sabe, pretendeu ser, a princípio, o órgão de classe dos intelectuais brasileiros, que através dêle poderiam defender suas reivindicações (numerosas e urgentes). Depois, como também é do conhecimento de todos, veio o dilúvio. Os comunistas, com a burrice sectária que lhes é peculiar, tentaram transformar a A.B.D.E. numa sucursal do «movimento pró-paz» e de outras blandícies no estilo. Choveram polêmicas e dissensões de tôda ordem, e o espírito divino voltou a boiar sôbre as águas. Tentou-se, é certo, organizar uma Arca de Noé, capitaneada pelo deputado e escritor Afonso Arinos de Melo Franco. Mas a verdade é que os escritores brasileiros ficaram sem a sua associação de classe. A fotografia acima, de saudosa memória, foi tirada ao tempo em que se fundou a A.B.D.E., sob a presidência de Manuel Bandeira. Sentados, da esquerda para a direita: Aníbal Machado, Alvaro Lins, Manuel Bandeira, Peregrino Júnior e Levi Carneiro. Em pé: Carlos Drumond de Andrade, Cassiano Ricardo, Afonso Arinos de Melo Franco, Astrojildo Pereira, Múcio Leão, Vinícius de Moraes, Ribeiro Couto e Francisco de Assis Barbosa.

UM POEMA POR SEMANA



Floriam por engano as rosas bravas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momen
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sôbre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de
gelos...

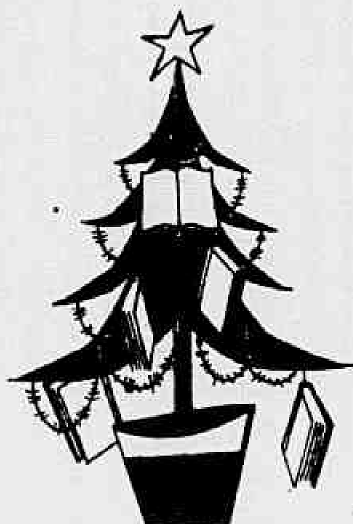
Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze — quanta flor — do
céu,
Sôbre nós dois, sôbre os nossos ca-
belos?



CAMILO PESSANHA — «Clépsidra»

ESPELHO DE ESCRITORES

OTO LARA RESENDE — Oto Oliveira de Lara Resende, no registro civil. Nasceu no Morro da Fôrca (já sem fôrca) a 1º de maio de 1922, São João d'el Rei, e talvez seja esta a razão pela qual sonha, freqüentemente, com enforcamentos e execuções. Pertence a uma família numerosa (19 irmãos, dos quais 13 estão vivos). Seu pai era diretor do colégio «Padre Machado», no qual fêz o curso primário e o secundário e no qual também iniciou a sua frustrada carreira de professor, lecionando, por cinco anos, História da Civilização e Português. Em 1938, com 16 anos, transferiu-se para Belo Horizonte, acompanhando a família e o colégio «Padre Machado». Naquele ano, entrou, pela primeira vez, na redação de um jornal: «O Diário». De lá para cá, embora sob protesto, nunca mais conseguiu abandonar o jornalismo. Em 1939, ingressou, por equívoco, na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e se fêz bacharel em 1945. Não obedecia, em verdade, a nenhuma espécie de vocação jurídica, mas à sugestão de uma antologia ginasiana, onde aprendeu que os escritores brasileiros, em geral, são bacharéis. Começou a escrever muito cedo: um diário secreto (que escondia no fundo de uma geladeira, das antigas), sonêtos (de pé quebrado) e um romance de aventuras passado no Mato Grosso e no Paraguai (em colaboração com três colegas de ginásio). Em 1939, publicou o seu primeiro artigo, no «O Diário», contra as panelinhas literárias, o que não o impediu de ingressar, pouco depois, na panelinha a que até hoje está fiel: sobretudo os mineiros Hélio Pellegrino (seu primeiro amigo escritor), Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos (que já conhecia dos campos de basquete de São João d'El Rei e do qual ouviu, pela primeira vez, no «Café Java» daquela cidade, a palavra «whisky»). Continuou publicando artigos e posou de crítico durante cinco anos. No entanto, já em 1939 tinha um livro de contos (inédito), com o titulo de «O Monograma» e um princípio de romance (decalcado do «Amanuense Belmiro», de Ciro dos Anjos de quem é hoje grande amigo e admirador). Em 1943, voltou ao conto e preparou «As Coisas» e «Família», que nunca publicou em livro. Em janeiro de 1946 turbado em sua geografia sentimental, mudou-se para o Rio de Janeiro, lavando nas águas atlânticas, uma das mais sólidas tristezas jamais aparecidas em praias guanabarinas. Trabalhou como repórter, na Constituinte destacado pelo «Diário de Notícias» e pelo «O Globo». Em 1952, estreou em livro, com «O Lado H mano», contos, que só não foi bem recebido pela crítica porque a crítica n há mais. Atualmente, conclui novo livro de contos, «Meninos», no qual todos personagens importantes são crianças entre sete e doze anos. Espera que ês novos contos comecem a configurar-lhe o perfil de escritor com raízes no chão Minas, a cuja atmosfera moral se encontra irremediàvelmente amarrado. Aper de já ter um projeto de romance para 1954, publicará antes um terceiro liv de contos, com a entre-safra de «O Lado Humano» a «Meninos». E' católi apostólico, romano, afilhado de Jackson de Figueiredo (com cuja ideologia se identifica) e considera que tudo o que faz, sobretudo a literatura, tem a a ver com a Santa Madre Igreja. Sustenta que o curso de belas letras, em líng portuguêsa, se faz com a leitura diária de Machado de Assis. Acha, entretan que não pertence à família machadiana. Seu primeiro deslumbramento literár Papini. Admirador até as lágrimas de Rimbaud. Em matéria nacional, prefere amigos de tôdas as idades e gêneros, desde Carlos Drummond de Andrade Geir Campos (na poesia) e de José Lins do Rêgo e Valdomiro Autran Doura (na prosa de ficção). Crê firmemente que um escritor se universaliza na medi em que melhor canta a mangueira do quintal de sua infância. Tem horror avião, o que o faz ir a Minas menos do que desejaria. Tem mê de campainha de telefone, de quem grita seu nome na rua, de ma de fogo, de burocrata e do Juízo Final. Por uma conversa da com amigo, esquece todos os compromissos, inclusive os triótícos. E' casado, tem dois filhos varões e considera o ma mônio uma fôrça de equilíbrio indispensável. Não bebe habitu mente, mas tem alguns pileques homéricos em sua biografia. virtude de sua condição de mineiro finório, o que faz excepcion mente hábil nas relações humanas, acha que seria político, não fôsse escritor. Sofre de asma desde a mais tenra idade não deseja curar-se, pois considera a moléstia incorporada seu patrimônio vital. Espera viver mais de oitenta anos, porq se crê uma perfeita organização de velho sistemático e ranzin com o que concordam todos os seus amigos. Não tem inimig visíveis, mas acredita ferozmente no Demônio.



H. P.

CINEAC LITERÁRIO

O POETA Augusto de Almeida Filho, após dez anos de silêncio, publicará novo volume de poesia, «Rondó da Perdição». O livro será lançado em edição restrita por Luís Santa Cruz (150 exemplares, com ilustrações de Iberê Camargo) e, ao mesmo, virá a lume através das «Edições Mantiqueira», em lançamento comercial.

★

RENATO DE ALENCAR vai reaparecer nas vitrinas das livrarias com o seu novo livro, «Quer ser escritor?», em edição da **Editorial Andes.** Trata-se de um volume sôbre literatura, sua evolução, crítica, etc., e uma antologia de novos, intelectuais que fizeram o Curso de Literatura, Estilística e Português, por correspondência, mantido há quase quatro anos pelo autor. Após êste livro virão, imediatamente, o de Estilística e o de Português, completando-se interessante trilogia, base para todo aquêle que, realmente, quer ser escritor.

★

DÉCIO VICTÓRIO, poeta novo e rigorosamente inédito, tem pronto o seu primeiro livro, «Dos muitos, um». A coletânea de poemas, da qual só existe uma cópia — seu autor não admite mais de uma — está em São Paulo, nas mãos de um editor, para lançamento próximo. Décio Victório pretende ter conseguido, através de sua poesia, uma reconceituação do universo, do plano físico ao metafísico.

★

VALDOMIRO AUTRAN DOURADO, jovem ficcionista mineiro, tem pronto um livro de contos, «A Ilha Escalvada», a ser editado por Simeão Leal nos «Cadernos Cultura». Trabalha também num novo romance, «História de Caça e Pesca» e a tese do livro é de que o homem caça o homem. Tanto nos contos como no romance há uma forte presença do mar, com sua insônia perpétua e suas paisagens peculiares. Donde se conclui que os mineiros suspiram pelo mar, como o vagalume suspira pela lua, e a lua pelo sol, e o sol pelo vagalume.

★

ALPHONSUS DE GUIMARAENS Filho conquistou o prêmio de poesia para 1953, instituído pela Prefeitura de Belo Horizonte. Bueno de Rivera e Nilo Aparecida Pinto, da Comissão Julgadora, votaram a favor de um poeta novo e ótimo, cujo nome não conseguimos apurar. Emílio Moura, também da Comissão, desempatou a favor do poeta de «Lume de Estrêlas».

★

JOSÉ LINS DO RÊGO, falando sôbre as «Memórias do Cárcere», de Graciliano Ramos: «Eu não considero Graciliano um escritor comunista, e nunca o considerei como tal. Eis porque seu livro de memórias é importante, aliás, tão importante como tudo o que saiu da pena dêste grande escritor. Graciliano foi apenas um homem livre, e os quatro volumes das «Memórias do Cárcere» são resultado de um profundo sofrimento humano, pois Graciliano fêz parte daqueles escritores que nunca misturaram política com literatura. Creio que as «Memórias do Cárcere» são um dos mais esmagadores documentos humanos publicados durante os últimos anos, e tenho a convicção de que a repercussão dessas páginas será maior enquanto o tempo passar».

★

AINDA A RESPEITO de «Memórias do Cárcere»: o escritor Wilson Martins, em artigo publicado no «Estado de São Paulo», faz ao país uma denúncia de excepcional gravidade — a de que o livro teria sofrido um expurgo, a mando do Partido Comunista, antes de sua publicação. Aliás, é sintomático o silêncio dos nossos malenkovistas em tôrno de um acontecimento literário de enorme repercussão, tanto mais quanto não perdem êles a menor chance de fazer soar a sua zabumba propagandística. Ao que parece, mesmo expurgado, o livro não agradou aos comunistas, já que em suas páginas não se encontram os absurdos panegíricos e as lastimáveis eructações laudatórias que caracterizam a visão que os escritores comunas são obrigados a ter de seus chefes e líderes.

★

O MINISTRO João Alberto, falando sôbre as suas «Memórias», recentemente publicadas, informou que o livro será traduzido para o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o holandês. Disse ainda que o «memorialista deve gozar da mais absoluta independência política e econômica. De outro modo, as condições externas estragam o seu trabalho».

★

MARIA FERNANDA MEIRELES, filha da poetisa Cecília Meireles e dona de uma personalidade artística fortíssima, escreve poesia, e da boa. Organiza-se, nos bastidores literários, uma conspiração destinada a promover a imediata publicação de seus poemas. Chefia a conspiração o escritor Marco Aurélio de Moura Matos que, por sua vez, também está a exigir uma conspiração publicitária, de tal maneira é cioso de sua produção, em prosa e verso.

★

TRISTÃO DE ATAÍDE, em seu artigo «Saudade», publicado num de nossos suplementos literários, dá a seguinte definição de sabedoria: «é um equilíbrio criador, a quatro dimensões: para trás, para frente, para baixo e para cima».

GALERIA MANUEL BANDEIRA



Esta fotografia, capaz de provocar insônia no arquivista João Condé, mostra o poeta Manuel Bandeira em companhia de Paul Eluard, no Sanatório de Clavadel, em 1913. Ao centro, Gala, que foi mulher de Eluard e de quem se separou depois, para casar-se com Salvador Dali. O poeta Paul Eluard já faleceu.

FATOS FITAS FOTOS

EM 1942, encontraram-se em Belo Horizonte o poeta Augusto Frederico Schmidt e o padre Orlando Vilela, ensaísta de poesia, que acaba de publicar um novo livro, «Alma Criadora de Símbolos». Em dado momento, no calor de uma conversa que versava sôbre as vantagens da disciplina ascética, o autor de «Canto da Noite» começou a gritar: «Padre, vá para o deserto! Vá para o deserto!» — e de tal maneira que assustou o discreto sacerdote que imediatamente tomou o rumo, não do deserto, mas de casa.

EM 1925, em plena efervescência modernista, os poetas Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava, o ex-governador Milton Campos e o líder da maioria, Gustavo Capanema, após o oitavo chope, tinham o estranho e perigoso hábito de transitar pelos arcos do Viaduto da Estação, em Belo Horizonte, a quarenta metros de altura.

★

O ROMANCISTA e contista Luís Jardim considera que tudo o que lhe acontece de bom se deve ao fato de ser êle afilhado de Nossa Senhora da Conceição, pois nasceu no dia oito de dezembro de 19... e pouquinho.

★

TRISTÃO DE ATAÍDE acaba de fazer sessenta anos. O que não tem nenhuma importância, pois os anjos não têm idade.

FOI INAUGURADO em Mariana, com pompa e solenidade, o novo túmulo do poeta Alphonsus de Guimaraens. O governador mineiro, em pessoa, presidiu a cerimônia, e com isto consolidou o seu título de «protetor das letras e das artes». O poeta Schmidt em tom elegíaco, fêz a apologia do grande simbolista, e assim colheu mais uma dália para o seu já folhudo «bouquet» de êxitos. Os ossos de Alphonsus foram transladados de um cemitério de crianças para o confôrto de um túmulo oficial. Mas os ossos, felizmente, os ossos esquecem.

★

O SR. OSVALDO ORICO, alta patente do Exército do Pará, conta numa série de artigos engraçadíssimos a linha descendente que descreveu para chegar, da forja de berço (seu pai era ferreiro) à Academia Brasileira de Letras. Num dêsses artigos, afirma o seguinte, a respeito do sr. Olegário Mariano: «Oxalá possa o sr. Olegário Mariano, ao escrever as suas memórias, responder ao libelo de sua sogra, publicado nas colunas do «Jornal do Brasil», a propósito dos caçadores de dotes».



AUGUSTO FREDERICO



TRISTÃO DE ATAIDE



LUIS JARDIM

H. P.

René Le Guen (Marcel Mouloudji), jovem que nunca recebeu instrução e nem teve nenhum ofício, por parte de seus pais e da sociedade que hoje o condena à última pena. Produto clássico do meio mais miserável da estratificação social, de pai desconhecido e mãe alcoólatra.

✶

AGORA, que se discute no Brasil a pena de morte — sòmente reservada à legislação militar, assim mesmo em caso de guerra com país estrangeiro — encontrando-se na Câmara dos Deputados um projeto de lei nesse sentido, contando com a assinatura de 80 deputados, será oportuno focalizarmos aqui algumas considerações sôbre a pena de morte, que tem provocado no mundo inteiro as maiores controvérsias, a propósito do lançamento no Brasil do filme francês, «Somos Todos Assassinos» (Nous Sommes Tous Des Assassins), distribuído pela França Filmes, e que combate profundamente em sua tese a pena capital. O celulóide, que é dirigido pelo advogado André Cayatte, obedece a uma trilogia, que êste cineasta pretende fazer, levando à análise do público as três fases de um processo criminal: a instrução, o juízo e a execução. O primeiro tomaria como base o célebre «caso Seznec», que comoveu durante muito tempo a opinião pública francesa, mas sua filmagem foi retardada em virtude das complicações surgidas por se tratar de um caso verídico. O segundo foi «O Direito de Matar» (Justice Est Faite), que já assistimos no Brasil, e o terceiro é «Somos Todos Assassinos».

Desde a cruz romana até a atual cadeira elétrica dos Estados Unidos, a guilhotina na França e a fôrca na Inglaterra, os homens têm morto os seus semelhantes por procedimentos tão terríveis e diversos como são o fogo, a imersão, o despedaçamento pelas feras, o azeite fervente e a precipitação da rocha Tarpeyana, a espada, o machado ou o fuzilamento militar. Alguns países ainda conservam a pena de morte, como França, Bolívia, Espanha, Cuba, Chile, Grã-Bretanha, Haiti, Peru (desde 1949), Bulgária, México, Rússia (abolida em 1947 e restabelecida para crimes políticos em 1950) e em 35 Estados dos Estados Unidos, enquanto outros a aboliram: Noruega (1902), Suécia (1921), Dinamarca (1930), Finlândia (1826), Islândia (1944), Itália (1947), Suíça (1942), Argentina (1922), República Dominicana (1924), Nova Zelândia (1914), Áustria (1950), Alemanha Ocidental (1949), Holanda (1870), Bélgica (1863), Costa Rica (1880), em 7 Estados dos Estados Unidos, Austrália (1921), República San Marino e Portugal (1867).

Em 1796, na França, uma lei do ano IV prometia que a partir da paz geral, a pena de morte seria



abolida, mas Napoleão, que queria possuir o direito de intimidar a introduziu no Código de 1810, que foi copiado por numerosos países. Em 1906, o govêrno francês apresentou um projeto de abolição da pena de morte, um direito, pois de fato, os presidentes Lubet e Fallières a haviam suprimido pràticamente, dando a graça de um modo sistemático. Em 1934, um projeto de lei a deixa subsistir, se bem que a 3ª República foi requerida por mais de uma dezena de propostas de abolição.

Em Leija (Bélgica) a 29 de setembro de 1807, quando as autoridades se apresentaram na cela do condenado Landelin, para levá-lo a cumprir a pena de morte, êste se feriu na garganta tentando o suicídio. Debateu-se contra dois guardas ferindo-os e terminou de abrir a própria ferida com as suas mãos, morrendo hora e meia depois. O fiscal de Leija, sr. Renier, ordenou que o cadáver fôsse guilhotinado...

Outro condenado à morte, dr. Dutoit (Antoin[e] Balpetre), pessoa sarcástica e inquieta. Teri[a] envenenado de fato a sua mulher por amor d[e] outra? Pelo menos o nega enèrgicamente, o qu[e] não deixa de ser possível... Quando chega su[a] hora final marcha dignamente, quase deprecia[]tivamente ao suplício, contestando ao sacerdo[]te que lhe oferece serviços espirituais: — «Fic[a] para outra vez. Êstes senhores têm pressa!» diante dos parentes que vêm pedir-lhe par[a] confessar seu crime em última instância, lhe cospe em cheio na cara, repetindo sua inocênci[a].

✶

e assim se fêz. Quando Napoleão passou em compa[]nhia de Maria Luísa por Leija, em 1811, foi-lhe apre[]sentado o fiscal Renier. Logo após a apresentaçã[o] Napoleão exclamou: «Ah! E' você que faz guilhoti[]nar os mortos!»

Na França, o cargo de «verdugo de Paris» f[oi] desempenhado sem interrupção desde 1668 a 184[] pela «dinastia» dos Sanson. Sob Luís XV um Sanso[n] queimou viva a envenenadora Voisin. Seu filho exe[]cutou a Luís XVI e seu neto a Maria Antonieta e [o] Duque de Orleans. O último dos Sanson foi depost[o] de suas funções em 1847, por ter aceito um emprés[]timo sôbre seus «meios de trabalho». Todos os ca[r]rascos que se sucederam depois eram parentes. E[m] 1872 são Heindereich e Nicolas Hock em 1875. D[e] 1880 a 1939 foram José, Luís e Anatolio Deibler. D[e] 1939 a 1951 Henri Desfourneaux e o atual Andr[é] Obrecht, ambos sobrinhos de Deibler.

Anatolio Deibler e Henri Desfourneaux morrera[m] de uma crise cardíaca depois de terem executad[o] umas quatrocentas cabeças, o que demonstra que [] um ofício esgotador, e apesar disso apresentaram-s[e] para ocupar o cargo mais de 150 candidatos, entr[e] os quais gente desonesta e entre êles alguns dese[]quilibrados. Como a profissão de verdugo não est[á] incluída no pressuposto geral, o cargo é pago pel[a] administração da justiça (uns 30 mil francos), ma[s] como o pagamento é muito reduzido os homens qu[e] ocupam êsse cargo são obrigados a procurar outra[s] atividades além das de cortar cabeças de seus se[]melhantes em nome da lei; tanto é assim que [o] atual carrasco de Paris obtém os seus principais re[]cursos da fabricação de sorvetes de chocolate, par[a] deliciar as bôcas sêcas pela emoção de um film[e] nos entreatos dos cinemas.

O carrasco americano Elliot se converteu ao abo[]licionismo, enquanto que Lewis E. Lawes, diretor d[a] famosa prisão de Sing-Sing, depois de haver pre[]senciado a mais de 120 eletrocuções percorreu o[s] Estados Unidos como propagandista da abolição d[a] pena de morte. Na França a pena de morte par[]

A profissão de carrasco também



Êste é o criminoso Le Guen (Marcel Mouloudji). A polícia tenta prendê-lo e êste se defende a tiros. Segue matando. Cada vez mais... Condenado à morte, sem ter podido compreender em que se diferenciava o crime do heroísmo, começa a «instruir-se» auxiliado por outro detento, Gino (Raymond Pellegrin). Aprende a escrever e torpemente começa sua carta ao Presidente da República, pedindo a comutação de sua pena de morte.



Outro criminoso é Bauchet (Julien Verdier), um criminoso odioso. Matou a própria filhinha indefesa, com um atiçador de brasa, simplesmente por que esta não o deixava dormir com o seu chôro contínuo. De todos, Bauchet é o mais covarde para enfrentar a guilhotina. Procura todos os recursos para prolongar seus últimos instantes e sua confissão ao capelão, dá lugar à cena mais intensa e de um dramatismo e realismo dilacerador



TEM OS SEUS ESPINHOS

Por que as mulheres não morrem na França ★ «Somos Todos Assassinos» muda a opinião pública mexicana ★ Abolidos os grilhões aos condenados à morte na França.

NEWTON COUTO

mulheres criminosas foi suprimida desde os tempos de «Papai Grevy», como era então chamado êsse paternal presidente de 1879 a 1887, até que Petain, com sua lógica militar, a restabeleceu dizendo: «Porque não as mulheres?» Mas, fora dêsse parênteses, não se aplica ao sexo fraco a pena de morte porque as mulheres ao serem conduzidas à guilhotina produziam cenas tão alucinantes que inclusive os verdugos ficavam tão impressionados que não podiam cumprir sua missão devidamente e para confirmar isto, aqui estão as notas do diário de alguns dos mais famosos carrascos da França:

Essas notas nos revelam que entre os casos mais arrepiantes está o da execução de uma mulher que havia assassinado o marido. Quando era conduzida na carruagem celular para a guilhotina a 30 de janeiro de 1849, a desgraçada mulher abriu a garganta com uma navalha que trazia entre os cabelos. Mas como a execução só seria realizada duas horas mais tarde, chamaram um médico que vendo a ferida aberta e a mulher desfalecida, pediu que a deixassem morrer de esgotamento devido a hemorragia. A êsse pedido se opôs imediatamente o verdugo e quando o momento chegou lhe arrancaram violentamente as ataduras, para que o suplício fôsse mais breve e o carrasco pudesse cumprir sua missão com absoluto zêlo.

Outra nota nos diz que: No fim do século passado, no povoado de Lons-le-Feunier uma mulher condenada à guilhotina resistiu de tal forma, mordendo os pulsos dos verdugos, que êstes tiveram que atordoá-la a ponta-pés e quando a lâmina caiu sôbre seu pescoço, ela já era quase cadáver. Não falta tampouco o caso grotesco e o verdugo Heinderech, predecessor de Deibler, conta que ao levar à guilhotina uma mulher que havia morto o próprio filho, ao ver o seu marido entre o povo curioso grita para êle: — «Não te atormentes porque o filho não era teu!» O carrasco Deibler teve uma estréia bastante acidentada e entre os casos curiosos nos conta o de uma mulher que foi de uma covardia tristemente célebre: rasgou as roupas enquanto gritava horrìvelmente e mordia os pulsos dos carrascos e os do cura. Era uma camponesinha de 25 anos, forte e corada que havia morto sua sogra em cumplicidade com seu marido e havia também incendiado a casa para dissimular o crime. Rolou pelo chão completamente nua e tiveram que segurá-la pelos cabelos para colocá-la na posição exata para que a lâmina caísse sôbre seu pescoço, e para isso precisaram segurar-lhe a cabeça do outro lado da guilhotina. O carrasco completamente abatido, declarou após a execução: «Estou horrorizado: é espantoso ter que usar quatro homens para segurar uma mulher!»

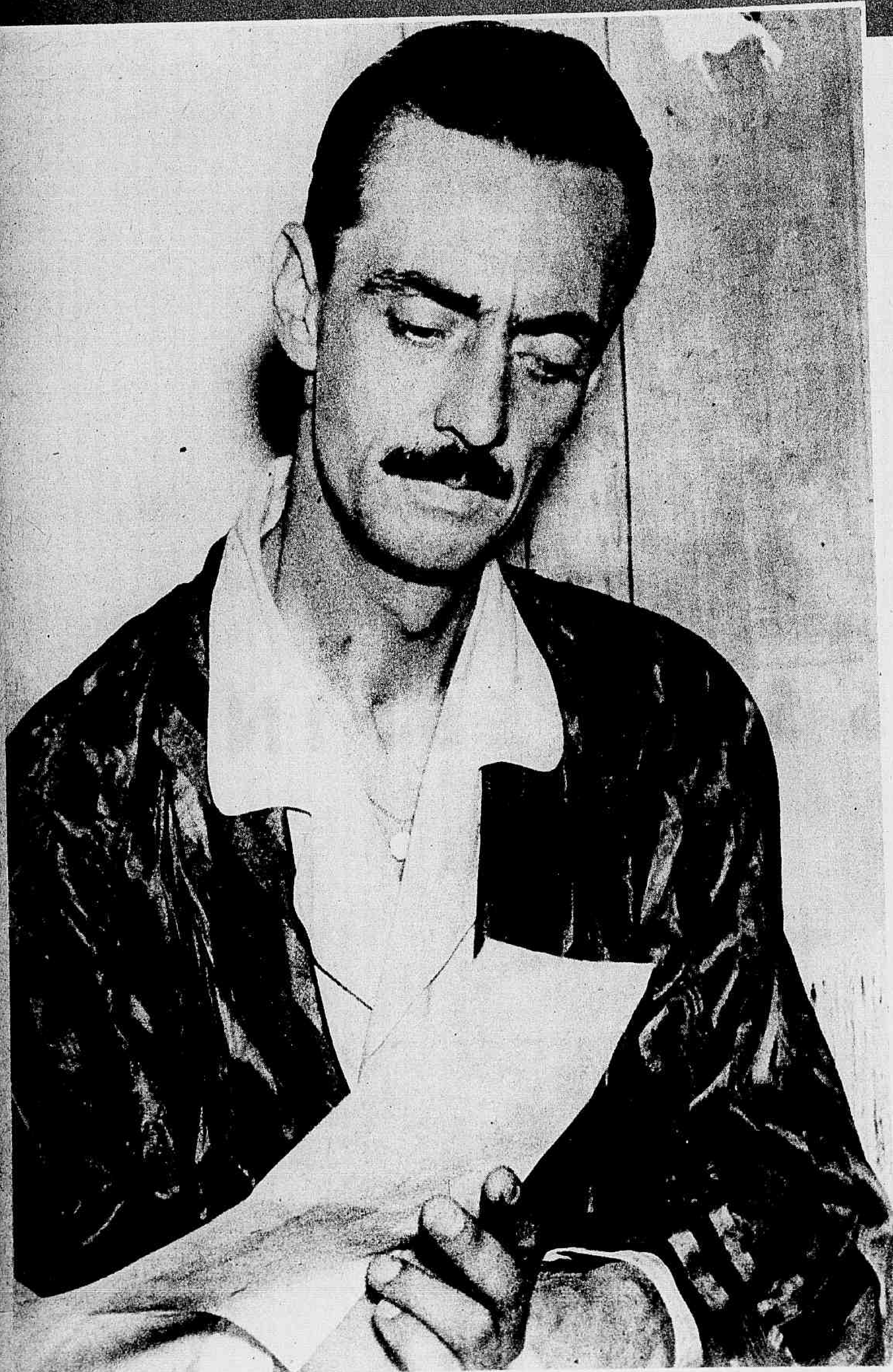
Como caso curioso de agraciamento, por deficiência mecânica, de certo modo, é o caso de uma mulher que depois de debater-se como uma fera contra os três verdugos, quando êstes lograram colocá-la na guilhotina, esta se negou a funcionar por três vêzes consecutivas e a execução teve que ser atrasada até o dia seguinte e neste intervalo de tempo a mulher foi agraciada. Por causa dêstes dramas inarráveis, as mulheres não têm sido executadas, na França, desde 1905 ou 1906, até o período da ocupação nazista.

No México também se deu um caso interessante. E' que estava para ser restabelecida a pena de morte neste país, havendo forte campanha da imprensa mexicana a favor da mesma, quando foi exibido o filme de André Cayatte «Somos Todos Assassinos» na semana francesa, ali realizada, sendo presenciada por 12.000 mexicanos, a opinião pública mudou completamente, cessando por completo a campanha. Também acaba de ser suprimido os grilhões aos condenados à morte na França, pelo M. Paul Ribeyre, Ministro da Justiça neste país, e que são usados no celulóide francês «Somos Todos Assassinos», datando dos tempos medievais.

COMO VEJO

JÂNIO QUADROS

CASTELLO



Março de 1953 — Na rua Augusta, num «bungalow» transformado em escritório eleitoral, fui ver Jânio Quadros. Na véspera, lobrigara-o no comício de encerramento da sua campanha encenado no largo do Arouche entre velas acesas e vassouras.

— Veio ver o fenômeno — disse-me com simpatia e graça, ao primeiro apêrto de mão, o candidato. Uma multidão se comprimia dentro do «bungalow». Jânio assinava cheques, tomava providências, informava-se.

A entrevista ali não era possível. O candidato me punha à vontade:

— Venha amanhã, às 9, que bateremos um longo papo.

Precisava de qualquer forma de algumas palavras dêle para o meu jornal. Fiz as perguntas de praxe, que respondia afável. Notei-lhe a articulação precisa das palavras, o vocabulário um tanto preciso, a rápida percepção dos objetivos finais das perguntas. — O que prega o senhor na sua campanha, além da moralização pública? — Não faço proselitismo.

Sua vitória se antecipava evidente. — O senhor está começando uma carreira. Pensa em candidatar-se depois ao govêrno do Estado? Muito sério, pediu-me que escrevesse: «exercerei a Prefeitura de S. Paulo, se fôr eleito, até o último segundo do último minuto da última hora do último dia do meu mandato».

Abril de 1953 — A vitória de Jânio Quadros inquietou o país: era um fato novo. Voltei a São Paulo, colhi dados para explicar aos leitores a personalidade da nova estrêla que revolucionava os métodos clássicos da demagogia eleitoral. A demagogia do dinheiro opunha a demagogia da pobreza. Os carros alegóricos de Ademar, a vela e a vassoura. Fazendo, como os outros, apelos diretos à imaginação popular, usava porém uma linguagem diferente.

Falava quase com pernosticismo. Parecia disputar o campeonato de oratória numa Faculdade de Direito.

«Sob as arcadas», aliás, fui encontrar suas origens de poeta acadêmico, patriota e místico. Sua vocação solidária: participava de certas idéias da sua turma, torcia pela vitória da República espanhola, era tido como esquerdista, mas não pertencia a grupos. Tinha um amigo: Germinal Feijó, agitador estudantil.

Em política, fizera uma tentativa fracassada em 1945, recolhendo-se às suas aulas de geografia e português no colégio Dante Alighieri. Mas em 1947 descobriu o PDC e elegeu-se vereador. Antes de encerrar o mandato, elegeu-se deputado, aparecendo pela primeira vez o seu nome numa enorme faixa cortando a avenida S. João. «Pela família, Jânio Quadros», era um dos seus «slogans». Vereador e deputado, popularizou-se pelas maneiras estranhas e pela excepcional capacidade de trabalho. Não cortava os cabelos (ainda hoje os cultiva caídos sôbre o colarinho), entrava e saía ano metido num sobretudo prêto que lhe ia aos pés. Os bolsos recheados de papéis. Lia da tribuna qualquer coisa que lhe mandassem. Com a autonomia de São Paulo, procurou alianças na dissidência do PTB. Fêz boa colheita: trouxe o popularíssimo Porfírio da Paz e os eficientes Toledo Piza e José Ataliba Leonel. A campanha já se sabe o que foi. E a vitória. Dois grupos disputavam o predomínio da Prefeitura: o PDC-PSB e o trabalhista. Jânio falhou a ambos. «Minha administração — disse — tem caráter estritamente pessoal. Assumo tôdas as responsabilidades».

Foi difícil localizar o vencedor para a entrevista. Escondeu-se, passada a eleição, combalido. Mas viera ao Rio, sigilosamente. No dia da proclamação, porém, consegui acompanhá-lo do tribunal até sua residência secreta. Os políticos faziam planos na cozinha apertada. Ia ser um govêrno de equipe. Sentado na sala de visitas, Jânio tinha os olhos no chão, cansado e embaraçado.

— O senhor estêve no Rio? — perguntei-lhe, pois êle havia estado no Rio.

Jânio não ergueu a cabeça. Ergueu o dedo indicador, balançando-o em negativa. A voz veio fria:

— Não respondo.

— Não entrou em contato com qualquer pessoa ligada ao presidente da República?

O dedo indicador voltou a balançar-se e a mesma voz repetiu:

— Não respondo.

— O senhor vai pedir empréstimo ao Banco do Brasil?

O mesmo gesto e a mesma resposta:

— Não respondo.

— Já organizou seu secretariado?

— Não respondo.

Pedi-lhe permissão para o fotógrafo bater uma chapa. Jânio tirou o palitó, exibindo os suspensórios de mau gôsto. Subiu um degrau na escada do segundo andar. A êle se juntaram a espôsa e a filhinha. Deram-lhe uma vassoura. O Prefeito agitou-a e, no primeiro sorriso, comentou:

— Esta vai funcionar.

Setembro de 1953 — Um grupo de jornalistas visitava as obras do IV Centenário. Levaram-nos ao Prefeito. Quarenta e cinco minutos ficamos na sala de espera, apesar da hora marcada. Entre nós, José Lins do Rêgo, Osvaldo Costa, Antônio Calado e o deputado Jorge Lacerda. Resolvemos sair, mas a porta se abriu e fomos introduzidos no gabinete. Era como se se levantasse a cortina.

Sentado na escrivaninha, metido num enorme sobretudo cinza, que caía direto sôbre a camisa, o nó da grava descido até o peito, cabeleira basta, testa ampla de tribuno do interior, o homem escrevia frenèticamente sôbre um bloco de papel. O «suspense» durou de 1 a 2 minutos. Finalmente, ergueu a cabeça, tirou os óculos e espalhou pela sala seu olhar inquietante. Tanto podia ser comédia como drama.

Felizmente, não foi nada. Foi apenas um discurso sôbre o significado das obras, dito com simplicidade e inteligência, desarmando-nos a má vontade. Mas quando êle acabou só cabia uma coisa: outro discurso. Calado o fêz com dez palavras e deixamos a sala.







A partir ... herói
quilôm... hora
centos quil... em pi
extraordin... rápido
Um pelic... ating
midades d... hélí
mento de ... de
ter-se cheg... limi
Apesar d... ordinár
a segunda ... guerra
a solução ... com a
Só em 1947 ... ooting
dois turbo-... res.
Outro te... esper
derrubar o ... avião
quilômetros ... ra.

A PAREDE ... OM

Quando ... o avi
de compres... depres
metros por ... o, ou
do avião ... a
direções, e ... tôss
Mas, no ... em qu
se acha, ... rante
sacudido, ... vessa
lhe opor, ... te, u
êsses abal... duzem
É preciso ... rever
condições; ... te a
velocidades ... ticas

UM NOVO OBSTÁCULO TERÁ QUE SER VENCIDO PELOS AVIÕES DO FUTURO

QUANDO OS REATORES A JACTO IMPULSIONAREM OS BÓLIDOS AÉREOS A UMA VELOCIDADE DE 3.500 QUILÔMETROS POR HORA, O TERRÍVEL PROBLEMA SE APRESENTARÁ ANTE A CIÊNCIA, DIFÍCIL E AMEAÇADOR.

DEPOIS DA BARREIRA DO S

a heróica de 1910, quando Blériot atingia a velocidade recorde de cem r hora, até aos «stukas» alemães de 1940 que se aproximaram dos oitoem piquê, a progressão das velocidades no domínio aéreo, se bem que rápida, se mantinha muito regular.

a atingir quase 900 quilômetros por hora, quando a velocidade nas extrela hélice se aproximava da rapidez do som. Em tais condições, o rendir de hélice se tornava, de mais a mais deficiente, podendo-se considerar m limite.

ordinários esforços desenvolvidos de parte a parte dos beligerantes durante guerra, de 1939 a 1945, nenhum dêles conseguiu atingir, no fim das contas, com a única vitória capaz de ultrapassar o avião de hélice: o a reação. ooting star» consegue ir além dos mil quilômetros por hora, graças a seus res.

espera e muito relativo, sobreveio depois disso, quando se tratou de avião a famosa «parede do som», situada nas proximidades dos 1.200 ra.

OM

o avião faz vibrar o ar em tôrno dêle, e essas vibrações — alternativas depressões — se afastam do aparelho com a velocidade de cêrca de 340 o, ou seja, justamente, 1.200 quilômetros por hora. Enquanto a velocidade r a 1.200 quilômetros, estas perturbações se afastam dêle em tôdas as s fôssem visíveis, o pilôto poderia vê-las a fugir diante de seu «cock-pit». em que forçando a velocidade de seu aparelho, êle as encontra, seu avião rante alguns instantes, no próprio centro das perturbações; e violentamente vessa super-pressões intensas, verdadeira muralha de ar comprimido a te, uma resistência extremamente forte. Uma vez transposta essa parede, duzem, ùnicamente, depois da passagem do avião, não o interessando mais. rever tôdas as questões do aerodinamismo e adaptar-se à «dureza» destas te a muralha do som foi vencida e se pode crer ter-se furado o teto das uticas.

Infelizmente, para os físicos, a Natureza não se deixa domar assim tão fàcilmente, e, mal o homem atinge hoje os 2.000 quilômetros por hora, e já surgem outros enbaraços no horizonte.

A MURALHA DO CALOR

Se a resistência do ar tinha sido vencida sôbre o plano da compressibilidade pela transposição da muralha do som, a mesma ia, dentro em breve, manifestar sua má vontade, esforçando-se por fazer fundir o que não pudera quebrar.

Da mesma forma por que aquecemos as mãos esfregando-as uma contra a outra, também os filetes de ar que batem contra as paredes do avião exercem sôbre as mesmas um atrito, que transforma em calor a energia que dispende o motor para os vencer.

De certo, a 5 ou 6 mil metros, lá onde a atmosfera é sempre inferior a dez graus, o refrigeramento das paredes do avião é intenso, e, o que mais importa, cresce com a velocidade; mas, infelizmente, êste aumento é menos rápido que o calor devido ao atrito. De maneira que, quando há uma velocidade acima daquela, um corpo se deslocando no ar tem sua temperatura a crescer de maneira constante.

As cabines de pilotagem dos aviões super-sônicos americanos apresentam já problemas delicados sôbre refrigeração e resistência ao material, quando suas paredes são levadas exteriormente a várias centenas de graus. Por essa mesma razão as bombas V-2 alemães, que atingiam em piquê de 5 a 6 mil quilômetros por hora, eram, por vêzes, levadas ao estado de incandescência ao penetrar na parte inferior da atmosfera, onde o ar se torna mais denso.

Por isso se veio a falar de uma verdadeira muralha de calor, a qual, pelo fato de não corresponder aos conhecimentos que se tinham, com precisão, sôbre a do som, passou a constituir um não menos obstáculo a transpor.

Essa muralha de calor se situaria nas imediações de 3 mil a 3 mil e 500 quilômetros por hora.

Já foram propostas diversas soluções a fim de ser resolvido tècnicamente o problema; mas, em verdade, assistiremos, sem dúvida, ao abandono de todos êstes turbo-pulso ou estato-reatores, forma já passadista de propulsões utilizando o ar ambiente, em proveito da «fusée» pura e simples, que, negligenceando todos êstes problemas mesquinhos devidos à resistência de nossa atmosfera terrestre, navegará, pacificamente, acima de 40 mil metros nas acolhedoras solidões inter-estelares.



SOM, A MURALHA DO CALOR



Fig. A — Conjunto de saia e casaquinho em linho creme com pastilhas em preto. O casaco é forrado com cambraia marinho.

IMPLICITY — Em "voil" de algodão marinho com pastilhas brancas, usado sôbre fôrro e anagra brancos com pastilhas marinho.



• Notamos um resurgimento dos estampados com pastilhas nos modelos de verão para êste ano. Nas criações dos costureiros franceses e nova-iorquinos são muitos os trajes que os apresentam, às vêzes associados ao tecido liso ou realçados por um debrum ou vivo na mesma tonalidade das pastilhas. O tecido de pastilhas ou de bolas, tem a vantagem sôbre as outras estamparias de ser alegre e apropriado ao verão, e o que é mais, de combinar indistintamente com tôdas as silhuetas, altas e baixas, gordas e magras. No entanto, há algumas regras para o seu uso. As pessoas gordas, por exemplo, não devem nunca escolher vestidos com bolas demasiadamente grandes, o que viria acentuar as formas já muito arredondadas ou avantajadas. Da mesma forma, as pastilhas miudinhas não combinam com a magreza excessiva. Mas as bolas de tamanho médio, isto é, aquelas que vão de um diâmetro de ½ a 1 centímetro, ficam bem indistintamente para tôdas, quando salpicadas a uma distância regular umas das outras, como nos modelos que apresentamos. **Flama**

Pastilhas



GRIFFE — Vestido em popeline de algodão, branco, com pastilhas negras. Gola grande e bôlso na frente.



ROSENFELD — Algodão branco, com pastilhas verde-escuro. Decote redondo e mangas franzidas.



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Romance de **MICHEL DUCHEMIN**

Tradução de **SÍLVIA JAMBEIRO**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida sabe que seus companheiros de turismo são nove moças e que portanto tôda a responsabilidade é sua. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Nicole, Andrea, Colette . . . outras pequenas embarcam nas estações seguintes e os apuros do pobre rapaz aumentam cada vez mais com o atraso do primeiro trem, os desembarques precipitados e as malas de tôdas as pequenas para carregar. Chegando a Rijeka Michel vê com desânimo que o guia que os espera aí é . . . uma moça também. É êle quem carrega a bagagem até a Casa de Estudantes onde ficam hospedados; e é êle, como cavalheiro, quem fica por último na fila do banho. Quando se apresenta pronto para almoçar descobre que as pequenas resolveram ir à praia nadar um pouco. Como bom turista quer tirar fotografias mas não o deixam. O mar azul e o aspecto magnífico da praia compensam de certo modo os sacrifícios. Depois do banho de mar o guia os leva para um restaurante socialista; vão um tanto receiosos depois dos boatos que ouviram sôbre a culinária iugoslava. Voltam aos solavancos num trem subterrâneo para a Casa de Estudantes onde Michel pensa dormir um pouco mas não consegue pois é alojado no quarto de vários estudantes e a rapaziada parece divertir-se conversando aos berros, atirando travesseiros numa algazarra terrível e dizendo piadas sôbre quem viaja com nove pequenas de uma vez. Michel então levanta-se, veste-se novamente e resolve sair um pouco.

Nesta primeira refeição Andrea se revelou o passarinho do nosso grupo, quanto ao apetite, dispensando todos os pratos. Contentou-se com um cacho de uvas e ainda assim repartiu-o com Marie Anne que aceitou praseirosamente. Marie Anne se revelou então a mais gulosa do grupo e quando nos contou que era a única moça de uma família de sete irmãos, nosso pensamento se voltou para a dona da casa que tinha de conseguir alimentação para tal família, calculando-se que os sete rapazes tivessem apetite proporcional à sua irmãzinha.

Os cronistas mundanos costumam descrever pratos nas reuniões elegantes onde se vê os «fogos de artifício» dos molhos e os assados apimentados e temperados com verdadeira arte. Bem, nós não estávamos ali pròpriamente por prazer e poderíamos evocar, em lugar de fogos de artifício, os verdadeiros fogos de barragem e os campos minados intransponíveis. A menor rodela de tomate escondia sob o seu aspecto inocente, cargas explosivas capazes de pulverisar carros blindados. Mesmo as batatas cozidas em água e sal que tinham aquêle ar calmo e inofensivo, lembrando pacíficos camponeses plantadores, revelariam de repente as armas camufladas. A água aos copos, circulava com fartura, como nos grandes incêndios, mas sem resultado satisfatório.

Devo citar aqui, a bem dos detalhes, Catherine que salvou a situação com uma estratégia Pinard; aliás a não ser Catherine as outras pequenas tôdas declararam pelo vinho um desdém que sentiram desde que nasceram. Eu infelizmente não consegui ser solidário com elas neste ponto e se não fôsse por Catherine eu sei quo pareceria aos olhos de todos a imagem do alcoólatra exagerado.

Saímos todos do restaurante com a sensação insegura de um guerreiro da Renascença que acaba de jantar com o maior inimigo e provou todos os pratos sem poder descobrir exatamente se estavam ou não envenenados.

Léna propõe então que tomemos o «subterrâneo» para voltar à Casa dos Estudantes.

— Vocês já repararam (começou ela assim que o subterrâneo se pôs em movimento e nós tivemos a impressão de estar sofrendo um abalo, um terremoto) notaram como os preços são razoáveis? Um dinar apenas...

E ela começa com entusiasmo um pequeno discurso sôbre os preços vantajosos dos transportes iugoslavos.

—o—

A Casa de Estudantes nos pareceu enfim um pôrto que buscávamos depois de dois dias de viagem, pois não tínhamos senão uma idéia em mente: dormir... e depois desta uma outra: ficar só! Mas... no quarto onde vou ficar me apresentam um rapaz do «Viet Nam» e que está cômodamente estirado numa cama sôbre a qual se vê um retrato de Tito. Há também mais três rapazes das Brigadas e que partirão breve para a França. Eu, porém, não me interesso nem lhes faço perguntas porque me deixo cair extenuado e sonolento sôbre o leito que me destinaram e que é de estrado de ferro e geme como porta de prisão. Não há cobertas como em geral nos países quentes e apenas um travesseiro novo em que ainda vejo a etiquêta de uma fábrica de Ohio. Sinto a sombra de Marshall à minha cabeceira, velando o meu sono. Estou deitado ao comprido e espero o sono benfazejo como uma libertação para todos os meus males. Faz um calor dos piores. As quatro janelas proporcionam apenas uma claridade turva e não adianta falar em abrir cortinas. O tal rapaz do «Viet Nam» deitado, de pijama, lê um alfarrábio sôbre a China e os da Brigada escrevem impressões de viagens. Cerro os olhos. Neste instante consigo ouvir chôro de criança, businas de automóveis, gritos, passos e tôdas as espécies de ruídos em tôdas as intensidades e de tôdas as distâncias. Tenho a impressão de estar perto de uma câmara de tortura onde inocentes protestam aos berros, ao lado de um clube de danças e tudo espanta o sono.

Léna me havia informado com orgulho a existência de uma Maternidade Modêlo bem atrás de nós, a mais moderna da Iugoslávia. Concordei com as vantagens de tão gloriosa vizinhança, mas não vi inconveniente algum em que a mais moderna Maternidade da Iugoslávia ficasse situada bem do outro lado do país. O arquiteto que sou, mesmo enquanto durmo, me lembra que há sempre o interêsse de localizar as Maternidades em zonas bem distantes das aglomerações, se possível, no meio de uma floresta que isolaria ruídos externos e internos.

Nos países quentes não usam cobertas mas usam mosquiteiros; mas em Rijeka não usam mosquiteiros porque não há mosquitos, embora, sinto ter de mencionar, môscas não faltem. Se as minhas noções de ciências não estão erradas, as môscas dormem durante a noite como os humanos e quanto aos mosquitos eu ignoro totalmente seu modo de vida. As môscas porém passeiam durante o dia, chegam em esquadrões e olham do alto o panorama dando sempre preferência aos novatos e ali no caso era eu, e vêm de perto estreitar o conhecimento. Eu me revelo violento e dou tapas e piparotes ao primeiro contato com aquêles visitantes inconvenientes, mostrando-lhes claramente que sua amizade não me interessa. Mas as môscas insistem em me dizer ao ouvido segredinhos sussurrados que eu respondo da maneira mais ingrata, agitando as mão e acabando por bater em mim mesmo, como se me estivesse castigando por uma falta íntima. Caçar môscas talvez seja um passatempo interessante para um sultão ou para uma vaca, pois nem um nem outro chegam a sentir a necessidade de repouso que eu sentia e chegava a ser uma crueldade negar tal repouso a um pobre viajante esgotado, depois de dois dias seguidos de marcha forçada.

Neste momento precisamente os três rapazes da Brigada anunciam em altos brados a intenção coletiva de começar a arrumar as malas. Continuo imóvel, olhos fechados como se estivesse morto e procuro aparentar uma calma filosófica e me sinto cercado de ruídos variados e insuportáveis. Os rapazes da Brigada brincam agora fazendo de conta que os leitos de ferro rangedores são carros de corrida nos quais êles viajam em disparada.

— Hei, Roger, joga o meu blusão que está aí na cadeira. (Gritam).

— Que blusão? Não estou vendo. (Vem a resposta aos berros).

— Está aí... sôbre a valise, perto da cadeira.

— Confere.

E o blusão passa por minha cabeça em vôo planado e vai aterrissar um pouco adiante. E o Roger grita outra vez:

— Estas gravatas aqui, são suas?

— São, pode jogar.

Tomo as minhas precauções e passam gravatas, meias, lenços, e alguns tão próximos do meu nariz que se êste fôsse um pouco mais comprido seria certamente atingido.

— Tu és desastrado, Roger, quase acertas êste cara que está dormindo aí... podias até acordá-lo!

— Qual... vê como êle está arrasado... parece que viaja só com nove pequenas, faço uma pequena idéia...

E seguem-se gargalhadas e pequenos comentários que não posso repetir aqui. Mas não foram adiante pois me levanto e êles me olham com ares de egiptólogos que examinassem uma múmia que se levantasse de repente. Tenho o olhar imperturbável de um diplomata que acaba de ser desafiado e saio do quarto desesperançado de todo de conseguir dormir um pouco.

No corredor esbarro com alguém. E' Andrea. E espantada diz:

Oh! E' você. Também eu não consegui dormir. Que tal uma volta pela cidade?

Respondo que não tinha intenção disso, mas depois das tentativas inúteis de dormir estou disposto a visitar a cidade, os museus, o mar, qualquer coisa, menos deitar para dormir. E nós partimos para a aventura, os dois. Andrea me conta então que as outras tiveram a sorte de ficar num quarto sòzinhas e por certo dormem tranqüilamente. Quanto a ela, teve de compartilhar um quarto com Léna e uma estudante que lava suas roupas à noite, outra que certamente se prepara para um concurso de dicção, pois declama em altos brados trechos infindáveis em servo-croático e troca impressões com uma outra.

— Enfim (conclui Andrea), resolvi desistir.

E nos sentamos juntos, unidos pela mesma calamidade, mártires da indiferença alheia. E depois que nos sentimos animados a trocar confidências, Andrea me pergunta a quanto tempo eu estou naquela profissão. Respondo que comecei meus estudos de arquitetura durante a ocupação.

— Não, não falo disso. Falo da ocupação de acompanhante...

— Para falar a verdade esta é a primeira vez que isto me acontece. E devo confessar que nunca o desejei.

Um tanto tìmidamente, Andrea me pergunta se foram os revezes da vida que me levaram a esta função mercenária. Não compreendo. Ela repete e só então percebo que ela me toma por um acompanhador profissional, uma espécie de especialista no assunto o que não deixa de me lisonjear um pouco. Como só embarcou em Modane ela ignora o que se passou em Paris, na estação.

— Felizmente contamos com você (diz ela). Porque se fôssemos as nove moças sòzinhas, seria horrível.

Frases como esta são como que uma condecoração por bravura.

E nos sentimos recompensados por todos os dissabores.

— Na verdade (digo eu), há sempre um certo perigo...

— Não é bem isso que quero dizer (continua Andrea), digo que seria horrível... quem tomaria o comando do grupo?

Vejo que esta pergunta ainda não me ocorrera e acho-a interessante.

— Com você (diz ela), não temos problemas. Você é o rapaz e é natural que tome a frente em tudo, de tôdas as responsabilidades. Mas (continua com voz lenta) sei de três pequenas que gostariam de tomar o comando se você não viesse.

E cita dois nomes e o próprio.

(Continua no próximo número)

NA ZONA DO CARIRI O "XANGRI-LÁ" CEARENSE

TEM 126 ANOS A MAIS VELHA VELHINHA DO BRASIL

Texto de RENATO DE ALENCAR

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Mas a data do seu nascimento é imprecisa: tinha seis meses nas guerras do Pinto Madeira ★ Nasceu no Crato, e ali tem vivido sempre.

FALAVA-SE, numa roda, sôbre o fenômeno da longevidade registrada no vale do Cariri, no Ceará. Para ilustrar a palestra, um dos presentes citou o recente centenário de nascimento da velha Totonha, acontecimento que comoveu a cidade do Crato, tendo-se celebrado uma missa em homenagem à macróbia, no altar-mor da Sé. Mas, como se ter um século de vida não fôsse lá coisa muito sensacional naquela terra, surgiram outros nomes de velhinhas com isso e mais. Foi quando lembraram a velha Rita, que, segundo diziam, tinha mais de 120 janeiros. Onde morava? Deram-nos o endereço: Rua José de Carvalho, 150, por detrás da Sé. Fomos até lá.

A casa não era de Rita. Morava ali com parentes. Recebidos amàvelmente, com aquela tradicional fidalguia e hospitalidade tão próprias do sertanejo cearense, máxime no vale do Cariri, manifestamos o desejo de conhecer a preciosidade que o Crato possuía: a mais velha velhinha do país. Nosso desejo foi imediatamente satisfeito. Rita Maria da Conceição estava lá para dentro. Foram buscá-la. Uma sobrinha ajudou-a a chegar à sala de visitas da sua modesta morada. Rita é magrinha, de estatura baixa. Não deve pesar mais de trinta quilos, em um corpo que não tem mais de 1 metro e trinta. Antropomètricamente está dentro das exigências das companhias de seguros de vida. Perfeito equilíbrio entre altura e pêso.

«PARA QUE TIRAR O MEU RETRATO?»

Amparando-se ao braço da sobrinha e em um cajado tosco, a velhinha nos olhou com certa estranheza e perguntou à parenta:

— Quem é?

— Uns moços do Rio, que querem conversar com a senhora!

Isso em altas vozes, pois D. Rita é surda. Quando a resposta foi ouvida pela vizinhança, começou a afluir gente de fora. Mulheres, homens, moças e crianças se apinharam à porta, curiosos com a visita a D. Ritinha. Quando ela soube que íamos tirar umas fotografias de sua resistente figura, fêz um gesto de surprêsa:

— Prá que tirar meu retrato? Quando eu era moça e bonita, nunca ninguém se lembrou disso. Agora, que estou velha e feia, vem gente de longe tirar minha cara. E abriu a bôca vazia em cordial risada, que a todos contagiou.

— D. Rita, — explicamos — A senhora vai ficar muito bonita nas páginas da REVISTA DA SEMANA.

— E vai sair no jornal? — Não! Quero não! Quem quer ver uma cara feia assim? — E tornou a rir gostosamente.

Os parentes intervieram. Por fim, cedeu:

— Bom... Eu sei que vão mangar de mim; mas eu também quero mangar!

O fotógrafo entrou em ação. A velhinha, sempre muito dócil e camarada, ia-se colocando conforme lhe pediam. E aí temos as fotos desta página. A que mais trabalho deu foi a do contraste entre uma vida que surge e a vida que se vai: uma criança de dois anos e meio e a velhinha de 120 e tantos anos. Na sala se encontravam muitas garotinhas, cada qual mais linda e louça. Mas, na voz de sentar-se ao colo da macróbia, não havia tapiação de doces, frutas, brinquedos e dinheiro, que subornasse. Até que, finalmente, uma delas foi sentada aos joelhos de Rita; mas, num arranco a menina desceu, perdendo-se o flagrante. Então D. Ritinha desabafou:

— Vai-te! Vai-te! Eu não quero ficar com tu não! Vai-te!

Por fim, uma outra criança aceitou. Sentou-se ao colo da boa vovòzinha e batemos a chapa.

— Quando a senhora sair na REVISTA, — dissemos — vai achar um noivo! — Ela, que só compreendeu após gritarmos umas três vêzes, empinou a cabeça, tomou ares de quem vai dizer um desafôro e respondeu com muito espírito:

— E você vai ser o padrin! — E riu vitoriosamente.

«TENHO 126 ANOS»

— D. Dita, qual é, exatamente, a sua idade?

— Vou fazer cento e vinte e seis! — E explica: «Quando eu tinha seis meses, houve as guerras do Pinto Madeira, aqui no Crato. Minha mãe sempre disse isso. Faça as contas e veja se não tenho 126 anos...»

A «guerra» do Pinto Madeira começou com a proclamação da República no Crato, a 3 de maio de 1817. Foi êle o chefe da reação monarquista contra a idéia republicana que irrompera no Recife. Joaquim Pinto Madeira, comandando os imperialistas do Jardim, derrotou as fôrças republicanas de Pereira Filgueiras, no sítio Picada, entre Paraíba e Ceará. Ora, se D. Ritinha nasceu em 1817, estaria hoje com 136 anos, o que não parece provável. Mas, a chemada «guerra» do Pinto Madeira não terminou com a derrota dos republicanos, e se prolongou até 1832, quando foi prêso e fuzilado o discutido comandante geral do Cariri, por ordem do general Labatut.

Procurando investigar, com alguma possibilidade de clareza, indagamos da velhinha:

— Qual foi o vigário que a batizou?

— José Carcará. — E prosseguiu: Meu padrinho foi Antônio Landin, e minha madrinha, foi Teresinha, irmã do dr. Marcos. — Aí está boa fonte de pesquisa na Secretaria do Bispado.

— Os seus pais, D. Rita?

— Pedro Fernandes e Ana Fernandes.

— Quantas vêzes a senhora se casou?

— Duas, só. A primeira foi fugida, como era cos-



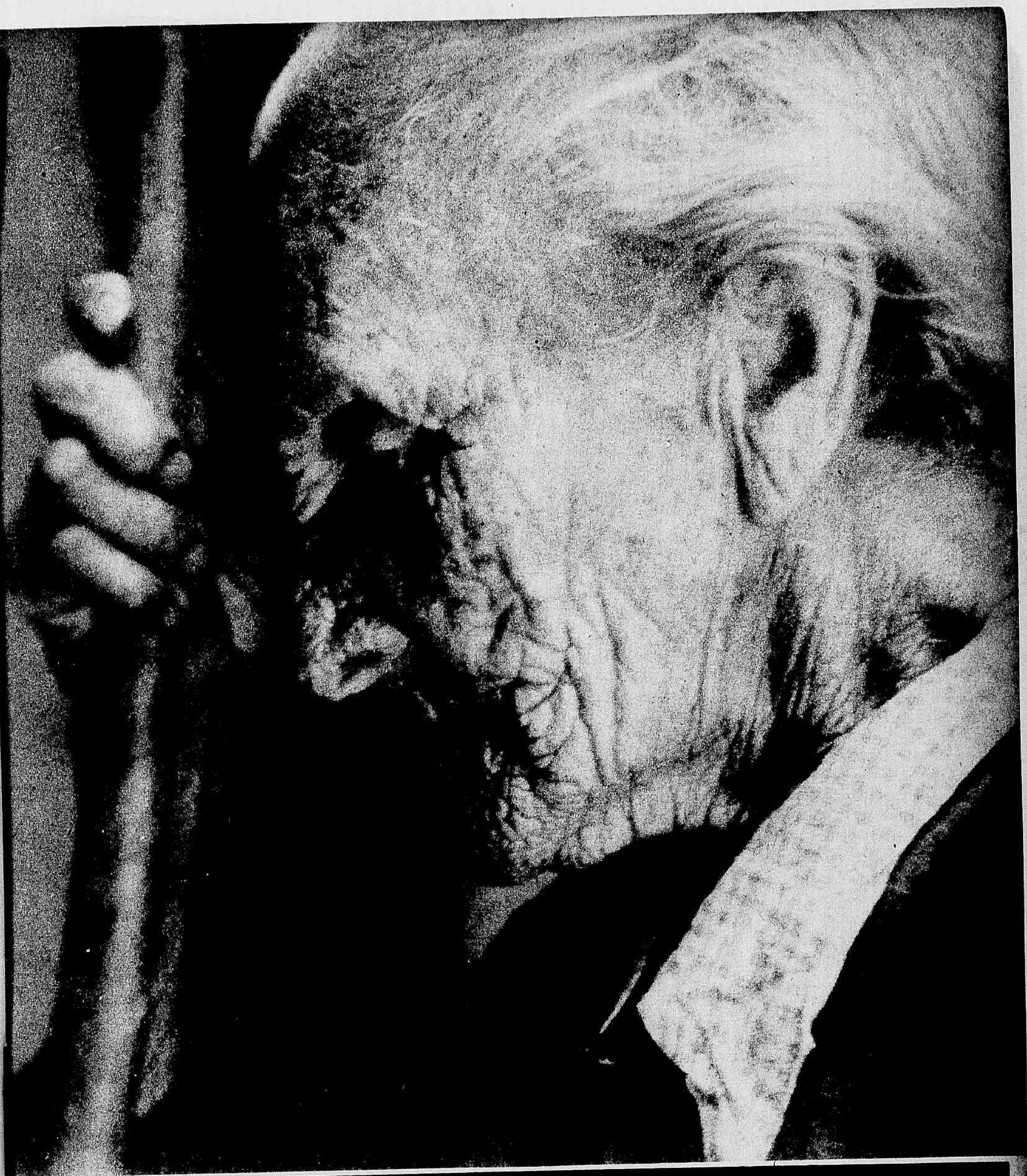
«Trocar bilro» é próprio de dedos jovens e ágeis; mas o século e tanto sôbre o costado de D. Ritinha não conseguiu ainda prejudicá-la.



O crepúsculo iluminado pela aurora. Mais um ano que se vai e outro que surge. E' a eterna luta das constantes horas que passam.



A velhinha é jovial e gosta de conversar especialmente quando tem que narrar coisas muito interessantes de sua mocidade perdida.



Meditação. Com os seus cento e vinte seis janeiros caririenses, a vovó Ritinha procura recordar-se do passado.

tume entre as moças daquele tempo. Fugi com meu namorado lá para a serra de S. Pedro. Casei e fui trabalhar na roça. Não havia quem me vencesse no trabalho da lavoura. Eu pegava uma foice ou uma enxada e lavrava a terra e derrubava mato de fazer inveja a todo mundo.

TODO MUNDO CUSTA A MORRER NA ZONA DO CARIRI

E entra a contar episódios meio confusos: um cavalo que arrebentou os dentes de alguém, com um coice, fatos gerais sem época determinada que pudesse servir de ponto de referência. O que mais espanta é a lucidez da velhinha, e vista capaz de enfiar linha em agulha de «fundo grande». Ainda fuma cachimbo. Diz que aprendeu a fumar desde mocinha, simulando dor de dentes. Nunca bebeu cachaça; mas gosta de vinho. Não sabe o que seja doença, nem jamais precisou de médico. Não tem reumatismo, nem achaques. Só quer morrer quando estiver caducando. Teve oito filhos dos dois matrimônios, dos quais ainda há quatro vivos. A filha mais nova já tem bisnetos! Tudo gente velha e sadia.

Estávamos palestrando com a velhinha, quando entra na sala uma outra senhora muito idosa. Era D. Cecília do Carmo Arnaud, que vinha da missa, e já está beirando os cem... A que se deverá êsse privilégio de longevidade no Crato? Diz o Renato Sóldon, que isso é «sustança» da famosa cachaça do Cariri... Quem bebe da «branquinha» do Lameiro não morre mais. Mas D. Rita não bebe, nunca bebeu cachaça, e já está com muito mais de um século. O assunto deve merecer análise e atenção especial dos nosso antropologistas. A região do Cariri, à sombra da maternal serra do Araripe, é um fenômeno pela fertilidade da terra privilegiada, e resistência orgânica que proporciona àquele povo, em cujo meio, velha de cem anos é brôto...

SABERÁ VOCÊ RESPONDER A ESTAS PERGUNTAS?

EXISTEM muitas perguntas curiosas. Fazê-las, porém, não implica em resolvê-las. Algumas delas são fàcilmente explicáveis. Outras parecem conter solução, mas, na verdade, reparando-se melhor, apenas uma incógnita é substituída por outra.

POR QUE, estando sentada e deixando cair um objeto, a mulher abre os joelhos, ao passo que o homem faz exatamente o contrário, isto é, junta as pernas? Neste caso, a explicação é simples: a mulher assim estica a saia, aumentando-lhe a superfície para recolher o objeto. Mas, em seguida, apresentamos outra pergunta mais dificilmente explicável. POR QUE a mulher, segundo conta um editor, em suas memórias, traz sempre seu manuscrito enrolado, ao passo que o homem o dobra? Talvez seja porque o rôlo é mais gracioso, mais elegante, e o papel dobrado mais preciso, mais exato. Nos dois casos, os adjetivos apropriados «não ocorrem», mas vislumbra-se um motivo mais profundo.

POR QUE, na maioria das vêzes, a mulher dobra uma carta no sentido do comprimento e o homem quase sempre no da largura? Quando uma mulher dobra a carta no sentido da largura, quase sempre trata-se de pessoa de energia e resistência um tanto masculinas.

POR QUE, ainda, os homens e as mulheres escrevem o número 8 de maneira absolutamente inversa? Os primeiros começam em cima e à esquerda para terminá-lo em cima à direita, onde as mulheres o começam, para terminá-lo no lado oposto. Êste é um dos sinais grafológicos mais concluentes para determinar o sexo, salvo raras exceções. Grafólogos e psicólogos estudam a questão e enunciam hipóteses diferentes: a mulher, ao mesmo tempo mais receptiva e negativa, tem um gesto inicial mais esquivo; recua primeiro para voltar triunfadora. O homem, ao contrário, ataca imediatamente pelo caminho mais curto... No entanto, não se sabe ao certo qual a explicação. (Para fazer-se uma experiência, não se deve dar, de antemão, qualquer indicação, mas pedir de surprêsa à pessoa que grafe o número).

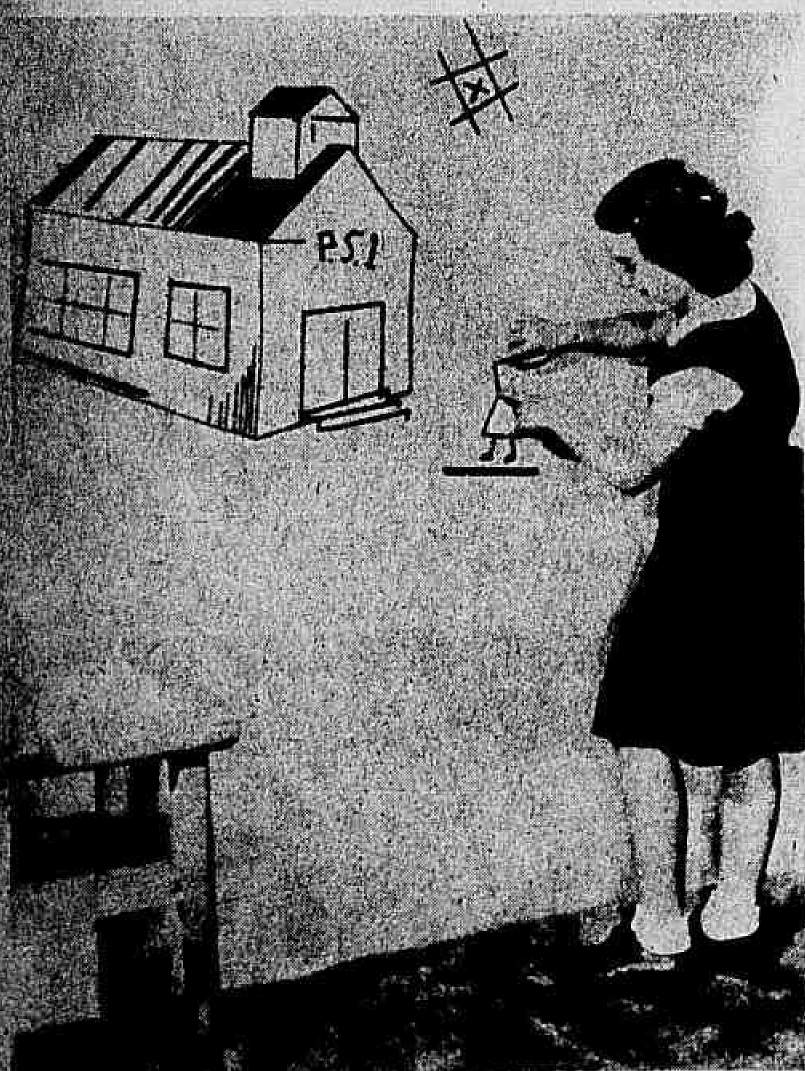
São inúmeras as perguntas com que deparamos a cada instante, e cujas respostas, na maioria das vêzes, ignoramos.

POR QUE, estando perdido numa floresta, o homem, quase infalìvelmente, faz um circuito a sua direita, em geral de duas a três horas, para voltar ao ponto de partida no momento que percebeu que se perdera? A experiência não pode ser determinada pela vontade; é preciso vivê-la fortuitamente. Uma só causa parece plausível: o homem caminha do lado oposto ao coração, como se fôsse mais leve daquele lado. Porém, mais uma vez, não se pode realmente afirmar que seja esta a verdadeira razão. Talvez, um canhoto fizesse o circuito no sentido oposto, impulsionado pela sua atividade sinistra.

E POR QUE tôdas as cidades, a não ser que deparem com impecilhos de ordem geográfica, desenvolvem-se para o Oeste? As chamadas zonas elegantes de uma cidade ficam, quase sempre, situadas no ocidente. Poder-se-ia, talvez, supor que o homem tenha uma tendência profunda, um impulso primitivo de seguir a marcha (aparente) do sol. E ainda mais: POR QUE as civilizações se sucederam, ou foram impulsionadas, de Leste para Oeste: ou por que a civilização, num sentido geral, seguiu esta marcha de Leste para Oeste, e não no sentido inverso? Admite-se que ela tenha nascido nas Índias. Depois, o Oriente. A antiguidade viu-a florescer no Mediterrâneo. Durante os tempos modernos, ela, por assim dizer, atingiu a Europa, e de mediterrânea tornou-se atlântica. Vários indícios nos incitam a prever um lento crepúsculo da velha Europa, enquanto por sua vez, florescem as Américas... Por que? Por que?... São milhares as perguntas enigmáticas. E cada interrogação faz nascer uma, senão várias...

★ ★

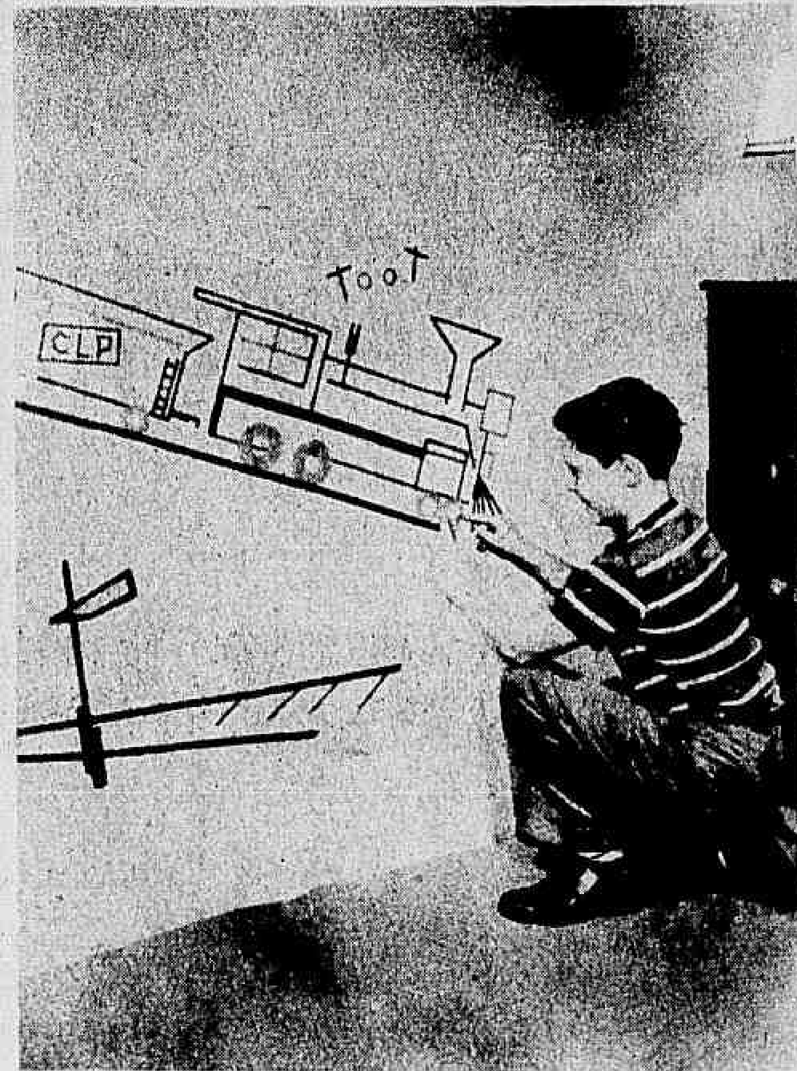
Sugestão para o lar



Ter idéias originais para a decoração, supõe também que se imagine novos aproveitamentos para o material decorativo de que se possa dispor, e que esteja ao alcance da bôlsa e de fácil utilização.

Às vêzes uma nova idéia vem revolucionar completamente o mercado de certos produtos, e até a sua fabricação... O caso da fita gomada é típico: inicialmente destinava-se à confecção de embrulhos, a fechar envelopes, substituindo o barbante e a cola. Com o tempo, na própria confecção de embrulhos, viu-se que poderia ter também uma finalidade decorativa se fôsse fabricada em côres e colada de forma artística, em quadriculados, linhas paralelas, etc. Hoje apresentamos um outro aproveitamento das fitas gomadas coloridas, não mais na decoração de embrulhos mas no quarto de crianças. Escolhe-se fitas em diversas côres, ou apenas duas ou três. Depois, cuidadosamente, desenha-se com elas, nas paredes, figuras que agradem ao espírito infantil. A única condição para se conseguir um trabalho bem feito é os desenhos serem formados sòmente por traços retos, como nos exemplos que ilustram esta secção. No caso do trenzinho, por exemplo, as rodas foram resolvidas com etiquêtas em círculo gomadas.

Se a parede do quarto fôr pintada a óleo, o desenho poderá ser fàcilmente retirado quando se desejar, e substituído por outro.



Oriente as crianças na confecção dessa decoração, mas deixe que elas próprias a executem como quiserem. A imaginação infantil por vêzes apresenta concepções surpreendentes, em matéria de arte! — NIKE

UM POUCO DE *Beleza*



CREMES...

Quando adquirir cremes para sua pele, evite comprar aquêles que têm como base a vaselina que, sendo mineral, não é bem absorvida pela pele. Prefira-os à base de gorduras animais (como a lanolina, por exemplo) que são muito mais eficientes.

ANTES DO XAMPU

Antes da aplicação do xampu em seus cabelos, convém escová-los durante bastante tempo. Depois então lave-os. Quando não se age assim, os cabelos não ficam sedosos e macios, pois não se estimula a produção do óleo natural das glândulas do couro capilar.

SARDAS E MANCHAS

Nem sempre as sardas e manchas são corrigidas com tratamentos de beleza ou aplicação dos cremes indicados para isso. Em muitos casos, são devidas a distúrbios orgânicos, principalmente hepáticos e sòmente um médico poderá indicar-lhe o remédio ou o regime que devolverão ao rosto o aspecto claro e limpo que você deseja ter.

INSÔNIA



• O sono é necessário para a beleza pois é o descanso mais precioso para a saúde do corpo. Tôda mulher deve dormir no mínimo 9 horas por noite, para que se sinta bem disposta. Do sono bem dormido depende, em muitos casos o seu bom humor e entusiasmo. Por isso, a insônia é um dos piores inimigos da beleza. Se você sofre de insônia, experimente êstes conselhos:

• Antes de dormir beba um copo de leite môrno, só com açucar (sem café).

• Procure à tarde caminhar um pouco ou fazer ginástica, para que os músculos, depois de trabalhar, tenham repouso.

• Deixe sempre uma janela aberta, de maneira a entrar o ar da noite.

De qualquer forma, não apele para os soníferos, a não ser com autorização de seu médico.

OS PÉS

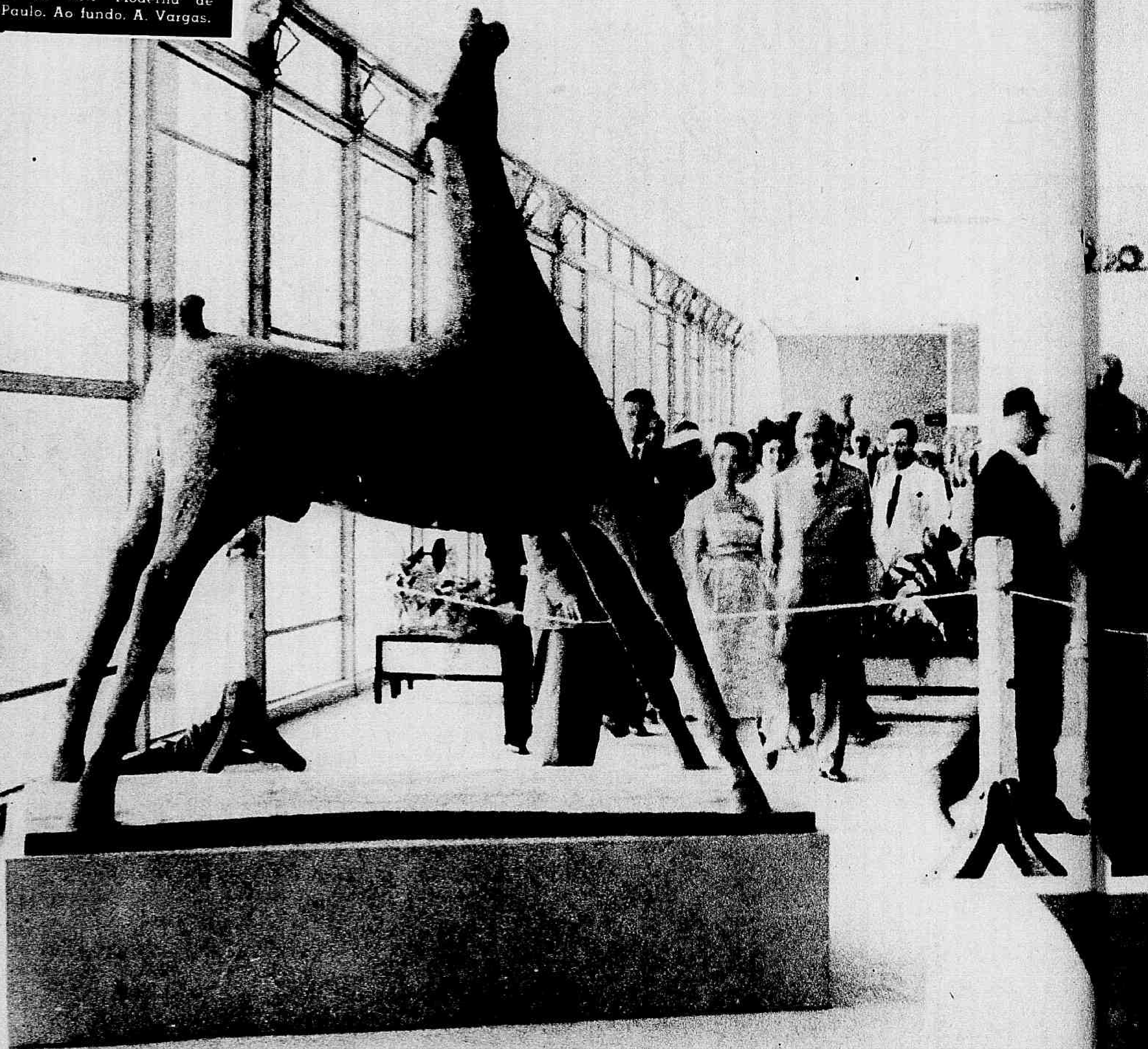
OS PÉS desempenham importante função na sua elegância: quando não estão em condições você parece muito mais velha. Pés inconfortáveis ou doloridos provocam até mesmo rugas e uma aparência desagradável no rosto. Eis alguns conselhos para o cuidado de seus pés. Siga-os, pois êles suportam o pêso do corpo numa grande parte do dia e merecem o tratamento que você dispuser a dar-lhes:

★ **Exercícios** — O melhor exercício para os pés é caminhar corretamente, com um pé avançando sempre em frente ao outro. No entanto, caminhar nas pontas dos pés é uma boa ginástica, principalmente para manter um andar equilibrado. Um outro exercício muito bom é o que apresenta Doris Day na ilustração: rola-se a ponta do pé sôbre uma garrafa, durante uns 10 minutos.

★ **Higiene** — Lave os seus pés pelo menos uma vez por dia. Corte as unhas no mínimo uma vez por mês. Quando chegar em casa troque os sapatos fechados por sandálias, para que seus pés possam respirar. Use talco no verão e um desodorante, se fôr o caso.

★ **Confôrto** — Sempre que surgirem calos vá ao pedicuro. Faça também o mesmo no caso de uma unha encravada. Use sapatos e meias adequados ao tamanho de seus pés. Se trabalha de pé durante o dia, procure descansar no mínimo cinco minutos por hora. E à noite, quando chegar em casa, mantenha-se deitada com os pés mais altos (em cima do travesseiro por exemplo) durante uma hora, mais ou menos.

★ **Estímulo** — Estimule a circulação dos pés com uma ducha de água quente, intercalando uma água bem fria. Depois dêsse tratamento, que pode ser feito antes de dormir, passe um bom creme nos pés, e deixe-os durante tôda a noite. Não esqueça de passar, também, creme no calcanhar, para suavizá-lo. Não se descuide nunca de seus pés; sua saúde, seu bem-estar muito dependem dêles. Como dizem os norte-americanos «Cada um tem a idade de seus pés». Portanto... **Júlia de Milo**


Marino Marini (italiano), uma das atrações da Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ao fundo, A. Vargas.

NÃO SOPREM OS "MOBILES" DE

(A BIENAL TEM VENTILADORES)

COMO atração pública os «mobiles» de Calder. Num salão (Palácio dos Estados) que **se vê em conjunto da rampa que dá acesso aos locais onde estão as esculturas, pinturas, desenhos e gravações de artistas brasileiros, lá estão êles, cosmo se fôssem presentes em lojas de brinquedos.** Não é preciso mexer, nem soprar, **pois existem os ventiladores — mas há os que mexem e sopram.** Ouvimos de muitos a sentença **de que vale a pena pagar Cr$ 15,00, preço da entrada, só para brincar com os «mobiles» de míster Calder.**

Mas a II Bienal do Museu de Arte Moderna **de São Paulo é muito mais. Segundo cálculos revelados por Válter Zanini, crítico de «O Tempo», são 7 quilômetros de obras de arte que podem ser percorridos, a passo de visita, em 5 horas. Reúne 4 mil trabalhos, de 38 países,** sendo 266 de artistas brasileiros e 66 de estrangeiros que não quiseram incorporar-se às delegações dos respectivos países. E uma sala só de Picasso, retrospectiva que desfila pelas diversas fases do pintor recentemente abandonado pela família.

O curioso, se a curiosidade vai um pouco além dos «mobiles», terá incentivo e poderá, orientado, ver coisas de que acabará gostando e possìvelmente aprendendo — se não terminar com terrível dor de cabeça. Basta recorrer às monitoras treinadas para mostrar a Bienal aos visitantes. São muitas e geralmente bonitas. Recomendamos, com especial carinho, uma loura alta e decidida que, a nosso ver conseguiu humanizar tão burocrática tarefa, transmitindo não apenas a lição que aprendeu na véspera, mas todo o gôsto que tem por tudo aquilo.

Agora, com os prêmios já conferidos, elas procurarão levar o visitante interessado primeiro aos vencedores, heróis dessa II Bienal, o maior e mais expressivo agrupamento artístico do mundo, segundo críticos estrangeiros. Afirmam isto Bernard Dorival, D'Hornocourt, Emile Langui e outros presentes. E assim, êle irá ao conjunto de obras do escultor francês Henri Laurents, detentor do prêmio IV Centenário em **Cr$ 200.000,00**, traduzido em dinheiro.

O mexicano Rufino Tamayo e o francês Alfredo Manessier dividiram o prêmio para a melhor pintura estrangeira. E a monitora irá explicando: o inglês Henry Moore ficou com o prêmio da melhor escultura estrangeira. Aqui, temos a certeza que a monitora dirá porque aquêle rei tem a mão assim, indefinida — não ficaria bem a um rei ter a mão estendida. O

Monitoras conduzem visitantes por sete quilômetros de obras-de-arte



BANDEIRA — Um milhão de liras para ir passear na Itália



DI CAVALCANTI — Com Volpi, prêmio, de pintura nacional.

Reportagem de NEWTON CARLOS

Fotos de DÁRIO TERINI

s, elas
primei-
enal, o
artístico
s. Afir-
, Emile
irá ao
. Henri
ário em

cês Al-
a me-
irá ex-
o prê-
qui, te-
porque
— não
lida. O

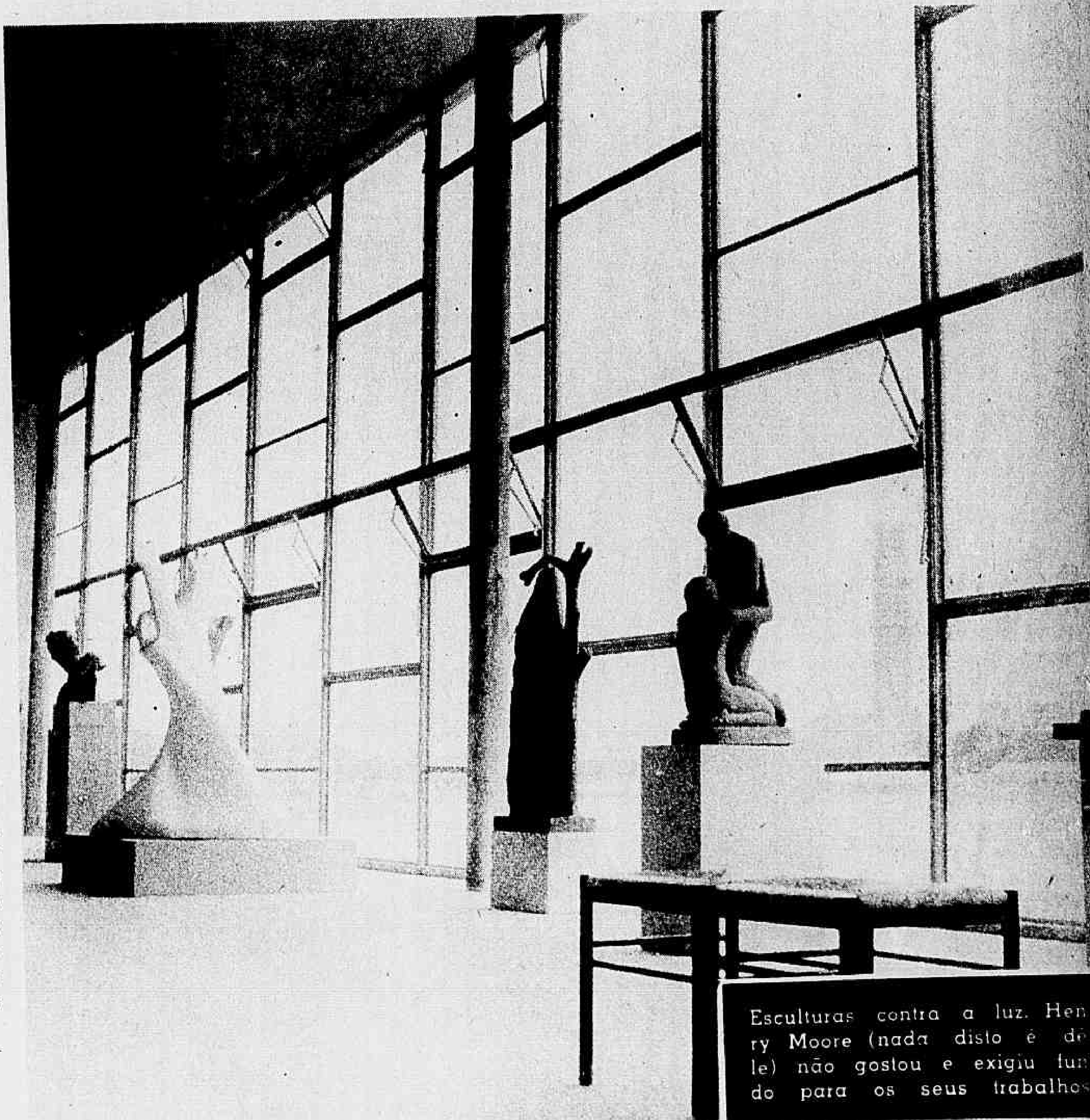
E MR. CALDER

italiano Giorgio Morandi classificou-se como o melhor gravador estrangeiro e o americano Ben Shan como o melhor desenhista.

Nesse ponto, possìvelmente, a monitora convidará o visitante a deixar o Palácio das Nações (150 metros por 42, 3 andares, área construída de 12.800 m2 e utilizável de 5.200, onde foram empregadas 36 mil sacas de cimento, 3 mil metros cúbicos de areia e 635 toneladas de ferro). Antes, porém, aconselhamos uma vista às esculturas do italiano Marino Marini, uma das atrações. Será, então, levado ao Palácio dos Estados (150 metros por 42, três andares, áreas idênticas ao outro, com 37 mil sacas de cimento, 3.900 metros cúbicos de areia e 700 toneladas de ferro), onde estão as obras de artistas brasileiros.

Lá estarão, para as honras de estilo e explicações ufanísticas, os nossos vencedores: Volpi e Di Cavalcânti (mèlhores pinturas Cr$ ...... 100.000,00), Bruno Giorgi (melhor escultor, Cr$ 100.000,00), Lívio Abramo (melhor gravador, Cr$ 50.000,00) e Arnaldo Pedroso d'Horta (melhor desenhista, Cr$ 50.000,00). Quanto a êste, a monitora dirá que começou a desenhar faz pouco tempo. Com o seu quadro «A Cidade», o pintor Bandeira (sem barba) foi premiado pela Fiat com uma viagem à Itália. E os prêmios de aquisição, autores cujas obras ficarão com o Museu: Hilde Weber Abramo (desenhista), Caciporé Tôrres e Mary Vieira (escultores), Ivan Serpa (concretista) e Elisa Martins (primitiva), entre outros. Entre os primitivos, êste ano sem prêmio, Heitor dos Prazeres, cujos quadros refletem a boêmia dos morros cariocas, tão bem vivida nos seus sambas.

Se depois de tudo isto, a dor de cabeça fôr muita, dispense a monitora e fique por meia hora diante de um quadro de Lígia Clark — é possível que aconteça o que aconteceu a nós: passou a dor de cabeça. Mas, como leigo que se preza, sentindo vergonha em sair sem dor de cabeça, passe então pelo «Cangaceiro», de Mário Cravo.

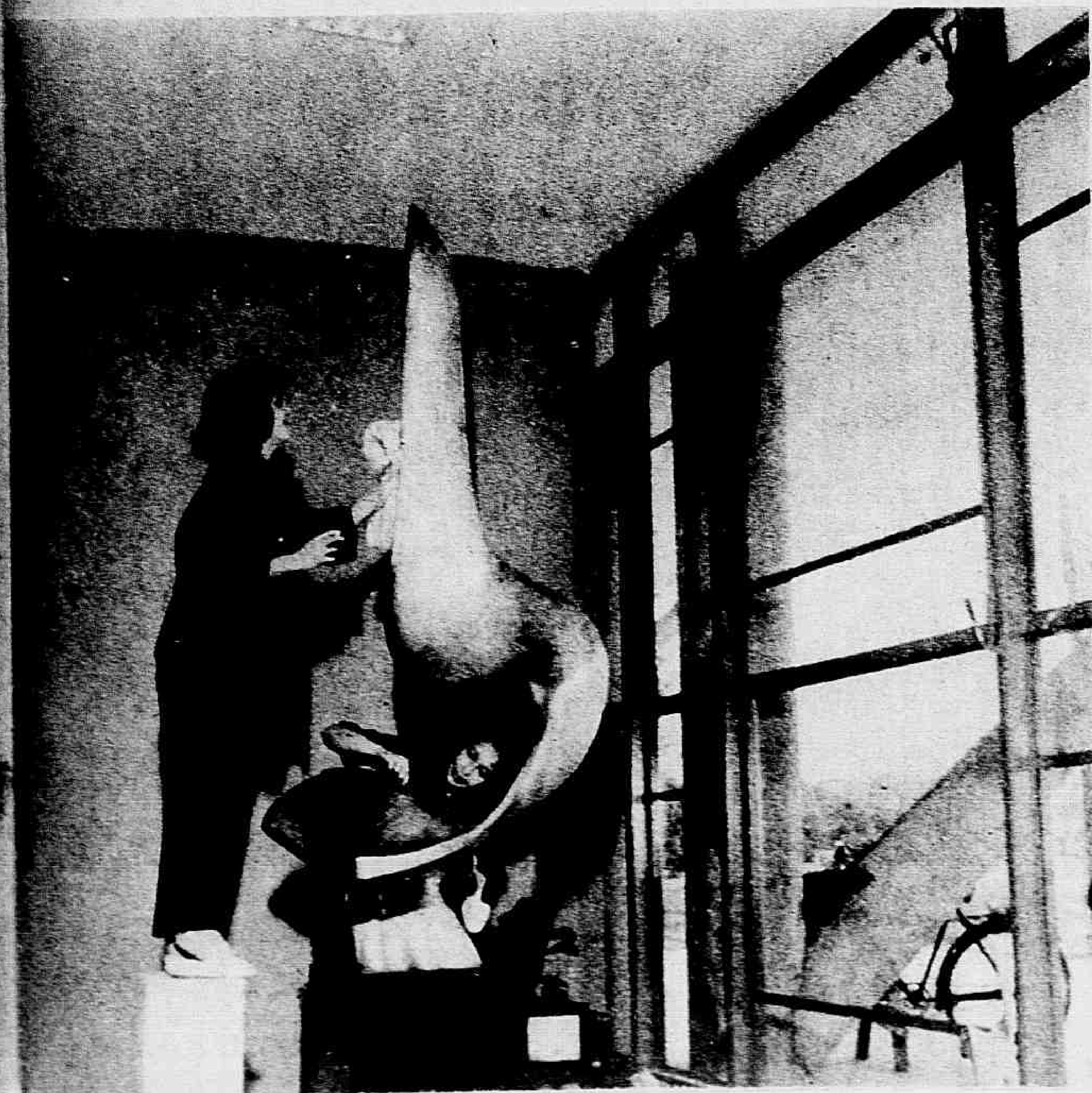


Esculturas contra a luz. Henry Moore (nada disto é dele) não gostou e exigiu fundo para os seus trabalhos.



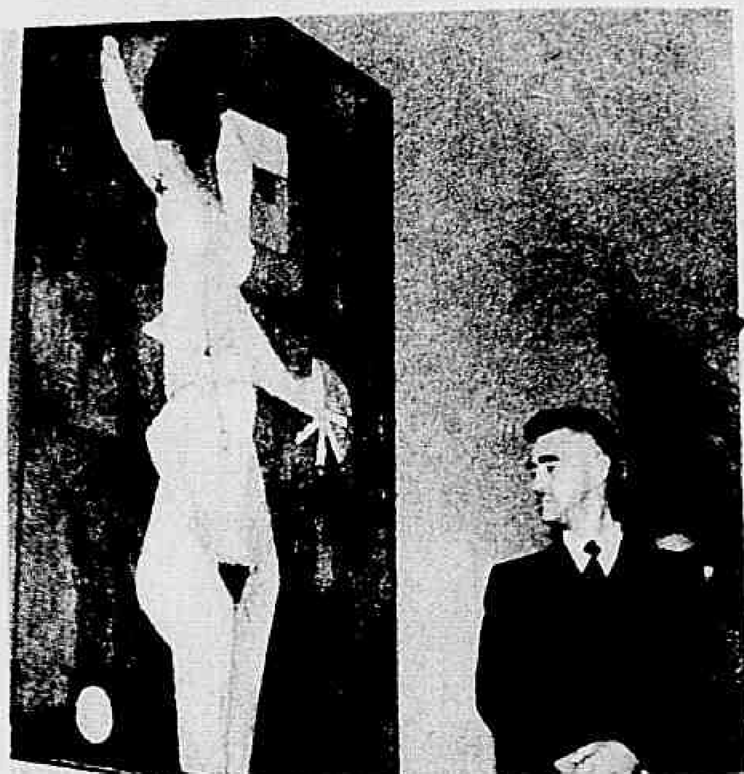
No centro, ao fundo, Henry Moore. O que o pintor (de parede) olha embasbacado, não sabemos o que é. Em baixo: Zélia Salgado lustrando sua escultura. A Bienal espantou e empolgou.

Não soprem os mobiles de Mr. Calder





PROTOCOLO: o governador e o prefeito posam juntos.



O GOVERNADOR Garcez na maratona oficial pela Bienal.



«O CANGACEIRO», de Mário Cravo, fêz dupla com «Cristo».



BAIBINO e as «Lianas Virginais», de Maria Martins.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

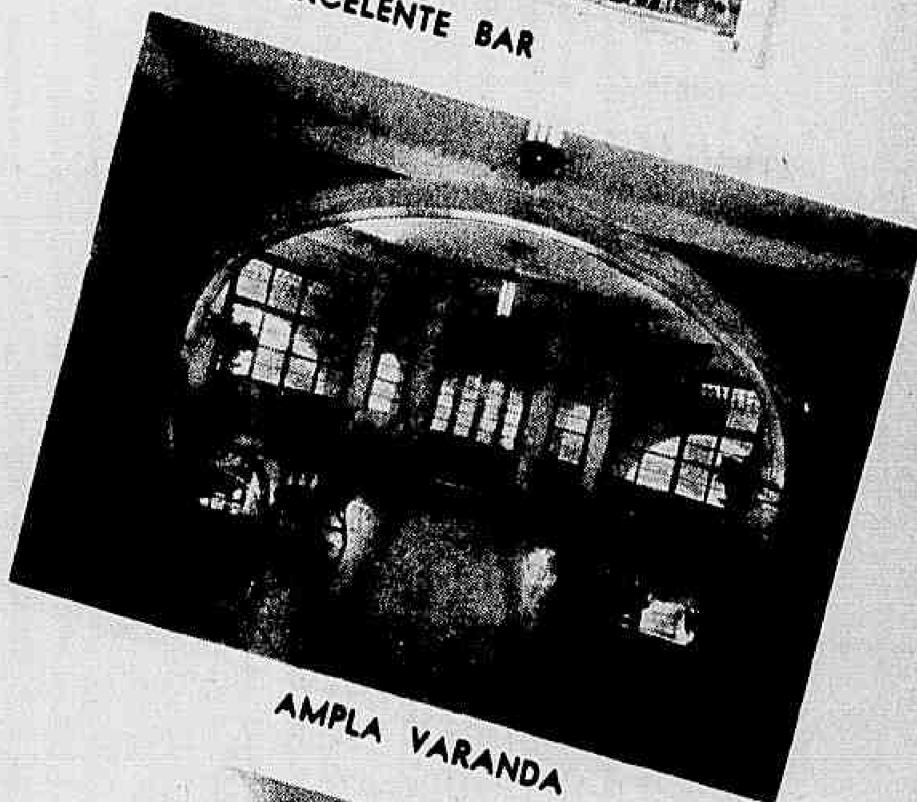
★

RESERVA DE APOSENTOS

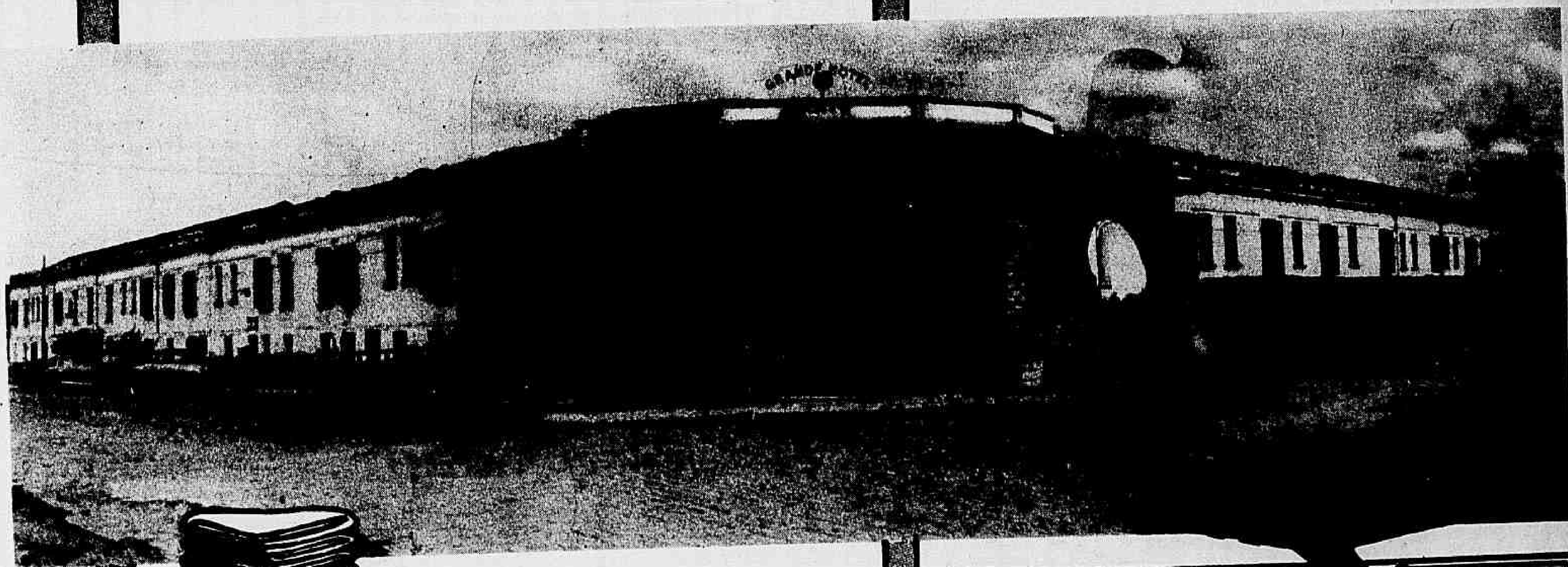
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

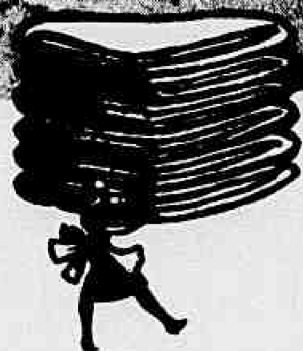


EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES

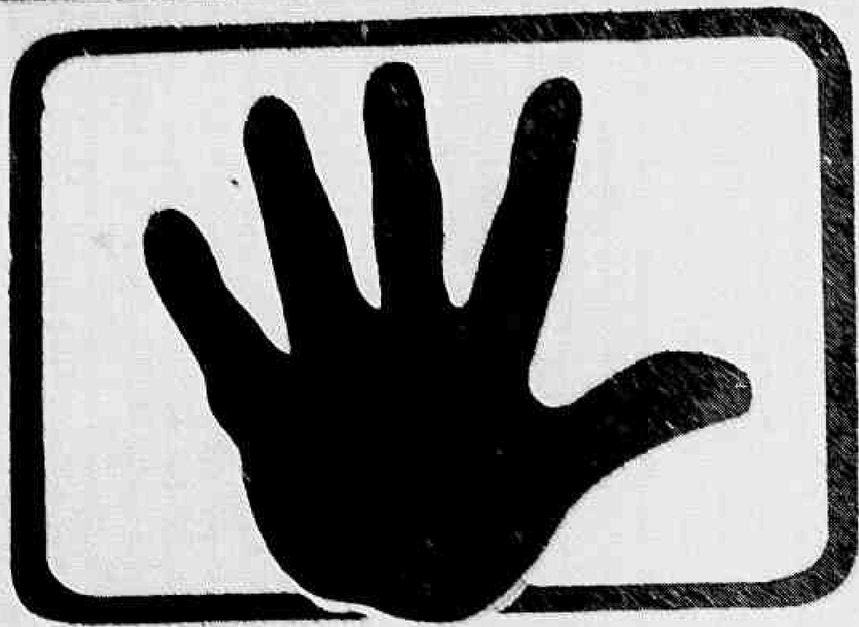




ÁGUAS DA PRATA
(ESTADO DE SÃO PAULO)
«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TÔNICO CAPILAR POR EXCELÊNCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo [illegible] gráficos e [illegible] passos. Facilitando às damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em [illegible] dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rita». Aulas particulares: Rua da Liberdade número [illegible] — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ [illegible] — Caixa Postal [illegible] — S. Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 2 E 8 DE JANEIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não haverá modificação substancial na situaç[ão] O astro que lhe orienta o destino não mudará de clima, continuando, as[...] as mesmas possibilidades da semana anterior.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período o predisporá a desentendimen[tos] e a intrigas. Das suas discussões mais acaloradas, poderão surgir confli[tos]. Sua liberdade pessoal está ameaçada. É preciso agir com prudên[cia] nos dias 3 e 7.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O ambiente dos astros, nos próximos sete di[as] não possibilitam a realização, no seu caso, de negócios de vulto. Não [se] aventure, pois, nesse particular. Os dias mais desfavoráveis serão 5 e [...]

★ CÂNCER (23/12 — 20/1) — Uma semana bem favorável aos empreendimen[tos] e às atividades profissionais terá o leitor, no período que se avizin[ha]. Aproveite a excelente oportunidade que lhe vai ser oferecida, para [o] necessário reajustamento da sua situação.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os dias 3, 4, 6 e 7 serão muito favoráveis às atividad[es] extra-profissionais, particularmente em se tratando de especulações. S[uas] opiniões serão aceitas fàcilmente. Seu poder sugestivo estará grandeme[nte] aumentado.

★ VIRGEM (21/2 — 23/3) — O ambiente dos astros na próxima semana, s[erá] benéfico às atividades domésticas e sociais. Haverá ótimos encontros[;] boas amizades poderão ter começo. O novo período também favorecerá pedidos de apoio financeiro.

★ LIBRA (24/3 — 20/4) — Não se iluda com as aparências benéficas da situaç[ão]. O maior mal estará, justamente, no modo sugestionável de que o leitor [se] revestirá na semana entrante. Estará sujeito, igualmente, a uma visita [de] amigos do alheio e a assalto, à noite, na rua. Precavenha-se.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O ambiente será de favorabilidades gerais, [no] caso do leitor. Na profissão, nos negócios, na vida social e nos ca[sos] sentimentais, Marte o ajudará consideràvelmente.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não precipite os acontecimentos nem faça na[da] de afogadilho. Sua posição é a de quem precisa de agir com absolu[ta] calma, refletindo profundamente.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os casos sentimentais estarão mal amparad[os] na semana vindoura. Haverá perigo de ruptura e de escândalo. Os pio[res] dias serão 4 e 8. Não se aventure, pois.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não inicie viagem por terra ou pelo ar nos di[as] 5, 3 e 8. Não haverá perigo nas vias aéreas. A saúde estará comprometi[da]. Não se exceda nas refeições e em libações.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A chance passará ao alcance das suas mãos, [nos] dias 3, 5 e 7. Seu planêta vai lhe oferecer uma oportunidade para sol[ver] as aperturas financeiras. Saiba aproveitá-la.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro	2	—	Artur	—	Almira
"	3	—	Márcio	—	Elvira
"	4	—	Telêmaco	—	[illegible]
"	5	—	Isidoro	—	[illegible]
"	6	—	Vítor	—	Ema
"	7	—	[illegible]	—	Palmira
"	8	—	[illegible]	—	[illegible]

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				SIGNO DO
Janeiro	2	—	[illegible]	(Capricórnio)
"	3	—	[illegible]	(")
"	4	—	[illegible]	(")
"	5	—	[illegible]	(")
"	6	—	[illegible]	(")
"	7	—	[illegible]	(")
"	8	—	[illegible]	(")





WEEK-END NA COZINHA

ESPAGUETE ESPECIAL

INGREDIENTES:

250 gramas de espaguete finos — 3 litros de água fervendo — 1 colher das de sopa de sal — 60 gramas de carne picadinha — 250 gramas de «petit-pois» — 250 gramas de grão de bico.

INGREDIENTES PARA O MÔLHO:

¼ de xícara de mantéiga ou margarina — ¼ de xícara de farinha de trigo — 1 xícara do líquido da lata de «petit-pois» e grão de bico (ou a água em que foram cozidos) — 1 xícara de leite em pó (pode-se substituir por 2 xícaras de leite, todo o caldo mais o leite em pó) — 1 pitada de sal — 1 pitada de pimenta.

● *A receita de hoje é muito saborosa; um prato de espaguete especial preparado com "petit-pois", grão-de-bico e e um môlho delicioso. — TIA DULCE*

MANEIRA DE FAZER:

1 — Cozinhe os espaguetes em água fervendo, com 1 colher das de sopa de sal. Escorra e lave com água fria. 2 — Torne a pôr a massa na panela e junte a carne picadinha. 3 — Numa frigideira derreta a manteiga e acrescente a farinha, formando um môlho não muito grosso. Junte aos poucos o líquido e o leite em pó (ou 2 xícaras de leite). Mexa constantemente. Deixe cozinhar até engrossar. Acrescente o «petit-pois» e o grão de bico, já cozidos (reserve um pouco para enfeitar o prato como na foto, se desejar). Junte sal e pimenta. Prove para ver se está bem temperado. 4 — Ponha o môlho sôbre os espaguetes, na panela. Misture tudo, levemente. Torne a esquentar e sirva em pratos quentes.

UMA VARIAÇÃO — Pode também colocar os espaguetes com o môlho, num prato de vidro que possa ir ao forno, espalhar por cima queijo ralado e levar ao forno moderado, cêrca de 30 minutos.

Rôscas fritas, confeitadas

● INGREDIENTES

3 colheres, das de sopa, de manteiga «derretida»

2⅔ xícaras de farinha de trigo peneirada

4 colheres, das de chá, de fermento em pó

1 colher, das de chá, de sal

½ xícara de açúcar

1 pitada de noz-moscado

½ colher, das de chá, de canela em pó

2 ovos bem batidos

½ xícara de leite

1 colher, das de chá, de essência de baunilha.

Óleo para fritar.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. Bata juntos, os ovos, o leite e a essência de baunilha. Junte os ingredientes sêcos, peneirados juntos, aos poucos, tendo o cuidado de bater depois de cada adição. Ponha, finalmente a manteiga derretida. Misture apenas o suficiente para ter uma massa homogênea. 2. Abra a massa numa tábua enfarinhada. Corte com o cortador de rôscas (um círculo aberto no centro). Frite no óleo bem quente, não mais de 3 ou 4 de uma só vez para conservar sempre o óleo bem quente. Frite cêrca de 3 a 5 minutos, ou até as rôscas ficarem delicadamente tostadas. Vire-as apenas uma vez. Escorra-as, e deixe num papel absorvente para que fiquem bem sequinhas.

Enfeite-as com: glacê colorida, chocolate, glacê de suspiro com nozes moídas, ou pedacinhos de frutas cristalizadas, ou então de outra forma que lhe sugerir sua imaginação.

MOLHO PARA ACOMPAMENTO DE PEIXE

● DE ANCHOVAS — 4 anchovas — 30 grs. de manteiga — 1 colher de sopa de farinha de trigo peneirada — Temperos — 1 copo de água em que foi cozinhado o peixe — ½ copo de vinho vermelho.

Soque as 4 anchovas com a manteiga, usando um pilão. Ponha um nada de manteiga numa panela e deixe quase queimar, juntando a farinha, mexendo sem parar. Acrescente a água do peixe, o vinho, os temperos. Levante fervura, junte a manteiga de anchovas, não deixe de ferver, sirva imediatamente.

● DE CAMARÕES — 125 grs. de camarões — 60 grs. de manteiga — 1 colher de sopa de manteiga — 1 colher de sopa de farinha — 1 copo de caldo forte — 1 copo de vinho branco — ½ copo de creme de leite — Temperos.

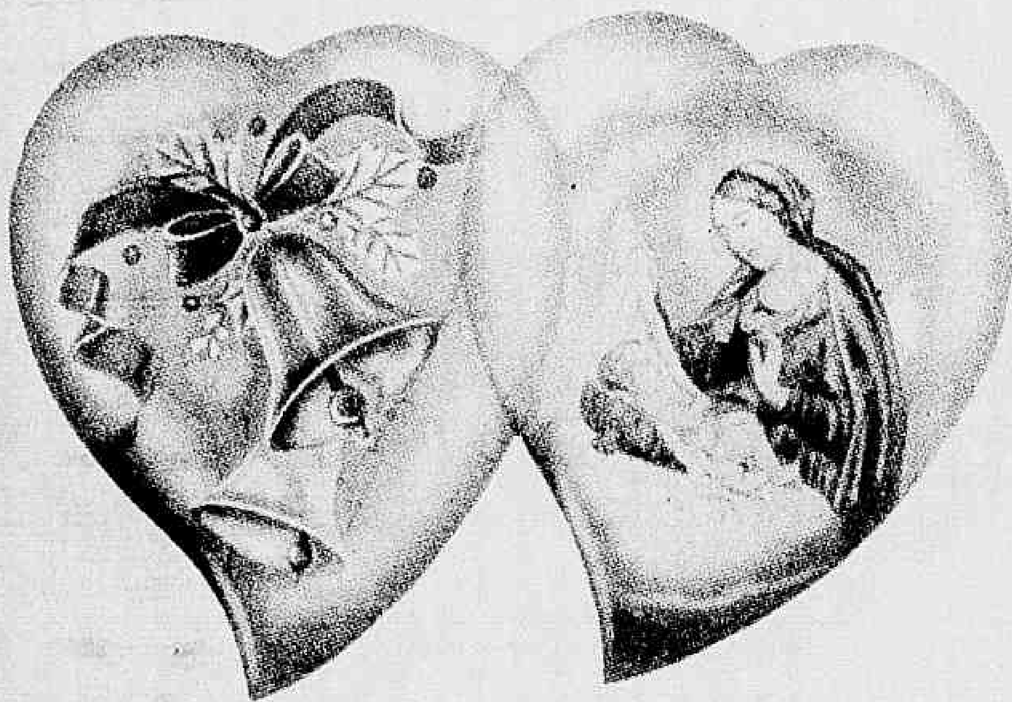
Cozinhe os camarões em água salgada, tire as cascas, esmague-as juntamente com as cabeças com 60 grs. de manteiga, passe na peneira, reserve. Escalde 1 colher de manteiga, deixe dourar nela a farinha, junte o caldo, o vinho e o creme. Mexa sem parar. Junte a manteiga de camarões, depois os camarões. Silva muito quento, em molheira aquecida.

CONSELHOS ÚTEIS

★ Para evitar que a maionese que está fazendo se desmanche, experimente colocar logo de início, um pouco de mostarda junto com a gema. ★ Quando a gordura leva muito tempo para se misturar bem com a massa é porque está fria. O melhor é encher a vasilha com água quente antes de começar a fazer qualquer coisa, deixar assim durante um minuto e depois tirar. Na vasilha esquentada tudo irá mais depressa. ★ Amêndoas assadas completam muito bem qualquer sobremesa de frutas. Não é preciso descascá-las, basta colocá-las numa panela e levá-las ao forno bem quente durante meia-hora. ★ Se você cortar as cenouras em fatias em vez de rodelas, elas perderão menos seis minerais durante o processo de cozimento. ★ Quando tiver que bater uma massa e quiser que a tigela fique firme, apoie-a numa toalha ligeiramente molhada.



GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS
PAZ NA TERRA AOS HOMENS
DE BOA VONTADE



Que os éteres celestiais desçam com o Menino Jesus neste Natal sôbre o mundo, entrelaçando os corações de todos os homens, fazendo-os transbordar de puro amor para uma humanidade melhor.

Esta é a mensagem das

INDÚSTRIAS ANTISARDINA LTDA.



a todos os amigos, fregueses, consumidores e colaboradores, com os melhores agradecimentos pela preferência dispensada durante o ano que se finda.



1953 1954

Lidergrama

Nº 85

A	Habitantes de Roma	16	23	2	100	182	82	146	
B	Tirano; aquêle que oprime	13	123	40	102	159	167	71	22
C	Pão ordinário	131	80	9	15	70	109	99	
D	Compreender	4	26	94	38	162	128	65	106
E	Peregrinação religiosa	33	119	154	11	93	130	110	
F	Fôrça; põe na obrigação	137	32	111	95	143	25		
G	Dão hospedagem	10	92	29	138	105	56	34	165
H	Cópia; falsificação	28	168	44	96	113	135	136	151
I	Ausência de ruído	3	36	19	179	72	115	91	139
J	Que infunde temor	126	171	53	145	112	66	86	158
K	Atreveu-se	163	69	120	184	142			
L	Ato ou efeito de romper	81	64	149	27	97	117	8	
M	Isentos	132	180	144	75	87	67		
N	Enche-se de paixão	6	83	124	39	152	54	114	176
O	Baixou de nível	160	57	170	17	84	47		
P	Ficou doente	116	172	48	79	14	121	103	
Q	Ovos de piolho de cabeça	37	78	118	178	127	90	49	
R	Enormes; ilimitados	153	122	76	177	52	46	62	
S	Têm tosse	133	31	43	164	68	50		
T	Tornar vesgo	1	157	104	61	55	174	42	125
U	Pouco comuns	77	155	140	21	35			
V	Oportuno; apto	134	7	41	24	108	183	169	
W	Incita à desordem; amotina	60	18	101	181	45	141	88	148
X	O mesmo que umbela	85	30	58	150	166	98	129	
Y	Pedem por meio de requerimento	156	74	63	5	161	175	51	89
Z	Que se afogou	59	107	20	73	147	12	173	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam as letras das palavras achadas para o quadro de baixo, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

T 1	A 2	.	I 3	D 4	Y 5		N 6	V 7	L 8	C 9	G 10	E 11	Z 12	B
	P 14	C 15	A 16	O 17	W 18	I 19	Z 20		U 21		B 22	A 23	Y 24	F
D 26	L 27	H 28	G 29	X 30	S 31		F 32	E 33	G 34	U 35	I 36	Q 37	D 38	N
B 40	V 41		T 42	S 43	H 44	W 45	R 46	O 47		P 48	Q 49		S 50	Y
R 52	J 53	N 54	T 55		G 56	O 57	X 58	Z 59	W 60	T 61	R 62		Y 63	L
D 65		J 66		M 67	S 68	K 69		C 70	B 71	I 72	Z 73	Y 74	M 75	R
U 77	Q 78		P 79	C 80	L 81	A 82	N 83	O 84	X 85	.	J 86	M 87	W 88	
Y 89	Q 90	I 91	G 92	E 93		D 94	F 95	H 96	L 97	X 98	C 99	,	A 100	
W 101	B 102	P 103		T 104	G 105	D 106	,	Z 107	V 108	C 109		E 110	F 111	J
H 113	N 114	I 115	P 116	L 117	—	Q 118	E 119	K 120		P 121	R 122		B 123	N
T 125	J 126	Q 127		D 128	X 129		E 130	C 131	M 132	S 133	V 134	H 135	H 136	F
	G 138	I 139	U 140	W 141	K 142	F 143	M 144	J 145	A 146	Z 147	,	W 148	L 149	X
H 151	N 152	R 153	E 154	U 155	Y 156	—	T 157	J 158	B 159		O 160	Y 161		
K 163	S 164		G 165	X 166	B 167	H 168	V 169	O 170		J 171		P 172	Z 173	
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	T [illegible]		M 180	[illegible] 181	A 182	V 183	K 184				

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 84: — ALBERTO RANGEL — LUME E CINZA — «Palmeira! És harmonia e firmeza, graça e desempeno, retidão e altura! Orgulho do Brasil que levanta no horizonte o seu exército fiel e ardente, firme, inumerável de lanças e penachos».

ALBERTO DEODATO: — Não gosta de Getúlio, é amigo de Lourival (ambos são de Sergipe) e vai ser em Minas um dos comandantes da guerra udenista pela conquista do govêrno estadual.



ESTOUROU A GUERRA CIVIL NA UDN

EM CAMPO ABERTO A BATALHA PELOS DOIS SENTIDOS POLITICOS QUE DIVIDEM OS UDENISTAS ★ COUBE AO SR. ODILON BRAGA DESFECHAR O PRIMEIRO TIRO ★ TENTATIVA DE ENVOLVIMENTO DO BRIGADEIRO PARA CONTER OS COMANDADOS DO SR. ARTUR SANTOS ★ COM SIMPLES ATOS DE PRESENÇA EM SOLENIDADES POLITICAS, PENSAM OS ISOLACIONISTAS QUE O BRIGADEIRO TERIA O PRIVILÉGIO DE IMPEDIR A APLICAÇÃO DO NOVO PROCESSO POLITICO DO PARTIDO ★ DESAVENÇAS INTESTINAIS AMEAÇAM A "ETERNA VIGILANCIA"

Reportagem de **HUMBERTO ALENCAR**



POR DUAS VÊZES já os lenços brancos da «Eterna Vigilância» acenaram, vibrantes, mas sem saber que se despediam de uma candidatura, a do Brigadeiro, que as urnas derrotariam.

ESTOUROU A GUERRA CIVIL DA UDN

ESTOUROU a guerra civil na UDN. Por mais que se queira esconder, a grande luta está em pleno desenvolvimento. Os grupos perfeitamente definidos, batalhões em posição de combate.

A tensão vinha de longe. Desde o lançamento da segunda candidatura do Brigadeiro, quando as figuras de maior prestígio eleitoral do partido entendiam que outro deveria ser o rumo da agremiação. Temia-se dizer isso, assim, à cru, ao bravo comandante aeronáutico. Debatia-se com o sr. Prado Kelly e com outras eminências pardas do udenismo nacional. Mas, não se chegava a dizer ao Brigadeiro. Até que afinal alguns dirigentes, que fazem política com palavras inteiras, avançaram e debateram o assunto com o próprio candidato.

Avelha guarda, embora em minoria, desejava a candidatura do Brigadeiro. E esta saiu vitoriosa, por unanimidade, nos quadros diretores do partido.

Juraram, porém, aos seus deuses políticos, os chefes eleitorais, que haveriam de tomar conta da direção da UDN, a fim de imprimir à agremiação um sentido mais político e menos intelectualizado.

A luta surda, origem da guerra civil que agora acaba de estourar, começou, assim, no próprio instante em que, pela segunda ve[z] Brigadeiro foi sagrado, por unanimidade, c[an]didato à Presidência da República pela U[DN].

RENOVAÇÃO DOS QUADROS DIRIGENT[ES]

Prendendo, em suas mãos, a direção do p[ar]tido, o sr. Odilon Braga o conduzia de acô[rdo] com as inspirações políticas do grupo da ve[lha] guarda. A política, ali, se fazia em desacô[rdo] com a realidade. Desejava-se que os fatos [fôs]sem atrelados ao carro da direção udenista[. A] tôrre de marfim do intelectualismo superado [ti]nha na direção da UDN o seu símile político.

Um exemplo, só, para ilustrar o quadro. O [sr.] Leandro Maciel é, no seu Estado, individu[al]mente, a figura de maior prestígio eleitoral [...] político. Candidato ao govêrno do Estado, lu[tou] com as mais sérias dificuldades. Entregou[-se] de corpo e alma à sua campanha. No «und[er]ground» udenista tomara, na oportunidade, [po]sição contrária à segunda candidatura do B[ri]gadeiro, considerando-a inviável, admitindo[,] no final, para preservar a unidade partidá[ria], Político de palavra, ao lado da sua campan[ha] fêz a do Brigadeiro.

As urnas deram a vitória ao sr. Leandro M[a]ciel. Pouco tempo, entretanto, durou a vitó[ria] do chefe udenista de Sergipe. O Tribunal [Re]gional dando provimento a certos recursos, [...] urnas e de voto por voto, entregou a vitória [ao] seu adversário, por uma diferença mínima.

A UDN nacional, sob o comando do sr. O[di]lon Braga, esqueceu o companheiro. Os rec[ur]sos vieram para o Rio. E o Presidente da U[DN] ao invés da assistência substancial, limitou[-se] a telegramas de solidariedade moral ao co[r]ligionário caído em desgraça.

Fatos como êsses é que determinaram a gr[ita] de rebelião que determinou, depois, a reno[va]ção dos homens nos quadros dirigentes do p[ar]tido. O sr. Leandro Maciel, hoje um dos vi[ce-]presidentes da UDN, foi mesmo uma das m[ais] fortes alavancas do movimento que levou [à] presidência da UDN o sr. Artur Santos.

Entendia a maioria udenista que se torna[va] necessário imprimir ao partido um sentido p[olí]tico mais realista, de modo a fazê-lo compor[tar]-se como um verdadeiro partido e não como [um] simples clube lítero-político.

Amargurados, os ortodoxos entregaram [...] outros, aos homens de prestígio eleitoral, o [co]mando da agremiação. O discurso do sr. Odi[lon] Braga, no ato de transmissão da Presidên[cia] é um documento da maior significação p[ara] se aferir do estado de espírito dos que de[se]javam continuar, dentro do partido, senho[res] de baraço e cutelo. Pela primeira vez, na p[ró]pria UDN, a maioria democrática conseg[uiu] vencer, de fato, a minoria.

UM NOVO SENTIDO

Correspondendo aos anseios dos que a [...] geram, a nova direção da UDN começou, e[m] a dar novo sentido político a atuação do p[arti]do, mais chegado à realidade brasileira.

O objetivo do partido político é a conqu[ista] do Poder, para realizar o bem comum, que, [se]gundo o entendimento de cada qual, está [...] substanciado nos programas que esposam. [...] a multiplicidade dos partidos — cada dia su[rge] um novo — com a divisão e subdivisão d[...]



BRIGADEIRO: disposto a uma terceira experiência.



ODILON BRAGA: Vale tudo contra Getúlio.



ARTUR SANTOS: Acordos, sim; cambalachos, nunca.



LEANDRO MACIEL: A UDN abandonou-o em 1950.

bancadas no Parlamento, nenhum partido pode pretender, sòzinho, a conquista do objetivo maior. Foi a tese defendida em Belo Horizonte pelo sr. Alberto Deodato e aplaudidade pela maioria udenista. Teve êsse mesmo sentido o discurso do sr. Artur Santos, no ato de assumir a presidência da UDN.

De logo, então, dividiram-se os udenistas em isolacionistas e anti-isolacionistas. Os primeiros, defensores dos entendimentos e das alianças com outras fôrças políticas, os últimos, advogando para a UDN a posição do centro aglutinador de quantos combatem o sr. Getúlio Vargas. Sim, porque só e só o sr. Getúlio Vargas deveria ser combatido, mesmo quando, por acaso, esposasse princípios inscritos no programa da própria UDN.

Assim foi, por exemplo, no caso do petróleo, quando a UDN, renegando o seu comportamento anterior, resolveu defender a tese nacionalista, porque a mensagem presidencial admitia, em certos pontos, a livre emprêsa. Logo depois, Vargas autorizou o entendimento das fôrças parlamentares, fazendo declaração de fé nacionalista.

Mas, divididos os campos, os isolacionistas se retraíram, à espera do instante propício para desfechar a grande campanha contra os seus sucessores na UDN.

LUTA ABERTA

Êsse instante chegou. Nenhum observador político pode mais esconder que a guerra civil udenista está travada. Guerra de vida e morte, pelo direito de imprimir ao partido certas normas de comportamento político.

Coube ao sr. Odilon Braga, com a sua célebre entrevista, desfechar o primeiro tiro da batalha. Em Muzambinho, respondeu-o o sr. Licurgo Leite, vice-presidente da UDN, um dos valores novos na direção do partido. Outros chefes tomam posição para a grande luta. No norte, no sul, no centro.

Para conter os novos batalhões udenistas que marcham, os isolacionistas tentam envolver o Brigadeiro. Fazê-lo, com atos de presença em sonelidades políticas — pelo menos isso — impedir que a UDN realize os objetivos que determinaram a renovação nos quadros diretivos para conter o desenvolvimento do novo sentido, apelam para a figura inspiradora do partido — o Brigadeiro Eduardo Gomes — procurando atingir o seu objetivo.



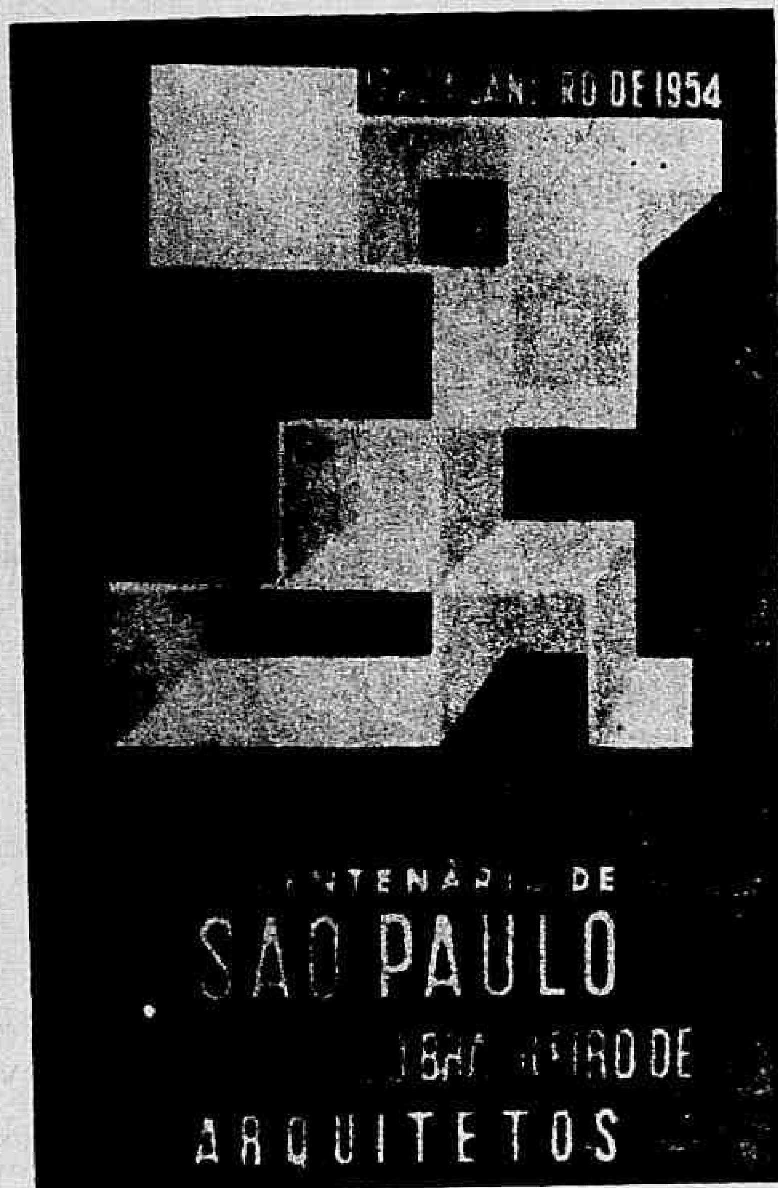
CENSURADO
... ou REALÇADO
com maillots
Confiança
A venda
nas melhores casas
do ramo
EXIJA A MARCA
Confiança

REPRESENTANTES:

Recife: Nordeste Representações Ltda. — R. Barão São Borja, 181, 1º ★ Salvador: M. Palatnick — Av. 7 de Setembro, 23, 2º, s/5 ★ Pôrto Alegre: Fernando A. Guimarães — R. Dr. Timotheo, 289, s/3.

OS ARQUITETOS EM CONGRESSO

De 17 a 24 de Janeiro, o certame ★ No Rio os srs. Léo Ribeiro de Moraes e Osvaldo Corrêa Gonçalves.



● Os arquitetos do Brasil vão se reunir, em São Paulo, no «IV Congresso Brasileiro de Arquitetos», que terá por sede aquela capital e cujo início está marcado para o dia 17 de janeiro do corrente ano. Com o propósito de convidar os engenheiros do Distrito Federal para o importante conclave, estiveram nesta Capital os srs. Osvaldo Corrêa Gonçalves e Léo Ribeiro de Moraes, respectivamente secretário e presidente do Congresso. A foto que ilustra êste texto é do cartaz de Di Prete, vitorioso no concurso que se fêz realizar, mediante o qual foi escolhido o cartaz que deveria ilustrar a publicidade oficial do certame.

OS CANDIDATOS TERÃO QUE SABER...

(Continuação da página 15)

E esclarece, finalizando, que a Associação tem uma bande
qual confeccionada deve respeitar a seguinte forma e côres:
Art. 38 — Esta Associação tem como símbolo uma bandeira
branca com 5 (cinco) listras horizontais, verde-mar, e no centro
circunferência em azul celeste com as iniciais A.C.E.D.F. em
ouro e no meio desta circunferência um círculo branco com
gráfico representando a mão colocando uma sobrecarta na
Parágrafo único — A Associação adotará ainda para seus
ciados um distintivo representando a sua bandeira.
Conta com 3 meses de atividades, 215 associados (cabos eleito
91 sócios fundadores, 28 Diretores, um Conselho Fiscal, que nã
reuniu até hoje.

DIRETORIA

A sua diretoria está composta dos seguintes cavalheiros:
Presidente — José Lima de Andrade (funcionário do Lóide
sileiro — Divisão de Faltas e Avarias); 1º Vice-Presidente —
Zecckê (funcionário público — Departamento de Rendas Merca
2º Vice-Presidente — João Borges Monteiro (funcionário do D.F.
— Serviço de Transporte); Secretário-Geral — Renato Nunes da R
(funcionário do D.F.S.P. — Serviço de Transporte — motori
1º Secretário-Adjunto — Newton Oliveira Freire (jornalista); 2º S
tário-Adjunto — Joel Monteiro (funcionário público — Ministéri
Marinha); Tesoureiro-Geral — José Ferreira Loureiro (funcionári
D.F.S.P. — Serviço de Transporte); 1º Tesoureiro — João dos S
Silva (comerciário — alfaiate — o «Tesourinha de Ouro» da P
Tiradentes); 2º Tesoureiro — Válter Rodrigues de Carvalho (fu
nário do D.F.S.P. — Serviço de Transporte); Diretor Social — Rô
Augusto Ferreira Lima (funcionário autárquico); 1º Procurador-G
— Olinto Pinto Mendonça (agricultor em Queimados); 2º Procura
Geral — Jacob Serpa Pasteps (funcionário do SAPS); Direto
Propaganda — dr. Eduardo de Campos Góes (capitão médic
Exército). E mais 15 suplentes.

SALÃO DE BAILE

Quase meia-noite uma platéia reduzida ainda ouviu o secre
geral espoletar seus tirinhos finais de oratória extra-assem
À porta dos Turunas, mais próximo da padaria, ficaram três
siasmados cabos discutindo as possibilidades da próxima assem
«Com essa mania de Renato de falar o tempo todo — coment
— ninguém vai querer voltar».
«Em última instância — fêz o outro — pode-se pegar qualquer
Feio é não ter ninguém. Qualquer maior de idade é eleitor. E
menos uns vinte a gente arranja para ser cabo eleitoral. É só
na porta, e ir empurrando escada acima, pro salão de b

OS DONOS DA RUA

(Conclusão da página 11)

PONTO FINAL — O itinerário do habitante do Rio é sempre o
mo: sai de um ponto qualquer da cidade e chega sempre ao ce
rio. Êle nunca sabe ao certo se voltará àquele dia para casa. D
de-se da multer, dos filhos, parte para o trabalho. Uma noite êle
vem jantar, nem ao menos dá um telefonema para a espôsa. A
cupação e o nervosismo da família se diluem em lágrimas de d
pêro no dia seguintee. Êle não voltará mais. Foi mais um inquilin
cidade, vítima dos proprietários das ruas.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

(Continuação da página 25)

Mais tarde contei a nossa conversa para as outras pequenas e
ficaram curiosas de saber os outros dois nomes apontados por An
mas me recusei a revelá-los e estou disposto a levar o segrêdo
o túmulo comigo.

Damos algumas voltas durante uma hora por Rijeka. Procur
interessar por uma ou outra construção, algumas velhas, outras n
alguns detalhes, uma escada original, a arborização.

— Isto não está mal (comento).

— Ora, meu pobre rapaz, isto tudo é horroroso, nada de salv
aqui (contesta Andrea). Que cidade sem graça.

Voltamos para a Casa de Estudantes tontos de sono, só pens
em dormir. Ah! Dormim... Mas encontramos as pequenas fres
repousadas, como flores, depois de uma boa soneca. Tôdas an
dinhas e animadas.

(Continua no próximo nú

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DA PÁGINA 12

1 — Deodoro da Fonseca ★ 2 — Ao seu Imperador ★ 3 — Ceia d
Natal ★ 4 — Popular ★ 5 — Almeida Garrett ★ 6 — 8 de feverei
de 1858 ★ 7 — Pedras das águas saudáveis ★ 8 — Paraíba do Sul
9 — Em profundidade ★ 10 — Ao fenício ★ 11 — Veneziano ★ 12
Bouchard, oficial de Napoleão ★ 13 — O homem ★ 14 — A capiva
★ Suíça.

TODO MUNDO LÊ!

MANUAIS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

87	PARA LIMITAR OS FILHOS	20,00
67	ESTIMULANTES SEXUAIS	15,00
5	GUIA INTIMO DA SEXUALIDADE	15,00
4	COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS	15,00
6	VIGOR SEXUAL	20,00
18	COMO EVITAR A SOLIDAO AMOROSA	15,00
95	ANORMALIDADES SEXUAIS	20,00
164	TESTES DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE	15,00
125	PRATICAS SEXUAIS NO MATRIMONIO	20,00
126	PSICOSSEXUALIDADE	20,00
127	HABITOS SEXUAIS DO HOMEM	20,00
145	VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL	20,00
3	A FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO	15,00
7	DICIONARIO MODERNO DO SEXO E DO AMOR	15,00
66	PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS	15,00
130	SEXO E PSICANALISE	20,00
91	ESTUDOS SOBRE O AMOR E O SEXO	15,00
92	A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL	15,00
166	A EDUCACAO SEXUAL DOS FILHOS	20,00
174	MANUAL DA VIDA SEXUAL	20,00
160	ENFERMIDADES SEXUAIS	20,00
193	A CURA DA IMPOTENCIA SEXUAL	20,00



OS MELHORES ROMANCES DO MUNDO (Cr$ 10.00 cada)

179 - SIENKIEWICZ - QUO VADIS
181 - WILDE - O RETRATO DE DORIAN GRAY
184 - DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE
210 - VICTOR HUGO - O HOMEM QUE RI
218 - TOLSTOI - ANA KARENINA
222 - JOSE DE ALENCAR - IRACEMA
224 - JOSE DE ALENCAR - UBIRAJARA
227 - MANUEL MACEDO - A MORENINHA
229 - DUMAS - A DAMA DAS CAMELIAS
240 - GUIMARAES - A ESCRAVA ISAURA
249 - OHNET - O GRANDE INDUSTRIAL
250 - PREVOST - MANON LESCAUT
251 - DUMAS - A MÃO DO FINADO
252 - STEVENSON - A ILHA DO TESOURO
254 - SAINT-PIERRE - PAULO E VIRGINIA
265 - AUSTEN - ORGULHO E PRECONCEITO
266 - BRONTE - MORRO DOS VENTOS Uivantes
269 - EMILE ZOLA - TEREZA RAQUIN
270 - BALZAC - A MULHER DE TRINTA ANOS
284 - RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS
245 - DOSTOIEWSKY - O JOGADOR
285 - A VIUVA ALEGRE (ROMANCE)
228 - MANUEL MACEDO - O MOÇO LOIRO
223 - DUMAS - O CONDE DE MONTE CRISTO
207 - DOSTOIEWSKI - CRIME E CASTIGO

ATENÇÃO! — ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR!

ROMANCES MARAVILHOSOS DA COLEÇÃO "AMOUR-AMOUR" — Cr$ 10.00 cada

F1 - M. DELLY - SONHO DE AMOR
F2 - WANDA BONTÀ - OLHOS SOMBREADOS
F3 - HENRI ARDEL - MULHER E NADA MAIS
F4 - C. BRAME - O SEGREDO DE SUA VIDA
F5 - C. BRAME - ROSA DE JUNHO
F6 - C. BRAME - O AMOR ENTRE AS FLORES
F7 - M. MARYAN - DO ODIO AO AMOR
F8 - CHANTEPLEURE - MEU GRANDE AMOR
F9 - M. DEZIT - O SEGREDO DE SONIA



SELEÇÃO "PARA A MULHER" — Cr$ 15,00 cada

272 - GUIA DE BÔLSO PARA CRIAR O BEBE
236 - METODO DE CORTE E COSTURA s/mestre
156 - ASSIM SE EMAGRECE COMENDO
149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL
161 - CONQUISTE AMIZADES p/SIMPATIA
193 - DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS
197 - HOROSCOPOS PARA TODOS
199 - HOMEOPATIA PARA TODOS
213 - O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES
220 - LIVRO DE BOLSO p/ENFERMEIROS
244 - TECNICA DE INJEÇOES E CURATIVOS

LIVROS DE COZINHA — Cr$ 10.00 cada

83 - A COZINHA ITALIANA
85 - A ARTE DE FAZER DOCES
86 - A COZINHA NORTISTA
79 - A COZINHA FRANCESA
221 - PRATOS ECONOMICOS E SABOROSOS

PARA A MULHER

PARA AS CRIANÇAS



A MARAVILHOSA "COLEÇÃO PERERECA" — LIVROS ILUSTRADOS A CÔRES (Cada um a Cr$ 6.00)

P - 1 - ABC - CARTILHA INFANTIL
P - 2 - O SONHO DE TOQUINHO
P - 3 - O GATINHO PERDIDO
P - 4 - QUICA - A MACAQUINHA
P - 5 - OS PINTINHOS CONVENCIDOS
P - 6 - ENFRENTANDO O PERIGO
P - 7 - A PEQUENA COSTUREIRA
P - 8 - AS BARBAS DE PAPAI NOEL
P - 9 - AS INVENÇOES DO GASPARINHO
P - 10 - JONKO - O MAGICO DOS BICHOS
P - 11 - TARECO E O AUTOMOVEL
P - 12 - PIPOCA - BONECO MARAVILHOSO
P - 13 - ENTRE AS ESTRELAS
P - 14 - O ESTOURO DOS SACIS
P - 15 - A PEQUENA DONA DE CASA
P - 16 - INESPERADA GLÓRIA
P - 17 - NO REINO DAS CORES
P - 18 - A ESPADA MAGICA
P - 19 - NO MUNDO DOS ANIMAIS
P - 20 - AS DUAS NOITES DE NATAL
P - 21 - CACHITO
P - 22 - O CACHIMBO DO SACI
P - 23 - UMA AVENTURA NA FLORESTA
P - 24 - BARTOLO — O BONECO
P - 25 - O "MÃO DE AÇO"



NAS BANCAS DE JORNAIS
PROCURE TODOS OS MESES

o COCKTAIL de PALAVRAS CRUZADAS
SELEÇÕES DAS MAIS INTERESSANTES

a COLEÇÃO AMOUR-AMOUR
DELICIOSOS ROMANCES PARA A MULHER

a COLEÇÃO PERERECA
MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ILUSTRADAS P/CRIANÇAS

LIVROS ÚTEIS PARA TODOS — Cr$ 15.00 cada

90 - CARTAS-MODELO p/TODOS OS FINS - 1.º
257 - CARTAS-MODELO p/TODOS OS FINS - 2.º
20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR
162 - FORMULARIO CORRESPONDENCIA Social
237 - GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL
36 - MANUAL DO MOTORISTA
138 - ENGUIÇOS DE AUTOMOVEL
141 - APRENDA A DIRIGIR SEM MESTRE
168 - GUIA DO MECANICO DE AUTOMOVEL
192 - 1001 INFORMAÇÕES UTEIS - 1.º VOL.
247 - 1001 INFORMAÇOES UTEIS - 2.º VOL.
233 - FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES
129 - JIU-JITSU SEM MESTRE
170 - APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE
27 - FALE E ESCREVA CORRETAMENTE
26 - ERROS DE PORTUGUES E S/CORREÇOES
96 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE
122 - DISCURSOS PARA TODAS AS OCASIÕES
168 - A ORTOGRAFIA CORRETA
171 - APRENDA A FAZER VERSOS
183 - CONSTROI A TUA PERSONALIDADE
186 - VOCÊ SABE CONVERSAR?
209 - E FACIL GANHAR DINHEIRO
201 - DICIONARIO DE SINONIMOS
253 - LEIS TRABALHISTAS SIMPLIFICADAS
246 - APRENDA A FOTOGRAFAR
190 - REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL
182 - REGRAS PARA VENCER NA VIDA
158 - APRENDA A FAZER MAGICAS
219 - 500 TESTES DE PORTUGUES
51 - REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS
153 - FORMULAS PARA GANHAR DINHEIRO
214 - TENHA SANGUE FRIO
230 - COMO SE FIZERAM AS Grandes Fortunas
13 - COMO LER OS PENSAMENTOS
69 - TIRA DUVIDAS DE PORTUGUES
234 - MANUAL DO FOTOGRAFO AMADOR



VENDAS:

RIO:
AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR:
PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE:
RUA DA PALMA - LOJA - 6

E TAMBÉM: em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" em todo o Brasil.

INTERIOR:
PEÇA PELO **REEMBÔLSO POSTAL**, ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

1 LIVRO GRÁTIS PARA OS PEDIDOS ACIMA DE 10 LIVROS

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 12-B — Rio de Janeiro
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros, cujos nomes indico abaixo:

NAO MANDE DINHEIRO; OU SELOS. NADA ADIANTADO. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100.00, há aumento de 10%. (Não temos catálogos)

NOME

RUA

LOCALIDADE

ESTADO

EM 1953 O TEATRO (NO BRASIL) ESTEVE PÉSSIMO E ÓTIMO



Dulcina fêz de «O Imperador Galante» um um bonito espetáculo, digno de ser apreciado.

Os campeões da bilheteria ★ A fibra de «Os Artistas Unidos»: «The show must go on»... ★ O êxito da Companhia Dramática Nacional ★ Sra. Sérgio Kroeff «née» Virgínia Lane. Sucesso do «Follies» ★ Gente nova brilhante: no Teatro Duse e no «Studio 53» ★ O «estalo de Vieira» André Villon.

Reportagem de SOUTO DE ALMEIDA





O casamento da «vedette» Virgínia Lane também um grande acontecimento jornalís

● «O Imperador Galante» foi outro sucesso financeiro. Peça que andou pelo repertório de Roulien e ficou muito tempo aguardando a oportunidade de ser montada pela Companhia Dulcina-Odilon, teve finalmente a sua «chance» na temporada de 1953. Com grande êxito de público, registe-se. A habilidade de Dulcina como diretora fêz do original de Raimundo Magalhães Júnior um espetáculo de boa qualidade, embora o texto não tivesse contribuído para aumentar os méritos do autor.

EM 1953 o interêsse pelo teatro cresceu, apesar do mal crônico: falta de casas de espetáculo. Isto porque o padrão artístico dos espetáculos tem-se desenvolvido mostrando que a sempre lançada pelos diversos movimentos de renovação (Teatro do Estudante, Os Comediantes), já começou a frutificar pelo apuro das apresentações. Companhias veteranas como a de Eva Todor e Alda Garrido contrataram cenógrafos e diretores de mérito acompanhando o ritmo de progresso. E grupos novos também se cercaram de elementos técnicos capazes. Nesse ponto o teatro no Rio tem evoluído. Do ponto de vista literário, porém, o nosso teatro pouco progresso apresentou, o que é de lastimar-se considerando só podermos ter um verdadeiro teatro com bases em literatura dramática definitiva.

● Em Copacabana, Zilco Ribeiro acertou cheio com as duas revistinhas de bôlso apresentou no teatro Follies: «Tout va très b e «O.K. Baby». Zilco Ribeiro teve um mérito: velou um autor (Meira Guimarães) e lan dois artistas de grandes possibilidades pa gênero; os comediantes Consuelo Leandr Pituca. Um elenco de gente jovem tendo c primeira figura Virgínia Lane. Aliás, ao ap das luzes de 53, Virgínia passou a ter «madam antes do nome.

COMPANHIA DRAMÁTICA NACIONAL

● Há o capítulo da Companhia Dramática Nacional. Atacada por alguns, censurada por outros, aplaudida por muitos, a idéia, porém, vingou pela excelente realização em que se converteu. Foram encenadas três peças nacionais — «A Falecida», «A Rapôsa e as Uvas» e «Canção Dentro do Pão» — assinadas por três nomes conhecidos do nosso teatro, respectivamente, Nelson Rodrigues, Guilherme Figueiredo e Magalhães Júnior. Foram espetáculos bem cuidados de qualidade inegável. Quando a Associação Brasileira de Críticos Teatrais se reunir para a votação e escolha dos melhores de 53 das realizações da Dramática alguns nomes hão de pesar na balança: Santa Rosa e José Maria Monteiro pelos cenários e direção, respectivamente, de «A Falecida»; Guilherme Figueiredo pela sua peça «A Rapôsa e as Uvas»; Sérgio Cardoso pelo seu desempenho brilhante de ator na peça de Guilherme e de diretor de «Canção Dentro do Pão»; e, finalmente Leonardo Vilar, pelos seus trabalhos admiráveis nas três peças, é merecedor do prêmio de revelação de ator de 1953. Nosso voto pertence-lhe.



Silveira Sampaio (com Maria Rúbia) na Cinelândia.

● Silveira Sampaio em 53 acrescentou mais um instrumento à orquestra teatral que vinha tocando: tornou-se proprietário de teatro. E assim o já agora autor-ator-empresário-diretor-proprietário de teatro apresentou na sua casa de espetáculos — o Teatro de Bôlso — uma divertida sátira à «Dama das Camélias»: **«O Cavalheiro sem Camélias».** A nova comédia de Sampaio serviu ainda para revelar ao público do Rio uma nova atriz de muito talento: Tereza Austregésilo. E pela primeira vez em sua carreira, Sampaio veiu para a Cinelândia onde também realizou uma bem sucedida temporada no Teatro Serrador.

«STUDIO 53»

● Em matéria de teatro experimental vale a pena ser citado o exemplo de um grupo novo que estreou no Teatro de Bôlso. Todos jovens e entusiastas pelo teatro, imaginosos e com muito talento, os integrantes do «Studio 53» estrearam para uma temporada de segundas-feiras apresentando três peças em um ato. Mas foi tal o sucesso que o «Studio 53» passou a dar espetáculos diàriamente com integral correspondência do público. Animados pelo êxito, voltaram para uma nova temporada que estreou nos últimos dias do ano que recém-findou... E seu jovem dirigente Carlos Murtinho (que divide com Telcy Perez as responsabilidades de organização do grupo) bem merece o prêmio de «revelação de diretor» do ano.

«A CASA FECHADA»

● No Municipal houve Roberto Gomes revivido no Festival do Rio de Janeiro. Bibi Ferreira escolheu «A Casa Fechada» para encenação, revelando ao público uma peça em um ato de inegável vigor, tanto pelo desenvolvimento da trama como pela descrição psicológica dos personagens. O valor antológico da peça de Roberto Gomes compensou a supera «Ceia dos Cardeais», apresentada na segunda parte do espetáculo a título (pelo chamariz para o grande público (p reunião de três conhecidos atores: Sérgio Cardoso, João Villaret e Jaime Costa).

CAMPEÕES DE BILHETERIA



● Na comédia houve alguns resultados financeiros fabulosos. Começou com «Dona Xepa», de Pedro Bloch (o autor descobrira com «As mãos de Eurídice» a pedra-filosofal do teatro, receita de fazer dinheiro que vingou também com «Dona Xepa»), que a excelente Alda Garrido converteu numa grande performance, através de um espetáculo bem montado e dirigido. Apenas Alda cometeu um êrro: retirou a peça do cartaz, ainda na plena fôrça do êxito, para uma excursão a Portugal, que malogrou principalmente porque o público português não receberia com entusiasmo um gênero tìpicamente local, isto é, bem carioca..



● Com grande clarinadas e uma forte propaganda, Oscarito estreou na comédia. Com a espôsa Margot (que teve grandes dias no teatro de revista) e a filha Miriam (que demonstrou muito jeito para a comédia). O espetáculo, também bem montado e dirigido (o cenário e a direção foram de Fernando Pamplona e Mário Brasini, que também assinaram a produção de «Dona Xepa), transformou-se em sucesso de bilheteria pela presença de Oscarito, principalmente, porque o texto feito sob encomenda, é dos mais fracos. Mas, a popularidade de Oscarito através dos seus sucessos no teatro de revista, no cinema e gravações, levou um mundão de gente para assisti-lo no teatro Glória.



● Na revista, mais uma vez Válter Pinto apresentou um espetáculo «mina de ouro», estilo superprodução, com riqueza, muito dinheiro gasto, montagem suntuosa, mulheres bonitas, muito bem despidas, Mesquitinha esplêndido, Ivaná (com acento agudo sôbre o «a») e mau gôsto. De tudo isso surgiu «É Fogo na Jaca», que rendeu milhões e faz a gente não se envergonhar de que, no gênero, se apresenta lá pela estranja...

53 — UM ANO DIFÍCIL PARA OS "ARTISTAS UNIDOS"

É de se tirar o chapéu diante da fibra de «Os Artistas Unidos». Durante sete anos, sem interrupção, a companhia dirigida por Henriette Morineau veio crescendo e se impondo à admiração do público pela regularidade e alto nível de seus espetáculos até atingir à invejável situação de um dos melhores conjuntos permanentes do Brasil. Mas, em 1953, a fatalidade reservou-lhes um golpe terrível: o incêndio de seu teatro, o magnífico teatro Copacabana. Fato que não abateu seus empresários (Carlos Brant e Hélio Rodrigues) nem os artistas. Foram para o República, onde realizaram uma temporada brilhante a preços populares. Outro desgosto, porém, estava reservado ao grupo. Vítima de mal súbito, falecia inesperadamente Hélio Rodrigues. Novamente em foco a fibra da companhia. «The show must go on»... E no dia seguinte ao entêrro de Hélio, «Os Artistas Unidos» estreavam o seu novo cartaz: «Daqui não saio». Porque o amor ao teatro de Hélio justamente impelia os companheiros ao trabalho. E o espetáculo continuou...

Teatro Duse prosseguiu sua missão de renovação



● Em Santa Teréza, no seu minúsculo (100 poltronas) Teatro Duse, Pascoal Carlos Magno vem dando prosseguimento ao grande trabalho iniciado em 1952, quando se propoz dar oportunidades aos novos autores, atores e diretores. Isto é, transformando o seu Duse num legítimo laboratório para experimentos com vocações novas. Entre os espetáculos do ano que findou, a adaptação que Leo Vitor fêz de «O Idiota» foi sem dúvida o espetáculo de maior categoria, a que se seguiram outras tantas realizações experimentais. No Teatro Municipal, o Teatro do Estudante do Brasil apresentou-se em grande forma num espetáculo de imensa beleza plástica. «A Hécuba», que Pascoal Carlos Magno dirigiu, foi um dos pontos altos do Festival do Rio de Janeiro.

DISCOS

A Semana EM REVISTA



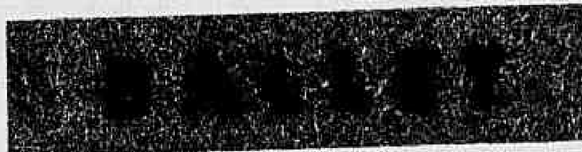
EMILINHA BORBA

EMILINHA BORBA — «E' o maior» e «Segue o teu destino» — No primeiro, um falso mambo, de nada adiantou a colaboração do Trio Madrigal. No outro, um bolero, com a colaboração da orquestra de Chiquinho, Emilinha está como sempre — medíocre. (Continental)

LUÍS BONFÁ — «Uei, Paisano» e «Marcha escocesa» — Luís Bonfá tem duas características marcantes: é um excelente instrumentista (violão) e tem péssimo gôsto para escolher seus números. Êste disco, por exemplo, dá sobejas provas disso. Francamente rapaz, que idéia infeliz essa de gravas «Uei, Paisano». (Continental).

BERNARD HILDA — «Samba» e «My funny Valentine» — Imaginem os franceses prensando aquelas gravações de Ivon Curi em francês. Imaginaram? Pois fica só na imaginação, que ninguém pensaria num absurdo dêsses na França No Brasil sim, é que dá disso. Vejam êste samba que Bernard Hilda gravou. E' o que há de superior em ordinário e, no entanto, foi editado aqui no Rio. E' de amargar. — (Continental).

MANÈZINHO ARAÚJO — «Tarado por mulher» e «Dendê tapiá» — Ah, êste sim, é um número excelente: «Côco dênde tapiá, tá com jeitinho de imbolá». Um velho sucesso do inimitável Manèzinho Araújo. Bom disco, bom disco. — (Continental).



POUCAS — ou talvez nenhuma — novidades no setor do «ballet» nacional. Apenas uma injustiça: a transferência sumária de Maryla Gremo do «corpo de baile» do Municipal para a escola do teatro, como professôra de principiantes.

E se dizemos injustiça é porque trata-se de uma artista que poderia



TAMARA CAPELLER

ainda prestar valiosa contribuição para o bailado brasileiro. A antiga, é verdade, mas com capacidade para dançar papéis que pedem dançarinos amadurecidos técnica e artìsticamente — e não principiantes inexperientes, como é comum entre nós. Além disso, Maryla Gremo é uma boa coreógrafa, o que quer dizer, uma criadora de bailados, um dom que poucos possuem.

Sua criação «Mefisto Valse», música de Liszt, foi um dos trabalhos mais fortes apresentados nas últimas temporadas. Maryla Gremo tem ainda vários outros «ballets» em preparo, que se lhe permitissem montar, só poderiam ser em benefício do «ballet» do Municipal.

No entanto, aconteceu justamente o contrário, a bailarina foi afastada do corpo de baile, embora a dedicação tenha sido grande durante todo o tempo em que serviu.

Nascida na Polônia, estudou na Europa, com Edwardova e Cecchetti...

CARTAZES

Fim de semana

Ela bateu o pezinho no chão e insistiu:

— Absolutamente! Você não tinha o direito de fazer isso comigo!

Êle acendeu um cigarro e ficou olhando. Caminhou até o rádio e displicentemente virou o botão. Queria fingir não estar escutando, mas era inútil, a mulher continuava:

— Pensa que eu sou capacho para você pisar? Pois está muito enganado.

Quando êle abriu a boca para responder (não pensava que ela era capacho), uma voz irrompeu na sala:

— Os intestinos limpos evitam certas situações constrangedoras. Mantenha os seus...

Marido e mulher, a um só tempo, olharam com desagrado para o aparelho de rádio.

— Se você quiser eu telefono desmarcando — concordou êle, paar encerrar a discussão.

— Absolutamente! Eu quero ir também.

A voz pelo rádio continuava:

— Basta ser um rapaz direito...

O marido ergueu um dedo no ar e voltou-se para a espôsa:

— Basta ser... Quero dizer, basta telefonar dizendo que você vai também, ora essa.

Ela achou ainda que com isso a discussão não se encerrara:

— Porque você não disse a êles, desde o comêço, que eu iria? Sempre gostei mais de Petrópolis do que você.

Êle suspirou condescendente e falou nas crianças, alguém teria de ficar para tomar conta delas.

— Por isso não, levamos também as crianças — incluiu ela.

Vozes de crianças saiam do rádio, musicando o ambiente:

— Magnésia leitosa, gostosa, fiel...

Calados os dois se olhavam sentindo que não havia mesmo mais nada a discutir. No íntimo êle preferia ir sòzinho.

— Está bem, está bem — e ergueu os ombros: — Eu, vocês, as crianças, vai todo mundo

E a voz pelo rádio: — Todo mundo se coçava, num recoreco perene!

* * *

Nem todos podem ir a Petrópolis no fim de semana, ainda mais levando a mulher e as crianças. Alguns preferem desistir a bem da tranqüilidade doméstica, e passar o domingo ouvindo rádio. Ora, o rádio é essencialmente instrutivo: alguns anúncios ensinam como se deve acabar com as caspas na sombrancelha, outros como acabar para sempre com baratas, pulgas, ratos, percevejos, etc., outros ainda, no programa do almôço, ensinam como combater o mau hálito. Nada melhor para o recolhimento espiritual do que um programa de auditório. Um dia dêsses uma emissôra chegou a apregoar que o bem estar do "rádio-ouvinte" estava para sempre direta e irremediàvelmente subordinado à "Hora do Pato".

* * *

E, enquanto isso, nosso casal chegava de Petrópolis, no dia seguinte, cansado de se divertir com as crianças, no seu lamentável fim de semana.

— Estou com os pés em brasa! — disse êle ao entrar, tirando logo os sapatos.

Na sala, o rádio que fôra esquecido ligado, continuava na sua faina de aconselhar: — Não use calos! Use...

— Meu Deus, você esqueceu o rádio ligado! Podia ter pegado fogo na casa — disse ela, correndo para a sala.

Antes que desligasse o aparelho, ela teve ainda tempo de ouvir a última recomendação:

— O seu rádio parou? Chame Amadeu, o campeão das válvulas.

GETÚLIO SENSACIONAL: ESTOU SENDO SABOTADO!



GETÚLIO E CAFÉ

EM discurso pronunciado na manhã do dia 19 último na cidade de Curitiba, abrindo a Conferência dos Governadores da Bacia do Paraná, o sr. Getúlio Vargas abordou o grave tema da energia elétrica. Apontando a urgente necessidade da solução dêsse problema, denunciou o chefe do Govêrno que fôrças contrárias aos interêsses do país, estão criando tôda sorte de dificuldades. Disse o sr. Vargas que emprêsas privadas, que já auferiram enormes lucros, "estão asfixiando nosso progresso, emprêsas que já exportaram, como dividendos, muito mais em cruzeiros que o capital efetivamente aplicado. Em vez do dólar estar rendendo cruzeiros, o cruzeiro é que está rendendo dólares". E o orador concluiu dramàticamente: "das duas uma: ou criamos um fundo especial para resolver o problema com nossos próprios recursos ou teremos de encampar essas emprêsas".

...ndo em pouco considerada «menina prodígio» da dança. Chegou ao Brasil adolescente e ingressou no Teatro Municipal, criando-se para ela o lugar de «prima-ballerina», o que acontecia pela primeira vez no Rio. Serge Lifar, quando com ela aqui dançou, em 1934, quis levá-la para a Europa, tendo Maryla se recusado, permanecendo a serviço do corpo de baile, donde agora é desligada, sem que para isso haja uma razão plausível.

E JÁ QUE quase nada há a dizer sôbre «ballet», falemos de uma bailarina. Tâmara Capeller, por exemplo, que vem de uma temporada com o Corpo de Baile do Municipal — ao qual pertence — em Montevideo.

Tâmara, apesar das críticas pouca favoráveis ao programa, em geral, mereceu honrosas referências da imprensa uruguaia, levando-nos a crer que está tornando à antiga forma, voltando a ser a brilhante bailarina que, há 10 anos, despontara como uma grande esperança do «ballet» nacional.

Desde menina, quando ainda era aluna de Mme. Olenewa, Tâmara Capeller vinha se dedicando com afinco à arte de dançar. Depois — em 1943 — sua aparição no «Pizzicato», de Delibes, foi um dos grandes êxitos da temporada de Veltchek.

Quando Igor Schwezoff, professor e coreógrafo russo, veio realizar a temporada de 1945, destacou Tâmara para vários «ballets» importantes, declarando mesmo ser ela um dos valores mais fortes do bailado brasileiro. Dois anos depois, ainda com Schwezoff, Tâmara foi primeira bailarina no «Ballet da Juventude», grupo do qual foi uma das fundadoras.

De volta ao Municipal, em temporadas seguintes, continuou com sucesso, especialmente no «Pas de deux», «Cisne Negro» e em «Copélia».

Ùltimamente, porém, Tâmara Capeller parecia ter perdido o gôsto e a inspiração pelo «ballet», com desempenhos relativamente apagados. Mas veio a temporada do Corpo de Baile em Montevideo e as suas «performances» em «Pas de Quatre», «Variações Sinfônicas» e «Luta Eterna» mereceram referências elogiosas da crítica estrangeira.



ELVIRA PAGÃ

O «MAXIM'S», bar que marcou época em Copacabana, quando ali trabalhava o simpático «barman» Freddy, ora em New York, parece disposto a recuperar a freguezia e o prestígio perdido. Contratou um pianista e a direção tem planos para apresentar um pequeno «show», tôdas as noites. Independente de tais providências, o «Maxim's» acaba de inaugurar a sua filial em Petrópolis, o que, certamente, será a grande novidade na temporada de veraneio da cidade serrana.

LOGO NO INÍCIO do ano as «boites» dos hotéis Glória e Serrador, ou sejam, o «Beguin» e o «Night & Day» apresentarão seus «shows» de carnaval. No «Beguin» estreará o espetáculo dirigido por Silveira Sampaio, intitulado «Quem roubou meu samba?», enquanto que, no «Night & Day», uma revistinha nos mesmos moldes, faz uma pergunta diferente: «Quem inventou a mulata?». Sendo que êste «show» é assinado por Fernando Lôbo e Ari Barroso, dois veteranos no assunto.

CARLOS MACHADO dá o grande no «Casablanca», com «Esta vida é um carnaval», sem dúvida o mais movimentado e luxuoso espetáculo apresentado no Rio, desde o fechamento dos cassinos. Mas, ao que parece, o empresário não tem sido muito feliz com sua outra «boite» — o Monte Carlo. Ali, encabeçado por Renata Fronzi e Válter D'Ávila está um elenco respeitável, vivendo as cenas de «Qu'est ce que tu penses?». Acontece que os freqüentadores não devem estar pensando nada. Pelo menos não vão lá para opinar.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

QUÉDA DOS CABELOS

Calvície precoce



JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinqüenta anos

PERFIL POLÍTICO

por D.R.



GUSTAVO CAPANEMA — E' dos poucos homens públicos que nunca aceitaram cargos fora da Política. Em setembro de 30, os círculos oficiais do govêrno mineiro comentaram que Olegário Maciel convidara para servir no seu gabinete um rapaz brilhante de Pitangui. O jovem Capanema terminara o curso de Direito da Faculdade de Belo Horizonte, em 1927, na mesma turma de Gabriel Passos, Abgar Renault, Mário Casasanta, Francisco Negrão de Lima,, etc., e andava advogando na Escola Normal de sua cidade. Organizando o Secretariado, quando vários próceres quiseram convencê-lo a renunciar à Interventoria, Olegário — que não dormia de touca — escolheu Capanema para Secretário do Interior. Nesta escolha muito influiu o conselho de Artur Bernardes. Em 30 veio a Revolução. Em 32, Capanema recebeu telegrama de Getúlio, que viajava por Pernambuco, para que assumisse o govêrno de Minas. Quando Benedito Valadares foi nomeado interventor, em 33, Capanema recolheu-se à vida privada e voltou a advogar Promulgada a Constituição em 1934. foi convidado para a pasta da Educação. Antes do golpe do Estado Novo — por volta de 37 — Getúlio pensou em entregar o Ministério da Educação a Plínio Salgado. Ofereceu então o lugar de Ministro do Supremo ao líder de hoje. Capanema recusou: Eu sou é político. O deputado mineiro tem hoje 53 anos e, apesar de viver queixando da saúde, está bem conservado. Foi o relator da Comissão que redigiu a Constituição de 45 e depois aceitou a aspérrima função de líder da maioria. Gustava Capanema tem sido um político cem por cento. E um parlamentar na acepção do têrmo: combativo, inteligente, leal, honesto. Suas excepcionais qualidades de homem público são louvadas pelos amigos e reconhecidas mesmo pelos adversários políticos do antigo advogado de Pitangui.

Semana POLÍTICA

Novamente reforma

CARLOS CASTELLO BRANCO

● *O Ministério que sucedeu ao de Experiência começa a sofrer procesos de dissolução. As coisas se passam exatamente como da vez anterior. Pessoas ligadas ao Catete desencadeiam a ofensiva de rumores e informações. Desta vez, embora a pasta da Fazenda não esteja imune à ofensiva de derrubada, o centro de tudo é o ministro do Trabalho, sr. João Goulart. Desobedecendo instruções do Catete com relação à política do Rio Grande do Sul, onde o sr. Getúlio Vargas estaria interessado em conciliar para evitar a derrota, o ministro teria cometido grave êrro político, em conseqüência do qual terminará por ser substituído no seu Ministério antes do que poderia esperar. As primeiras notícias de reforma foram dadas concomitantemente pela "Fôlha da Manhã", de S. Paulo, e a "Tribuna da Imprensa", do Rio, e, embora se apoiando numa fonte comum, tiveram desenvolvimento em fontes autônomas, o que revela que pelo menos mais de uma pessoa está a par da situação e em condições de informar à reportagem independente.*

● *A essas informações, acrescentam-se outras: o futuro titular do Trabalho será do PTB de S. Paulo. E isso, tanto quanto o desentendimento com relação à política no sul, poderia justificar a saída de Jango do Ministério, pois o sr. Getúlio Vargas está no momento empenhado em fortalecer os trabalhistas de S. Paulo para ficar em condições de ditar, no Estado-chave, a solução sucessória que mais lhe convenha. A propósito, convém acentuar que já fêz êle, ali, o secretário do Trabalho do governador Garcez, o sr. José Ataliba Leonel, um homem pertencente ao antigo grupo Danton do PTB e que se passara para o sr. Jânio Quatros, na campanha da Prefeitura. A essa primeira ofensiva, contrapôs-se uma onda de desmentidos oficiais e oficiosos. Desde o sr. Getúlio Vargas — "não há nada disso", declarou — ao sr. Jango Goulart — "os trabalhadores podem continuar satisfeitos, pois estarei no Ministério para defender suas reivindicações" — e aos jornais governistas, tudo foi um côro só em afirmar que o govêrno está sólido.*

Deve-se recordar ainda que, com referência ao Ministério de Experiência, as coisas se passaram exatamente assim. Havia já ministros convidados enquanto os titulares efetivos desmentiam categòricamente, apoiados na palavra do sr. Getúlio Vargas, os "rumores" da sua demissão.

Se não estamos repetindo a história, pelo menos parece...



Essa fotografia de Vicente Rão é de 1932, precisamente da época em que, pelo rádio, segundo contam os historiadores, pregava de S. Paulo o assassínio do presidente da República. Poucos meses depois, o sr. Rão assumia a pasta da Justiça do mesmo presidente. Parece que ninguém morreu, mas de qualquer forma suas vítimas foram outras. Agora êle é ministro do Exterior, com a cumplicidade da UDN paulista.

CANDIDAT NO PARAN



● O sr. Abilon de Souza Neve sidente do IPASE e do PTB do é candidato à sucessão do sr. da Rocha. Se fôr eleito, será o ro mineiro a governar aquêle Os cartazes de propaganda do lon já estão prontos, tendo sido buídos muitos deles pelo inter Estado nesse período de festas. fêz parte da coligação que ele sr. Munhoz da Rocha, ao lado e da UDN, mas tudo indica que vez correrá sòzinho o páreo, a que seja serenado o sr. Abilon nem a PR nem a UDN se incli apoiá-lo.

Se a UDN sair-se bem do ple 1954, elegendo uma boa bancad rá possível o apoio do governad candidato udenista, que seria o tur Santos, presidente da UDN

CANDIDAT À VEREAN

● A cidade já começa a ser c de cartazes apontando os candid Câmara de Vereadores e ao C so. A Avenida Presidente Varg tenta um sem número de placa cadoras de escritórios eleitorais bairros outras tantas faixas são cadas.

Os partidos já estão se re para escolher os nomes que apre rão ao eleitorado. Na UDN, por plo, entre outras, já está assen candidatura de Daniel Costa, lho servidor da Prefeitura que h co tempo saiu de uma interinid Delegacia Fiscal de Santa Cru o gabinete do sr. Mourão Filh Secretaria de Educação. Daniel xou as funções de Assistente d cretário de Educação para se en de corpo e alma, à batalha el Homem do subúrbio. Daniel é u bons concorrentes, pela UDN.

No PSD já está pràticamente vida a indicação de Erasmo M Pedro, que na última eleição n fêz vereador por poucos pontos mo conta com sólido apoio de grupos eleitorais e é realmente me que está à altura de exer mandato popular. Já pelo PR datar-se-á Gilberto Guimarães, de jornal e de teatro que é, fu funcionário da Câmara Municip berto está desenvolvendo uma sa campanha, a fim de brilhar n pa do partido de Pedro Dantas há dúvida de que o Gilberto mesmo passo, um candidato a da confiança popular.

JO JURAC tio de J tência d foi feito. lio Catar

UM NOME, UMA NOTÍCIA

JOÃO CLEOFAS

JURACI MAGALHÃES voltará ao Rio de Janeiro, para assumir a presidência da Petrobrás. O convite já foi feito. Entretanto, também o sr. Plínio Catanhede já estaria mesmo, por instrução do Catete, elaborando, com uma equipe de técnicos, a estrutura da emprêsa petrolífera.

BROCHADO DA ROCHA, cuja candidatura ao govêrno do Rio Grande do Sul já foi levantada por um grupo trabalhista, fica muito satisfeito sempre que observa qualquer tendência para negociar-se ali um candidato de conciliação. «Se cair um candidato laranja — diz — minha vitória é certa».

RODRIGO BARJAS FILHO, presidente do IAPC e político da zona Noroeste paulista vai candidatar-se a uma cadeira na Assembléia Legislativa de São Paulo. Seu partido é o PTB e seus amigos dizem que sua penetração eleitoral lhe assegura o êxito das suas pretensões.

ANTÔNIO BALBINO é de opinião que o governador da Bahia não pode ser um homem sem experiência da vida do Rio, sem contactos, sem informações. Hoje, os governadores precisam estar de vez em quando na capital pleiteando coisas e só quem saiba se mexer no Rio poderá desempenhar-se a contento do cargo.

JOÃO CLEOFAS estará no Recife nos primeiros dias de janeiro, onde se juntará ao sr. Alde Sampaio, que embarcou por mar, para discutir com o governador pernambucano a aplicação do esquema Etelvino, no Estado. «O candidato pode ser um pessedista — diz Alde — contanto que seu nome surja das conversações entre partidos e não sob imposição do PSD».

CAFÉ FILHO anunciou em entrevista que a próxima sucessão será disputada


ANTÔNIO BALBINO

entre os partidários da livre iniciativa e os intervencionistas. No dia seguinte o sr. Getúlio Vargas respondeu-lhe no Paraná, ameaçando encampar a Light: «Meu lado é o do intervencionalismo»

DICIONÁRIO POLÍTICO

BANQUETE — Substantivo do gênero nutritivo. É com banquetes que, no Brasil, costumamos dar certos golpes e lavar certas honras. Para o injuriado, nada melhor do que um banquete com muitos talheres, ainda que a comida seja rara e sem vitaminas. Para um candidato que precisa de prestígio, o recomendável é, também, um banquete, de preferência no Copacabana Palace. E visto que comer é ofício apartidário e que a fome desconhece resistências morais, nos banquetes sempre acontece o «show» da falsa cordialidade: os inimigos mais sangrentos se reúnem em tôrno da mesma mesa e avançam sôbre os mesmos pratos. Quando se tem um estômago vazio e um bife em frente não custa amar o próximo até depois da sobremesa.

CARTA — Substantivo do gênero Sobral Pinto, podendo, às vêzes, atingir o grau Danton Coelho. Por todo o curso da nossa história política as cartas têm desempenhado papel de relêvo. Considerando que estar longe dos olhos é estar longe do desafôro e da bofetada, a carta é sempre uma solução mais segura para resolver certas paradas. Já as tivemos falsas, como as de Bernardes, e as temos sempre hipócritas, cada vez que uma demissão é concedida (concedida?). Às vêzes o sr. Getúlio Vargas se adianta um pouco e agradece (em carta pungente) a demissão, antes que a vítima tenha sequer pensando no assunto. As cartas, hoje em dia, andam impublicáveis. O carteiro-mor da nacionalidade continua sendo o advogado Sobral Pinto. Mas, o sr. Danton Coelho bem que promete.

ETELVINO LINS — Substantivo esquemático, do gênero hipotético. Agricultor da sucessão, o governador Etelvino Lins veio plantar a sua semente pernambucana no asfalto do Distrito Federal. Claro que a semente está passando mal, ainda mais com êsse calor de dezembro e essa falta dágua. Depois de ter explicado a 50 líderes (de responsabilidade) o seu esquema (no qual o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado do Catete), Etelvino descobriu (entre surprêso e chateado) que todos os 50 eram candidatos à presidência da República.

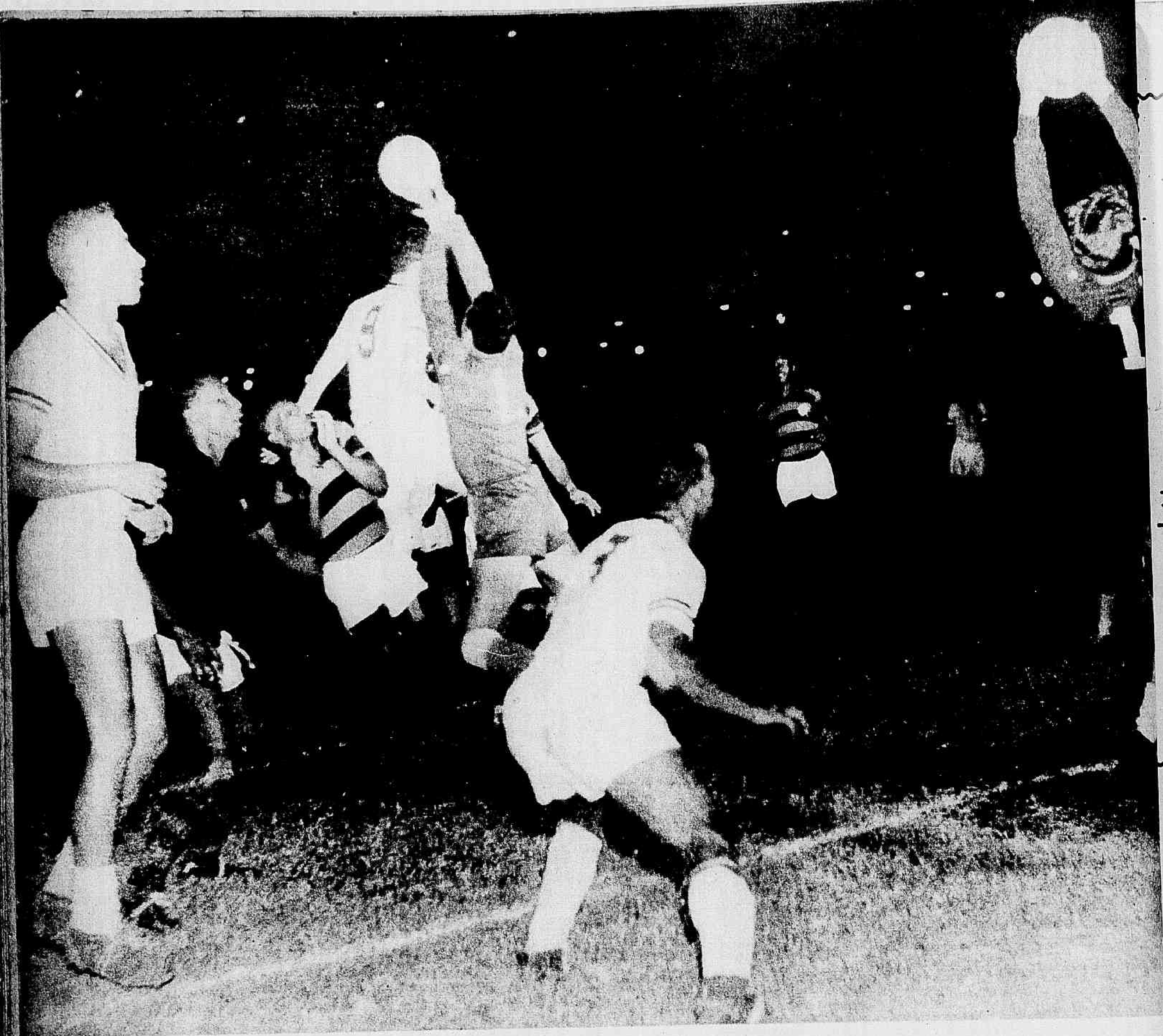

GOIS MONTEIRO

GÓIS MONTEIRO — Substantivo moribundo, ainda que falante, sujeito a entrevistas galopantes e falta de ar. O general pode passar com pouco oxigênio, mas o que lhe dói de verdade é a falta de golpes. Visto que reina a paz e o sr. Cohen está de férias, o falso moribundo Góis Monteiro tem falado apenas para nutrir o vício. As suas palavras, tão cheias de catástrofe, perderam o efeito. Nem mesmo os charadistas da salvação nacional lhe reservam cuidados. O general deixou de ser metáfora; como figura de retórica hoje é apenas uma elipse.

DISCURSO — A conversa-mole do brasileiro tem no discurso o seu grande monumento. O candidato formidável é aquêle que comete 568 discursos em 48 horas. Até o brigadeiro Eduardo Gomes, homem de tão poucas palavras, esvai-se numa oratória hemorrágica, sempre que está candidato. Um político que se preza não escreve os próprios discursos: tem os seus acessores técnicos, os seus virguladores, os seus acentuadores, a sua máquina de escrever. O pior é que êles ainda se sentem obrigados a usar a própria voz e não a de Ava Gardner. O populismo impôs uma inovação nos discursos políticos: o êrro de síntese. Não foi sem razão que o Largo da Carioca conseguiu da Polícia que lhe tirassem a classificação de «praça pública».


ETELVINO LINS

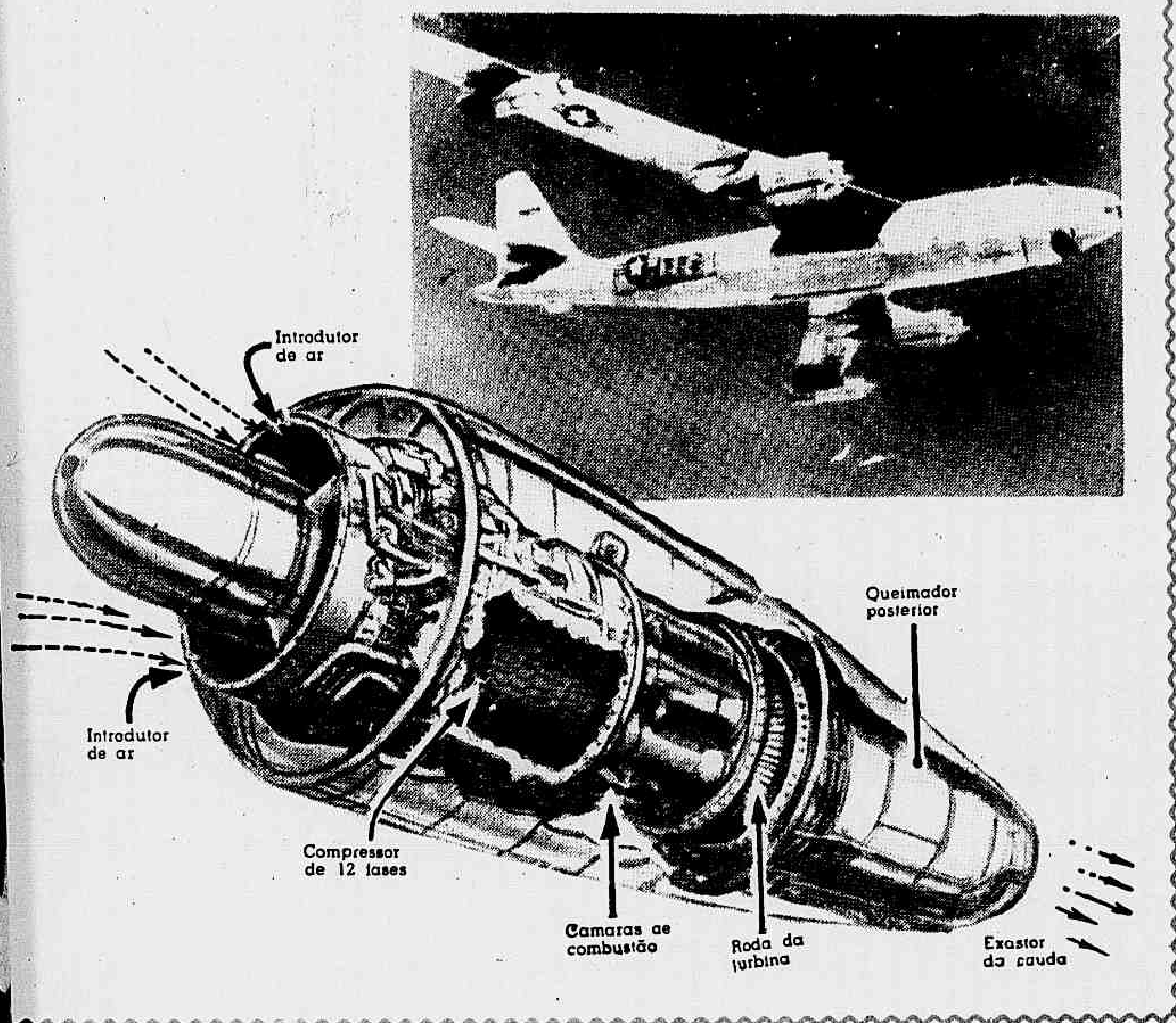
P. G.



ÚLTIMO FLASH

O FLA-FLU NOTURNO

Com iluminação feérica, "por concessão especial" da Light, o Maracanã reuniu têrça-feira última, pela terceira vez no ano, o grande público do Fla-Flu. Em meio a uma torcida entusiasta e ruidosa, o encontro dos velhos rivais manteve um nível de sensação igual ou mesmo superior ao encontro verificado algumas semanas atrás. Ambos os esquadrões jogaram dispostos a vencer. Mas a vitória coube, como aguardavam os prognósticos mais abalizados, ao Flamengo, que marcou dois "goals" (Benitez e Índio), contra um do Fluminense (Quincas). Outros resultados da peleja: Índio contundido no tornozelo, Marinho ferido no joelho, com rutura de ligamentos cruzados, retirado em maca do campo. Pelas bilheterias do "colosso" passaram alguns milhares de espectadores deixando uma renda total de Cr$ 1.433.168,00. Tendo sido um Fla-Flu noturno, considerou-se a soma bastante elevada.

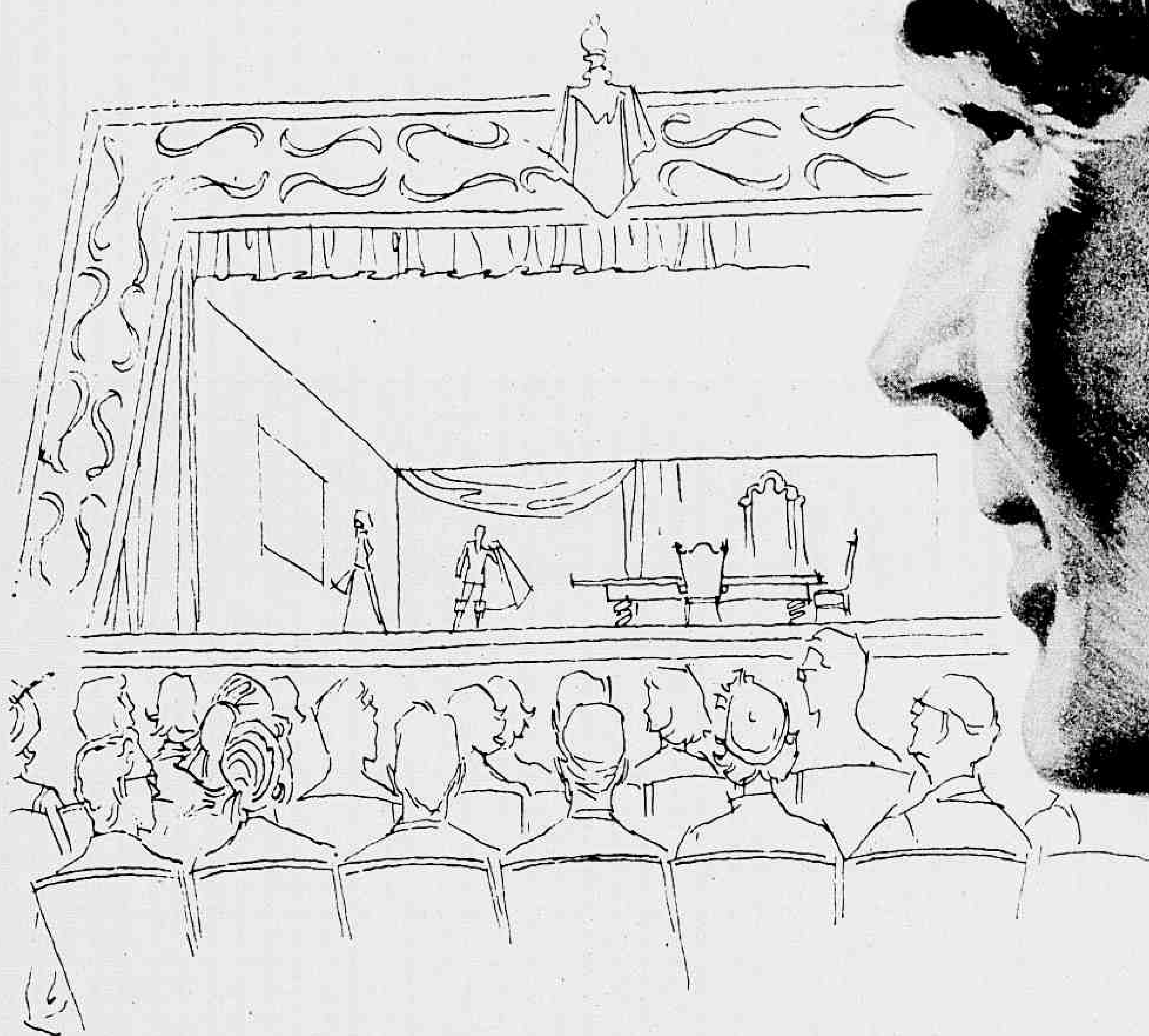


ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954

- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

ESTÁ A VENDA EM TODA PARTE

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



Um crítico de teatro...

...é aquêle que distingue entre as peças a que apresenta mais forte expressão de bom gôsto. Êsse mesmo senso de discernimento é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.54